

DIÁLOGO

Volume 23 No. 2

02/01/12
17:18:34

RAID

EOW

162

COL

AUTO

80



20

15

10

70

75

80

85

90

ACFT

3:44:22N
78:27:02W

266
762

0

345
0.4

3:44:43N
78:27:07W

TG7

**OPERAÇÃO
MARTILLO**
tem como alvo
narcotraficantes

Conversa com o
Almirante-de-Esquadra
John F. Kelly,
comandante do
SOUTHCOM

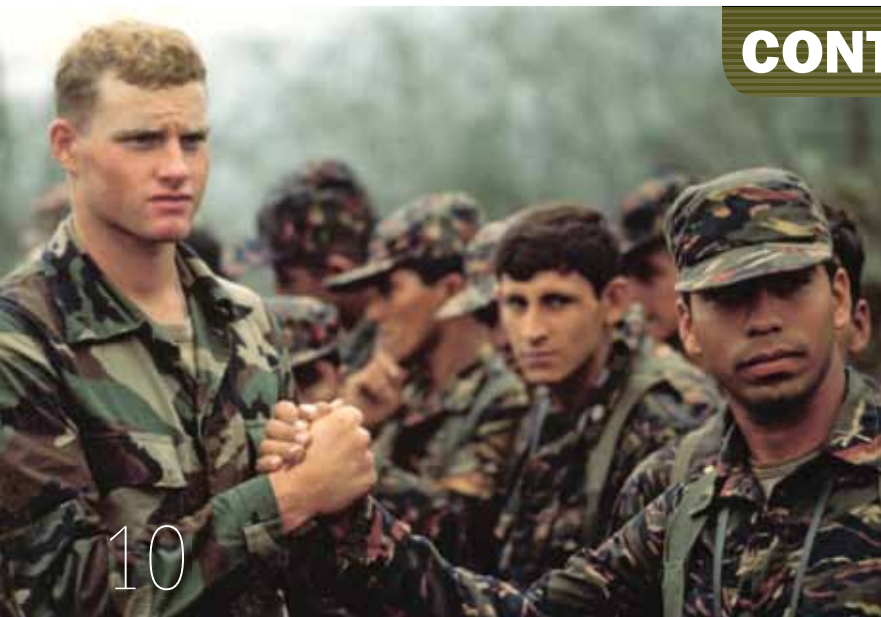


50º ANIVERSÁRIO DO COMANDO SUL



Índice

CONTENTS



Reportagens

FEATURES

- 10** Comando Sul dos Estados Unidos: 50 anos de parceria
United States Southern Command: 50 Years of Partnership
- 16** Operação Alquimia
Operation Alchemy
- 22** Sem saída
No Escape Route
- 26** O USS Gary e a Operação Martillo
The USS Gary and Operation Martillo
- 32** Uma frente comum contra o narcotráfico
A Common Front Against Drug Traffickers
- 38** Nações parceiras treinam juntas para salvar vidas
Partner Nations Spread the Wealth to Save Lives
- 50** Sincronização se torna prioridade no Intercâmbio de Informações Chile-EUA
Synchronization Takes Precedence at Chile-U.S. Information Exchange
- 52** Fiel ao dever
Faithful to Duty
- 58** Segurança do Caribe, uma responsabilidade compartilhada
Caribbean Security, a Shared Responsibility
- 62** CSII: Os olhos e ouvidos do Caribe
CSII: The Eyes and Ears of the Caribbean
- 66** Colômbia aceita o desafio cibernético
Colombia Rises to the Cyber Challenge
- 70** Sucesso dos mega eventos no Brasil depende da interoperabilidade entre todas as forças envolvidas
Military Interoperability at the Helm of Brazil's Mega Events
- 76** Exército brasileiro agracia *Diálogo* com a Medalha Mérito Granadeiro do Imperador
Brazilian Army Honors *Diálogo* with Emperor's Grenadier Medal of Merit
- 78** O emprego de cães militares na Operação Arcanjo
Military Dogs Play Key Role In Operation Arcanjo

A equipe editorial de *Diálogo* agradece aos colegas que nos ajudaram a escolher a capa deste número: Coronel José Antonio Castillo Ortiz, Segunda Brigada de Infantaria, El Salvador; Coronel Carlos Ríos, Oficial de Ligação do Exército do Peru no Comando Sul dos EUA; Coronel Jorge Romero, Oficial de Ligação do Exército da Colômbia no Comando Sul dos EUA; Coronel Alejandro Teobaldo Luján Castro, revista *Comando en Acción*, Peru; Tenente-Coronel Jorge Alfredo Cerrato Paz, 14ª Batalhão de Infantaria, Honduras; Capitão-de-Fragata FN Max Silva, Oficial de Ligação da Marinha do Brasil no Comando Sul dos EUA; Capitão Claudio Escalona, Oficial de Ligação da Marinha do Chile no Comando Sul dos EUA; Major Cristhian A. Regalado, revista *El Ejército Nacional*, Equador, e Argelia Alvarado, revista *MINSEG*, Panamá. *Diálogo's* editorial staff would like to thank those colleagues who helped us choose this issue's cover: Colonel José Antonio Castillo Ortiz, 2nd Infantry Brigade, El Salvador; Peruvian Army Colonel Carlos Ríos, liaison officer at SOUTHCOM; Peruvian Army Colonel Alejandro Teobaldo Luján Castro; Colombian Army Colonel Jorge Romero, liaison officer at SOUTHCOM; Lieutenant Colonel Jorge Alfredo Cerrato Paz, 14th Infantry Battalion, Honduras; Brazilian Marine Lieutenant Colonel Max Silva, liaison officer at SOUTHCOM; Chilean Navy Captain Claudio Escalona, liaison officer at SOUTHCOM; Ecuadorean Army Major Cristhian A. Regalado, *El Ejército Nacional* magazine; and Argelia Alvarado, *MINSEG* magazine, Panama.

Em cada edição

IN EVERY ISSUE

4 Ponto de Vista
Entrevista com o Almirante-de-Esquadra do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA John F. Kelly, comandante do SOUTHCOM
Viewpoint
Interview with U.S. Marine Corps General John F. Kelly, SOUTHCOM commander

44 Saber é Poder
Knowledge is Power

82 Panorama Regional
Regional Panorama



CAPA: Um barco de contrabando está sendo perseguido por um helicóptero SH-60B da Marinha dos EUA, a 32 milhas de distância da costa da Colômbia. Depois de parar o navio como parte da Operação Martillo, a tripulação do USS Carr recuperou mais de 800 quilos de cocaína, no valor de cerca de US\$ 15,6 milhões. Foto da Guarda-Costeira dos EUA com ilustração de *Diálogo*.

ON THE COVER: A smuggling boat is pursued by a U.S. Navy SH-60B helicopter 32 miles off the coast of Colombia. After stopping the vessel as part of Operation Martillo, the crew of the USS Carr recovered more than 1,719 pounds of cocaine, worth about \$15.6 million. U.S. Coast Guard photo with gun sight illustration by *Diálogo*.

DIÁLOGO

Fórum das Américas
Forum of the Americas

Diálogo: O Fórum das Américas é uma revista militar profissional publicada trimestralmente pelo Comando Sul dos Estados Unidos na forma de um fórum internacional para o contingente militar na América Latina. As opiniões expressas nesta revista não refletem necessariamente as políticas ou pontos de vista deste comando nem de qualquer outra agência governamental dos Estados Unidos. Os artigos são escritos pela equipe de funcionários de *Diálogo*, salvo indicação em contrário. O Secretário de Defesa determinou que a publicação desta revista é necessária para a condução de negócios públicos, conforme requerimento judicial do Departamento de Defesa.

Diálogo: The Forum of the Americas is a professional military magazine published quarterly by the United States Southern Command as an international forum for military personnel in Latin America. The opinions expressed in this magazine do not necessarily represent the policies or points of view of this command nor of any other agency of the United States Government. All articles are written by *Diálogo's* staff, unless otherwise noted. The Secretary of Defense has determined that publication of this magazine is necessary for conducting public business as required of the Department of Defense by law.

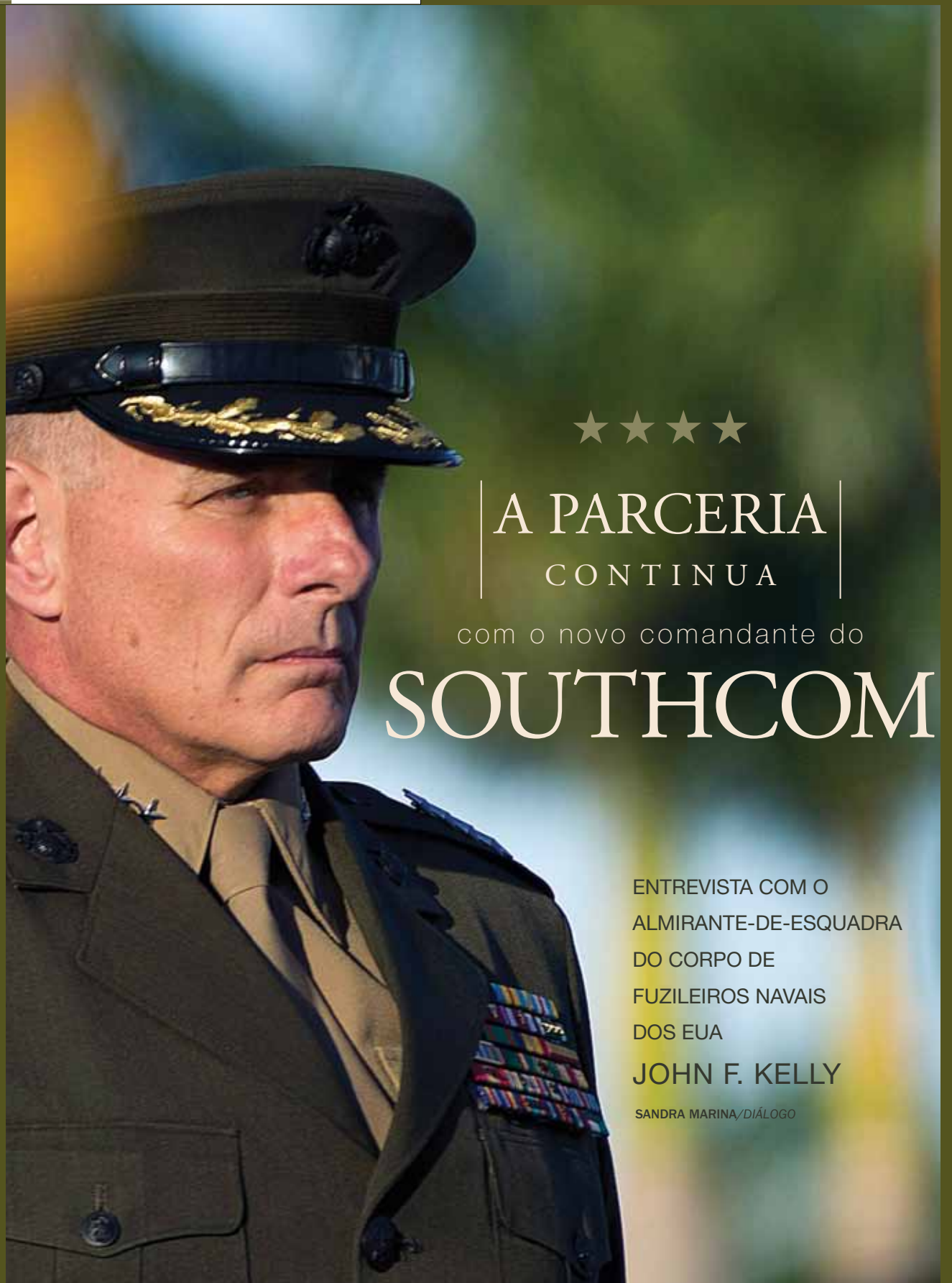
Contate-nos
Contact Us

dialogo@dialogo-americas.com

DIÁLOGO

9301 NW 33rd Street
Doral, FL 33172
USA

www.dialogo-americas.com



A PARCERIA
CONTINUA

com o novo comandante do

SOUTHCOM

ENTREVISTA COM O
ALMIRANTE-DE-ESQUADRA
DO CORPO DE
FUZILEIROS NAVAIS
DOS EUA

JOHN F. KELLY

SANDRA MARINA/DIÁLOGO

Na tarde em que o Almirante-de-Esquadra John F. Kelly assumiu seu posto no Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM), a bandeira vermelha do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA foi hasteada na sede do comando, junto com as bandeiras das nações parceiras do Caribe, da América Central e América do Sul. Tal imagem preanunciaria as diversas viagens do almirante quatro estrelas durante seus primeiros meses no comando.

Desde aquele dia, em novembro de 2012, o Alte Esq Kelly, que em designações anteriores comandou tropas no Iraque e trabalhou em estreita cooperação com o ex-secretário de Defesa dos EUA Leon Panetta, viajou por todo o hemisfério, familiarizando-se com os altos escalões militares e de defesa da região, assim como com as suas perspectivas. Horas antes de retornar ao sul – desta vez ao istmo centro-americano – o Almirante Kelly compartilhou com *Diálogo* algumas de suas ideias sobre a região e a importância de reforçar parcerias contra o que ele chama de “o veneno comum das drogas”.

Diálogo: Almirante Kelly, depois de ter visitado alguns países do Caribe e das Américas Central e do Sul, como o senhor avaliaria a região?

Almirante-de-Esquadra do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA John F. Kelly, comandante do SOUTHCOM:

Desde que cheguei aqui ao SOUTHCOM, já visitei Colômbia, Peru, Chile, Brasil, Honduras, El Salvador, Jamaica, Haiti, Trinidad e Tobago, Panamá e Guatemala. Eu considero que já cobri diversos lugares. Antes disto, quando trabalhava com o ex-secretário de Defesa dos EUA (Leon) Panetta, fiz algumas viagens à América Latina. Já estive no Peru, no Chile, na Colômbia e no Brasil algumas vezes; no Uruguai uma vez. A impressão que tive dos países que visitei foi a de que eles querem manter relacionamentos com os Estados Unidos, e os Estados Unidos querem fazer parcerias com praticamente todas as nações do Caribe e das Américas Central e do Sul. Quando eu digo parceria, não quero dizer uma parceria dominante, quero dizer uma parceria. Anos atrás nós tínhamos um relacionamento diferente com essa parte do mundo, mas agora ele amadureceu. Temos o Brasil como exemplo, que agora é uma potência mundial, econômica e também militar, militar no bom sentido. Podemos citar a Colômbia, com uma história de enorme sucesso. Há vinte, quinze anos, a maioria das pessoas nos Estados Unidos, principalmente em Washington, não tinha praticamente qualquer esperança quanto à Colômbia.

Quando alguém diz: “Não podemos vencer a guerra das drogas”, eu digo: “Veja o exemplo da Colômbia!”. Quando alguém diz: “Não podemos vencer a guerra antidrogas”, eu digo: “Veja o Peru e o que eles estão tentando fazer!”.

Muitas pessoas diriam: “Não se pode vencer a guerra contra as drogas”, mas veja o que nossos amigos de Guatemala, Honduras, El Salvador, Belize estão tentando fazer no Triângulo Norte da América Central. Eles querem uma parceria com os Estados Unidos sob suas condições, e os Estados Unidos querem uma parceria sob as condições deles. Obviamente, temos um relacionamento comercial extraordinário com essa parte do mundo e os vínculos criados já provaram ser de excelente qualidade.

Diálogo: Antes do seu último cargo como Assistente Militar Sênior do ex-secretário norte-americano de Defesa Leon Panetta, o senhor foi enviado ao Iraque e, assim sendo, as diferentes culturas e os diferentes idiomas não lhe são estranhos. Por sua experiência, qual é a importância de se entender a cultura e o idioma dos países em nossa região?

Alte Esq Kelly: Em termos de cultura, os Estados Unidos estão muito mais próximos dessa parte do mundo. Quer falemos ou não o espanhol ou o português, os Estados Unidos têm milhões e milhões de pessoas vindas de países do Caribe e das Américas Central e do Sul. Em comparação com o Oriente Médio, isto é fácil e, sinceramente, animador. Nos últimos dez anos da minha vida, eu e a maior parte dos militares norte-americanos e, principalmente, do Corpo de Fuzileiros Navais e soldados do Exército dos EUA, tivemos nossas vidas dominadas pela guerra. Eu servi três vezes no Iraque, cerca de um ano cada e, em um destes períodos, mais do que um ano. A boa notícia sobre essa região do mundo é que, de um modo geral, as pessoas não estão atirando pedras umas nas outras; elas conversam entre si.



PARTNERSHIP CONTINUES

with New SOUTHCOM COMMANDER

INTERVIEW WITH U.S. MARINE CORPS
GENERAL JOHN F. KELLY

SANDRA MARINA/DIÁLOGO STAFF

The afternoon General John F. Kelly took charge of U.S. Southern Command (SOUTHCOM), the red U.S. Marine Corps flag flew over the command headquarters alongside those of partner nations in the Caribbean, Central and South America.

It was a visual image that would foretell the four-star Marine general's extensive travels during his first months in command.

Since that day in November 2012, Gen. Kelly, who in previous assignments commanded troops in Iraq and worked shoulder to shoulder with former U.S. Secretary of Defense Leon Panetta, has traveled throughout the hemisphere, getting to know the region's senior military and defense leaders and their perspectives. Hours before heading south again – to the Central American isthmus this time – Gen. Kelly shared with *Diálogo* some of his thoughts on the region and the importance of strengthening partnerships against what he calls “the common poison of drugs.”

Diálogo: Gen. Kelly, after visiting a few countries in the Caribbean, Central and South America, what's your assessment of the region?

U.S. Marine Corps General John F. Kelly, SOUTHCOM Commander: Since I have been here at SOUTHCOM, I have visited Colombia, Peru, Chile, Brazil, Honduras, El Salvador, Jamaica, Haiti, Trinidad and Tobago, Panama and Guatemala. I have hit a lot of places, I guess. Before that, when I worked with former U.S. Secretary of Defense Panetta, I made trips to Latin America. I have been to Peru now a couple of times, Chile a couple of times, Colombia a couple of times, Brazil a couple of times, Uruguay, once. My impressions of the countries I have visited are that they want to have a relationship with the United States, and the United States wants to have

Na sua maior parte, as pessoas se dão bem; elas negociam umas com as outras. Essa parte do mundo não é tão perigosa. Evidentemente, a Colômbia ainda está enfrentando uma batalha difícil e os peruanos continuam lutando contra o Sendero Luminoso, mas as pessoas daqui, em sua grande maioria, estão se relacionando bem, e os Estados Unidos querem apenas fazer parte disto.

Diálogo: Quanto ao objetivo de criar entendimento entre os países da região, como o senhor avaliaria a importância dos oficiais de ligação das nações parceiras no SOUTHCOM?

Alte Esq Kelly: Eles têm um valor inestimável para nós. Temos vários oficiais de ligação das nações parceiras aqui. Na verdade, acabamos de nos despedir do Fuzileiro Naval brasileiro [Comandante Alexandre Silva], que está retornando ao seu país para assumir o comando de um batalhão. Seu substituto [Capitão-de-Fragata Max Silva] já está aqui. Eles são indivíduos muito valiosos para que nós possamos nos compreender mutuamente e ter um bom relacionamento. Em nossa organização em Key West, a Força Tarefa Conjunta Interagentes Sul (JIATF-S, por sua sigla em inglês), temos também muitos oficiais de ligação de várias nações. Infelizmente, nosso relacionamento com alguns países dessa parte do mundo não é muito positivo nesse momento. Esperamos que isto mude. Tenho muita esperança de que esses países algum dia, durante a minha gestão, sejam mais receptivos para que possamos desenvolver uma parceria melhor e mais amigável. Se isto acontecer... [seria] bom. Eu espero que isto aconteça antes que eu saia, porque existem alguns desafios em comum, independentemente do país do mundo onde você esteja. O mais óbvio são as drogas e o dinheiro ilegal da receita gerada pelas drogas. Não importa que se trate de um país centro-americano tentando desesperadamente vencer essa batalha, ou, que se trate da Colômbia, que está emergindo de um período difícil com êxito. Não importa que se trate da Venezuela, não importa que seja a Bolívia, o Equador ou o Chile. O veneno das drogas e o dinheiro que elas geram são um problema de todos e é interesse de todos também tentar cortar esse câncer pela raiz. É surpreendente o trabalho maravilhoso que os países vêm realizando lado a lado conosco lá em Key West; tentando lidar com esse terrível problema das drogas.



O Alte Esq do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA John F. Kelly, comandante do SOUTHCOM, conversou com *Diálogo* em seu escritório em Doral, Flórida, em meados de fevereiro de 2013.

U.S. Marine Corps Gen. John F. Kelly, SOUTHCOM commander, talked to *Diálogo* at his office in Doral, Florida, in mid-February 2013.

CLAUDIA SÁNCHEZ-BUSTAMANTE/DIÁLOGO

Diálogo: Considerando os cortes no orçamento propostos pelo Departamento de Defesa dos EUA, qual será o futuro dos mais importantes exercícios militares do Comando Sul dos EUA, como o PANAMAX?



O Alte Esq John F. Kelly cumprimenta o presidente peruano, Ollanta Humala, em janeiro de 2013, durante a sua primeira viagem para o país sul-americano desde que assumiu o comando do SOUTHCOM.

Gen. John F. Kelly shakes hands with Peruvian President Ollanta Humala in January 2013 during the general's first trip to the South American country since assuming command of SOUTHCOM.

PALÁCIO PRESIDENCIAL DO PERU

Alte Esq Kelly: Felizmente, manteremos a maioria deles. Exatamente neste momento, estamos buscando a eficiência interna. Se o que fazemos aqui são compromissos, parcerias e atividades de combate às drogas, tudo o mais deve ser considerado um corte potencial. Muitos de nossos exercícios não são realmente grandes — não estamos enviando brigadas, estamos enviando quatro ou cinco indivíduos, às vezes 12 por um ou dois meses, para trabalharem com os militares das nações parceiras. Não é um investimento gigantesco. Muitas vezes as conferências são vistas como dispensáveis, mas elas são imensamente importantes para o SOUTHCOM, porque reúnem os parceiros, ainda que seja por alguns dias, para conversarem sobre o combate às drogas, assistência humanitária e ajuda em casos de desastres, o que é muito comum aqui. Infelizmente, esta será uma das partes prejudicadas. Isto não significa que não prestaremos assistência em casos de desastres. Que Deus nos livre deles, mas se um vulcão entrar em erupção ou um furacão terrível acontecer, os Estados Unidos estarão lá, mas com certeza não tão rapidamente. Será preciso um pouco mais de tempo para ajudar na recuperação, mas ainda assim apoiaremos os nossos parceiros e amigos, e não apenas aqueles com os quais mantemos laços mais próximos de amizade. Somos todos seres humanos, estamos todos juntos nessa situação, e ajudar uns aos outros é a melhor forma de parceria, não importa qual seja o país. Se houver um desastre humanitário, independentemente

do país, o SOUTHCOM estará lá para ajudar a aliviar os problemas da população.

***Diálogo:** O senhor já presidiu a Conferência sobre Segurança dos Países do Caribe em dezembro de 2012, um dos três eventos principais do SOUTHCOM. Quais são suas expectativas para as duas outras principais conferências, a Conferência Centro-Americana de Segurança (CENTSEC) e a Conferência de Defesa da América do Sul (SOUTHDEC)?*

Alte Esq Kelly: Este é nosso feijão com arroz: reunir as pessoas em conferências, em exercícios de gabinete ou exercícios reais. Os relacionamentos que desenvolvemos são pelo menos tão importantes ou, provavelmente, mais importantes do que aquilo que estamos fazendo realmente. Eu trabalhei no mundo inteiro como fuzileiro naval e uma conclusão a que cheguei é que as relações pessoais são talvez mais importantes do que qualquer outra coisa. As pessoas me dizem que na América Latina os relacionamentos pessoais são importantes, mas isto não é diferente no Oriente Médio. Por mais diferentes que sejam, é importante conhecer o xeique, conhecer o líder do clã, olhar em seus olhos e discutir um problema com eles e desenvolver um relacionamento pessoal, para que na eventualidade de um problema, possamos pegar o telefone e sentir que existe confiança. Eu estive na Ásia, na América do Sul agora e, evidentemente, no

a partnership with virtually everybody in the Caribbean, and Central and South America. When I say partnership, I don't mean a dominant partnership, I mean a partnership. Years ago we had a different relationship with this part of the world, but now it has matured. Take Brazil that is now a world power, economic as well as military, in the right way military. You have Colombia that is a tremendous success story. Twenty years ago, 15 years ago, most people in the United States, certainly in Washington, would not have given much hope at all to Colombia.

People say, "You can't win the drug war," and I would say, "Look at Colombia!" People say, "You can't win the war against drugs," and I say, "Look at Peru and what they are trying to do!" A lot of people would say, "You can't win the drug war," but look at what our friends the Guatemalans, the Hondurans, the Salvadorans, the Belizeans are trying to do in the Northern Tier. They want a partnership with the United States on their terms, and the United States wants to partnership with them on their terms. Obviously, we have a tremendous trading relationship with this part of the world, and we have attained a relationship of quality that has already emerged.

Diálogo: Before your last assignment as senior military assistant to U.S. Secretary of Defense Panetta, you were deployed to Iraq, so you are no stranger to different cultures and different languages. From your experience, what is the importance of understanding the culture and language of the countries in our region?

Gen. Kelly: The United States is much closer in terms of culture to this part of the world. Whether you speak Spanish or Portuguese or not, in the United States we have millions and millions of people who have arrived from countries in the Caribbean, Central and South America. In comparison to the Middle East, this is easy, and frankly, refreshing. For the last 10 years of my life, like most people in the United States Military but particularly Marines and U.S. Army Soldiers, our lives have been dominated by the war. I had three tours in Iraq, just about a year each and, in one case, longer than a year. The good news about this area of the world is that, for the most part, people are not throwing rocks at each other; they are talking to each other. For the most part, people are getting along; they are trading with each other. This part of the world is not as dangerous. Yes, Colombia is still dealing with a tough fight; the Peruvians have a fight on their hands with Sendero Luminoso [Shining Path], but for the most part, people here are getting along with each other, and the United States just wants to be part of that.

Diálogo: And in that goal of creating understanding among countries in the region, how do you value the importance of the partner nations' liaison officers at SOUTHCOM?

Gen. Kelly: They are absolutely invaluable to us. We have several partner nation liaison officers here. In fact,

we just said goodbye to Brazilian Marine [Commander Alexandre Silva] who is going back to his country to take command of a battalion. His replacement is already here [Commander Max Silva]. They are invaluable individuals for us to understand each other and get along. And in our organization in Key West, Joint Interagency Task Force–South, we also have a very large number of liaison officers from various countries. Unfortunately, there are some countries in this part of the world that we are not on the best terms with at the moment. We all hope that will change. My greatest hope is that those countries will someday, during my tour here, be more accepting so we can develop a better and friendlier partnership with them. If that happens ... [it would be] good. And I hope it happens before I leave, because there are some common challenges regardless of what country you are in the world. The obvious one is drugs and the illegal money from profits generated by drugs. It doesn't matter if you are a Central American country desperately trying to fight this fight or if you are Colombia that is emerging from a tough time and doing so well. It doesn't matter if you are Venezuela; it doesn't matter if you are Bolivia, Ecuador or Chile. The poison that is drugs and the money it generates is everybody's concern, and it is in everyone's interest to try to stem the tide of this cancer. You would be surprised at the great work countries are doing shoulder to shoulder with us down in Key West, trying to deal with this terrible problem of drugs.

Diálogo: Given the budget cuts proposed by the U.S. Department of Defense, what's the future of key U.S.

Southern Command military exercises such as PANAMAX?

Gen. Kelly: Hopefully, we are going to save most of them. We are doing a lot of searching right now for internal efficiencies. If what we do here is engagement, partnerships and counterdrug activities, everything else has to be looked at as a potential cut. Many of our exercises are not real big — we are not sending brigades, we are sending four or five guys, sometimes 12 for a month or two to work with the partner nation military. It is not a huge investment. A lot of times, conferences are looked at as things you can do without, but conferences are hugely important to SOUTHCOM because they bring the partners together even if it is for a couple of days to talk about countering drugs, humanitarian and disaster relief, which is huge down here. Unfortunately, that's one of the things that will suffer. This is not to say that we are not going to walk away from disaster relief. If, God forbid, a volcano or a terrible hurricane happens, the United States will be there, but for sure not as quickly. It will take a longer period of time to help the recovery, but we are still there for all our partners and friends, not just the ones that we are most friendly with. We are all human beings, we are all in this together, and helping each other out is the best form of partnership. I don't care what country it is. If there is a humanitarian disaster, regardless of what

O Oriente Médio e na Europa em meus quase 40 anos no Corpo de Fuzileiros Navais, e uma constante nisso é que as relações pessoais são importantes. Isto significa sair e ver as pessoas. Se elas chegarem aqui, as portas estarão sempre abertas, seja um general, um almirante ou um embaixador. Quando eu estive lá, as portas sempre estiveram abertas, com exceção de alguns poucos países, mas espero algum dia poder visitar esses países e estabelecer um relacionamento com esses líderes e seus países. Enquanto isso, eu me contento em apenas assumir o compromisso de que, caso algo aconteça nesses países e eles queiram nossa ajuda, estaremos lá para ajudar.



GETTY IMAGES

O Alte Esq John F. Kelly, ao centro, recebeu o bastão do SOUTHCOM do Ten Brig da Força Aérea dos EUA Douglas Fraser, à direita. Anteriormente, Kelly foi Assistente Militar Sênior para o ex-secretário de Defesa dos EUA Leon Panetta, à esquerda.

Gen. John F. Kelly, center, took the SOUTHCOM torch from U.S. Air Force Gen. Douglas Fraser, right. Previously, Kelly was senior military assistant to former U.S. Secretary of Defense Leon Panetta, left.

Diálogo: Qual é sua mensagem mais importante para os líderes militares seniores na região?

Alte Esq Kelly: Estamos com vocês. Estamos lado a lado com vocês. Somos amigos. Sim, temos problemas com o orçamento, mas a boa notícia é que todos os países com os quais lidamos hoje nessa parte do mundo – não é o caso em grande parte do mundo – querem fazer isto por eles mesmos. Eles querem uma parceria de iguais, e eu acho que isto é importantíssimo. Embora os Estados Unidos estejam passando por problemas muito significativos de orçamento, nós os superaremos. Enquanto isto, meu compromisso é trabalhar o mais próximo possível, com a maior frequência possível, com o maior número de países em nossa região, em tudo aquilo que for mutuamente importante: combate às drogas, assistência humanitária e de saúde... Alguns países enfrentam duros desafios, os países da América Central particularmente, mas eu sugiro que se mirem na Colômbia, que vejam o que o Peru vem fazendo, e saibam que estamos com vocês. Essa é a minha mensagem.

country it is, SOUTHCOM will be there to help relieve that problem for those people.

Diálogo: You already chaired the Caribbean Nations Security Conference in December 2012, one of the three major SOUTHCOM events. What are your expectations for the other two main conferences, the Central American Security Conference (CENTSEC) and the South American Defense Conference (SOUTHDEC)?

Gen. Kelly: That's our bread and butter: bringing people together in conferences, in tabletop exercises or exercises. The relationships you develop are at least as important or probably more important than the actual thing that you are doing. I operated around the world in my time as a Marine, and the one truism I found is that personal relations count probably more than anything. People tell me that in Latin America personal relationships are important, but it is no different in the Middle East. As different as they are, to know the sheik, to know the clan leader, to look in his eyes and work through a problem with him and develop a personal relationship, so when there is a problem you pick up the phone and there is trust there. I have been in Asia, South America now and certainly the Middle East and Europe in my almost 40 years as a Marine, and the one constant is that personal relations count. That means getting out to see people. If they come here, the door is always open, whether it is a general, an admiral or an ambassador. And when I go there, the doors have always been open, with the exception of a couple of countries, but I hope someday to visit those countries and to develop a relationship with those leaders and their countries. In the meantime, I am happy to just make a commitment that if anything happens in those countries and they want us to help, we will be there to help.

Diálogo: What is your most important message for the senior military leaders in the region?

Gen. Kelly: We are with you. We are shoulder to shoulder with you. We are friends. Yes, we have budget issues, but the good news is that all the countries we deal with today in this part of the world – this isn't the case in a lot of the world – want to do it themselves. They want a partnership of equals, and I think that is hugely important. Although the United States is dealing with pretty significant budget problems, we will get beyond this. In the meantime, my commitment is to work as close as I can, as often as I can, with as many countries in our region for all the things of mutual importance: counterdrug, humanitarian, medical. ... Some countries are facing tough challenges, Central American countries in particular, but my advice is look at Colombia, look at what Peru is doing, and know that we are with you. That's my message.

Comando Sul dos Estados Unidos



Uma breve retrospectiva no momento em que o comando comemora meio século de trabalho conjunto com parceiros do hemisfério

SANDRA MARINA/DIÁLOGO

United States Southern Command

50 *years of*
PARTNERSHIP

A brief look back as the command celebrates half a century of working side by side with hemispheric partners



“Comando Sul dos Estados Unidos” foi o novo nome dado em 1963 ao comando combatente militar estabelecido no Panamá, em 1941.

Desde então, homens e mulheres do SOUTHCOM vêm participando de exercícios militares com os seus homólogos das Américas Central e do Sul e do Caribe, prestando assistência durante terremotos e inundações, além de colaborarem em operações conjuntas contra o crime organizado transnacional.

Segue abaixo uma cronologia fotográfica de alguns dos momentos mais significativos do SOUTHCOM nos últimos 50 anos, dedicado à criação de uma “Parceria para as Américas”. A contagem continua!



“United States Southern Command” was the new name given in 1963 to the military combatant command established in Panama in 1941.

Since then, men and women of SOUTHCOM have participated in military exercises with their counterparts in Central and South America and the Caribbean, lending a hand during earthquakes and floods, and collaborating during joint operations against transnational organized crime.

Following is a photographic timeline of some of the command’s most significant moments in the past 50 years, dedicated to forging a Partnership for the Americas. And the count goes on!



1963

EM 6 DE JUNHO DE 1963, o Departamento de Defesa dos EUA mudou o nome do Comando do Caribe para Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM). Durante os anos 1960, a ênfase militar dos EUA se concentrou em ação cívica e programas de contrainsurgência.

ON JUNE 6, 1963, the U.S. Department of Defense re-designates the Caribbean Command as U.S. Southern Command (SOUTHCOM). During the 1960s, the U.S. Military emphasis was put on civic action and counterinsurgency programs.

O edifício Robert M. Montague Hall, em Quarry Heights, Panamá, sediou o comando até 1997.

The Robert M. Montague Hall building in Quarry Heights, Panama, housed the command until 1997.

U.S. AIR FORCE



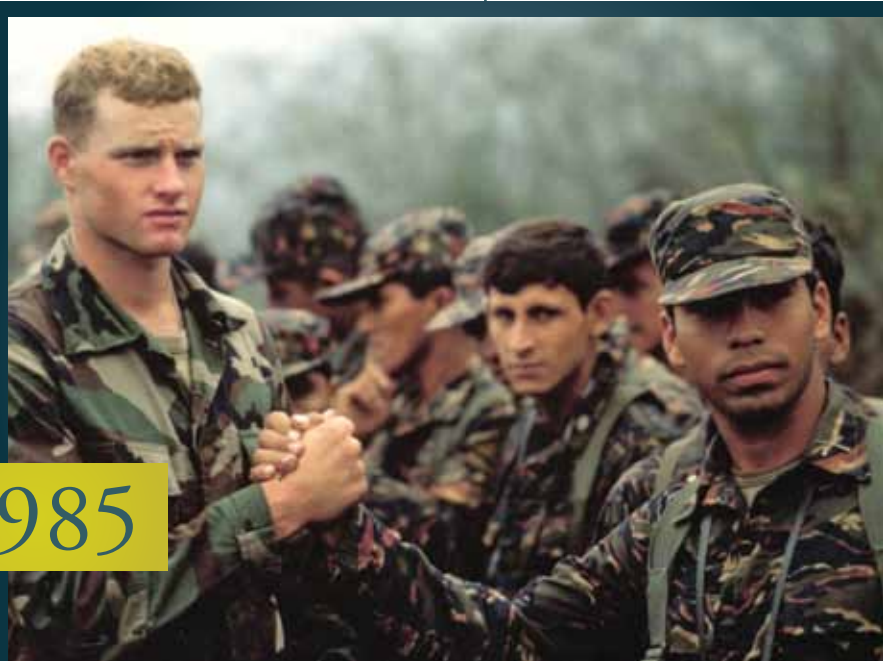
1970

DURANTE OS ANOS 1970, o Comando Sul dos EUA oferece ajuda humanitária substancial para vários países da América Latina, depois de uma série de desastres naturais. O treinamento militar conjunto continua na região.

DURING THE 1970s, the U.S. Southern Command offers substantial humanitarian aid to several countries in Latin America after a series of natural disasters. Joint military training continues in the region.

Militares dos EUA distribuem alimentos após graves inundações no Peru, em junho de 1970.

U.S. servicemen unload food aid following severe flooding in Peru in June 1970.



1985

CONTANDO APENAS O ANO DE 1985, o SOUTHCOM participa de 13 exercícios conjuntos com forças armadas latino-americanas.

IN 1985 ALONE, SOUTHCOM participates in 13 joint training exercises with Latin American armed forces.

Um fuzileiro naval dos EUA e um soldado equatoriano durante o exercício naval multinacional UNITAS XXV patrocinado pelo SOUTHCOM, no Equador, em 1985.

A U.S. Marine and an Ecuadorean Soldier during the SOUTHCOM-sponsored multinational naval exercise UNITAS XXV in Ecuador in 1985.



1988

O navio-hospital USNS Comfort atravessa o Canal do Panamá, em julho de 1988.

The hospital ship USNS Comfort passes through the Panama Canal in July 1988.

U.S. DEPARTMENT OF DEFENSE



1994

A FORÇA TAREFA CONJUNTA INTERAGENTES SUL (JIATF-S, por sua sigla em inglês) é criada como um componente do SOUTHCOM para planejar, conduzir e coordenar operações antidrogas entre agências. Com base em Key West, na Flórida, esta força tarefa combina os esforços de todos os segmentos das Forças Armadas dos EUA, órgãos da segurança pública dos EUA e oficiais de ligação de vários países ao redor do mundo.

JOINT INTERAGENCY TASK FORCE-SOUTH (JIATF-S) is created as a SOUTHCOM component to plan, conduct and direct interagency counter drug operations. Based in Key West, Florida, JIATF-S combines the efforts of all branches of the U.S. Military, U.S. law enforcement agencies and liaison officers from several countries around the world.

Forças Especiais do Exército da Guatemala interceptam um semissubmersível de contrabando de drogas no Oceano Pacífico.

Navy Special Forces of the Guatemalan Army intercept a drug smuggling submersible in the Pacific Ocean.

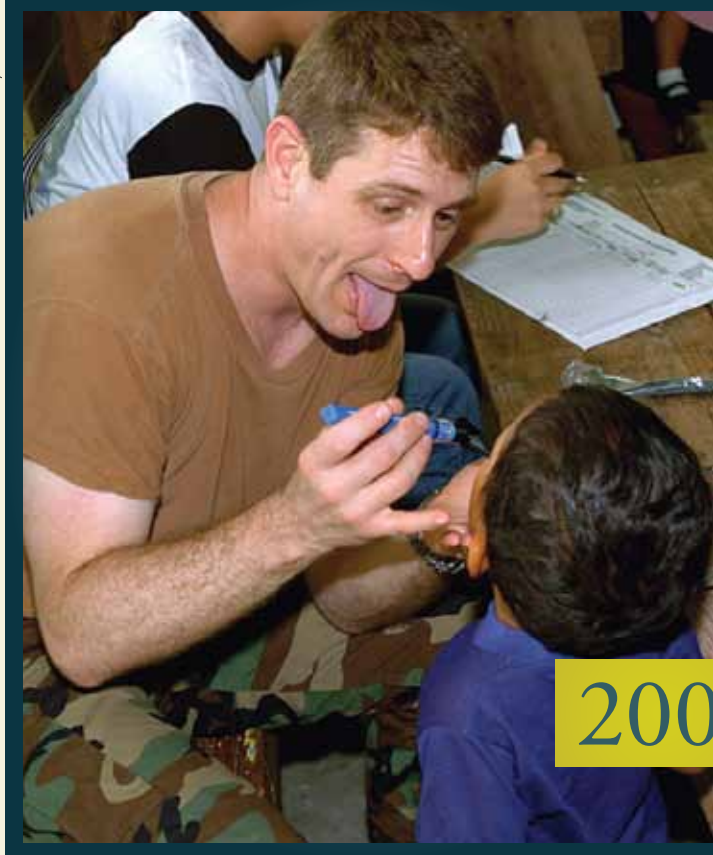


1997

O SOUTHCOM se muda de sua sede no Panamá para uma nova instalação em Doral, na Flórida.

SOUTHCOM moves from its headquarters in Panama to a new facility in Doral, Florida.

SPC. BENJAMIN COSSEL/U.S. ARMY



SESSENTA E NOVE EXERCÍCIOS DE TREINAMENTO DE PRONTIDÃO médica são realizados com o patrocínio do SOUTHCOM, oferecendo serviços médicos para cerca de 270.000 pessoas.

SIXTY-NINE SOUTHCOM-SPONSORED MEDICAL READINESS TRAINING EXERCISES are conducted, offering medical services to about 270,000 people.

Um enfermeiro do Exército dos EUA trata de um menino hondurenho como parte do exercício Novos Horizontes, em março de 2006.

A U.S. Military nurse tends to a Honduran boy as part of New Horizons exercise in March 2006.

2006



2008

O SOUTHCOM AJUDA A COLÔMBIA a criar condições para resgatar cidadãos colombianos e americanos sequestrados pelas FARC, entre eles a ex-candidata presidencial Ingrid Betancourt e três funcionários de uma empresa contratada pelo Departamento de Defesa dos EUA.

SOUTHCOM ASSISTS COLOMBIA in setting up conditions to rescue Colombian and U.S. citizens kidnapped by the FARC, among them former presidential candidate Ingrid Betancourt and three U.S. Department of Defense contractors.

Keith Stansell, Marc Gonsalves e Tom Howes, da esquerda para a direita, pouco depois de serem resgatados pelo Exército colombiano, em 2 de julho de 2008.

Keith Stansell, Marc Gonsalves and Tom Howes, from left, shortly after being rescued by the Colombian Military on July 2, 2008.

50 YEARS

22 COMMANDERS

NOVEMBER 2012

Gen. John F. Kelly, *U.S. Marine Corps*

JUNE 2009

Gen. Douglas Fraser, *U.S. Air Force*

OCTOBER 2006

Adm. James G. Stavridis, *U.S. Navy*

NOVEMBER 2004

Gen. Bantz J. Craddock, *U.S. Army*

AUGUST 2002

Gen. James T. Hill, *U.S. Army*

OCTOBER 2001

Maj. Gen. Gary D. Speer, *U.S. Army*

SEPTEMBER 2000

Gen. Peter Pace, *U.S. Marine Corps*

SEPTEMBER 1997

Gen. Charles E. Wilhelm, *U.S. Marine Corps*

JUNE 1996

Gen. Wesley K. Clark, *U.S. Army*

FEBRUARY 1994

Gen. Barry R. McCaffrey, *U.S. Army*

NOVEMBER 1990

Gen. George A. Joulwan, *U.S. Army*

SEPTEMBER 1989

Gen. Maxwell R. Thurman, *U.S. Army*

JUNE 1987

Gen. Frederick F. Woerner, *U.S. Army*

MARCH 1985

Gen. John R. Galvin, *U.S. Army*

MAY 1983

Gen. Paul F. Gorman, *U.S. Army*

OCTOBER 1979

Lt. Gen. Wallace H. Nutting, *U.S. Army*

AUGUST 1975

Lt. Gen. Dennis P. McAuliffe, *U.S. Army*

JANUARY 1973

Gen. William B. Rosson, *U.S. Army*

SEPTEMBER 1971

Gen. George V. Underwood, *U.S. Army*

FEBRUARY 1969

Gen. George R. Mather, *U.S. Army*

FEBRUARY 1965

Gen. Robert W. Porter, *U.S. Army*

JUNE 1963

Gen. Andrew P. O'Meara, *U.S. Army*

2010



EM RESPOSTA AO DEVASTADOR terremoto de 12 de janeiro no Haiti, o SOUTHCOM realiza a Operação Resposta Unificada, a maior missão de assistência em desastres a outros países na história do comando. As Forças Armadas dos EUA enviam mais de 22 mil membros ao Haiti para salvar vidas e reduzir o sofrimento.

IN RESPONSE TO THE DEVASTATING EARTHQUAKE of January 12, 2010, in Haiti, SOUTHCOM conducts Operation Unified Response, the biggest foreign disaster mission in the command's history. The U.S. Military deploys more than 22,000 personnel to Haiti to save lives and mitigate suffering.

Batalhão Brasileiro da MINUSTAH e soldados do Exército dos EUA distribuem água e comida em Porto Príncipe, em janeiro de 2010.

MINUSTAH's Brazilian Battalion and U.S. Army Soldiers distribute food and water in Port-au-Prince, Haiti in January 2010.



2010

O SOUTHCOM se muda para o complexo de sua sede atual na cidade de Doral, na Flórida.

SOUTHCOM moves into its present headquarters complex in the city of Doral, Florida.



PETTY OFFICER 3RD CLASS JONPAUL ROSO/U.S. COAST GUARD

2012

SOUTHCOM LANÇA A OPERAÇÃO MARTILLO, um esforço dos EUA com a Europa e as nações parceiras do Hemisfério Ocidental, com o objetivo de combater as rotas do tráfico ilícito nas águas costeiras ao longo do istmo centro-americano.

SOUTHCOM LAUNCHES OPERATION MARTILLO, a U.S., European, and Western Hemisphere partner nation effort targeting illicit trafficking routes in coastal waters along the Central American isthmus.

Tripulantes a bordo do cruzador Valiant, da Guarda-Costeira dos EUA, transferem 635 quilos de cocaína, apreendidos no mar como parte da Operação Martillo, em fevereiro de 2013.

Crew members aboard the U.S. Coast Guard Cutter Valiant transfer 1,400 pounds of cocaine bales seized at sea as part of Operation Martillo in February 2013.

50 ANOS

22 COMANDANTES

NOVEMBRO DE 2012

Alte Esq John F. Kelly,
Corpo de Fuzileiros Navais

JUNHO DE 2009

Ten Brig Douglas Fraser, *Força Aérea*

OUTUBRO DE 2006

Alte Esq James G. Stavridis, *Marinha*

NOVEMBRO DE 2004

Gen Ex Bantz J. Craddock, *Exército*

AGOSTO DE 2002

Gen Ex James T. Hill, *Exército*

OUTUBRO DE 2001

Gen Brig Gary D. Speer, *Exército*

SETEMBRO DE 2000

Alte Esq Peter Pace,
Corpo de Fuzileiros Navais

SETEMBRO DE 1997

Alte Esq Charles E. Wilhelm,
Corpo de Fuzileiros Navais

JUNHO DE 1996

Gen Ex Wesley K. Clark, *Exército*

FEVEREIRO DE 1994

Gen Ex Barry R. McCaffrey, *Exército*

NOVEMBRO DE 1990

Gen Ex George A. Joulwan, *Exército*

SETEMBRO DE 1989

Gen Ex Maxwell R. Thurman, *Exército*

JUNHO DE 1987

Gen Ex Frederick F. Woerner, *Exército*

MARÇO DE 1985

Gen Ex John R. Galvin, *Exército*

MAIO DE 1983

Gen Ex Paul F. Gorman, *Exército*

OUTUBRO DE 1979

Gen Div Wallace H. Nutting, *Exército*

AGOSTO DE 1975

Gen Div Dennis P. Mcauliffe, *Exército*

JANEIRO DE 1973

Gen Ex William B. Rosson, *Exército*

SETEMBRO DE 1971

Gen Ex George V. Underwood, *Exército*

FEVEREIRO DE 1969

Gen Ex George R. Mather, *Exército*

FEVEREIRO DE 1965

Gen Ex Robert W. Porter, *Exército*

JUNHO DE 1963

Gen Ex Andrew P. O'Meara, *Exército*



OPERAÇÃO ALQUIMIA

A Colômbia está realizando uma investida interagências para combater a mineração ilegal, trabalhando para dar um fim ao terrorismo, financiamento de organizações criminosas e destruição ambiental, que está aumentando em países de toda a região

ABRAHAM MAHSHIE/DIÁLOGO

Uma fotografia tirada pela Força Aérea colombiana, em novembro de 2012, mostra a degradação ambiental causada pela mineração ilegal.

FORÇA AÉREA DA COLÔMBIA



OPERATION ALCHEMY

Colombia is executing an interagency assault on illegal mining, working to put an end to the terrorism and criminal organization financing and environmental destruction that is growing in countries across the region

ABRAHAM MAHSHIE/DIÁLOGO STAFF

Environmental degradation caused by illegal mining is evident in this aerial photograph taken by the Colombian Air Force in November 2012.

COLOMBIAN AIR FORCE

Em uma manhã úmida de agosto, às margens do rio Samara, em Tolima, estado da região central da Colômbia, um grupo ilegal de mineradores de ouro trabalhava arduamente. Enquanto as mulheres preparavam o almoço e crianças brincavam, os homens usavam escavadeiras para mover montes de terra alaranjada para piscinas de água turva, onde o mercúrio aderiria a partículas de ouro.

Neste local de mineração, distante apenas oito minutos de avião da maior base da Força Aérea colombiana, o CACOM 1, mineiros devastavam a paisagem impecável e poluíam fontes de água da comunidade local, em flagrante violação da lei - até que um helicóptero Black Hawk da Força Aérea colombiana pousou.

O Black Hawk e um helicóptero Huey que o acompanhava transportavam 18 soldados, 10 geólogos e cinco investigadores da polícia. O Black Hawk pousou no centro do local de mineração e aviadores da Força Aérea saltaram, dispersando-se em uma formação de estrela, rodeados por mineiros, piscinas de lama alaranjada e caminhos sinuosos feitos por tratores em todas as direções. Enquanto isso, o Huey circulava nas redon-

Colômbia, onde acredita-se que gere até 1 milhão de dólares por mês para o financiamento de grupos terroristas, de acordo com uma reportagem do jornal colombiano El Tiempo.

O 2º Ten Martínez explicou que minas ilegais frequentemente operam bem debaixo do nariz das forças de segurança e da população em geral. “É bem diferente se você passar e [disser]: ‘Eles estão trabalhando em uma mina’ do que se você cruzar com um laboratório de cocaína. É menos perceptível e gera mais dinheiro.”

Enfrentando um novo crime

O presidente colombiano, Juan Manuel Santos, declarou a ampliação e a aplicação rigorosa da lei para o processo de mineração legal como um dos aspectos de seu Plano de Desenvolvimento Nacional de 2010. Em 2012, ele chamava a atenção da nação para a mineração ilegal de ouro, em uma enérgica repressão que contou com a cooperação das Forças Armadas e numerosas entidades governamentais. O presidente Santos criou a Autoridade Nacional de Meio Ambiente do Ministério do Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável,

“É uma questão de persistência, de vigilância, de fiscalização, de pressão e de erradicar isso como um negócio.”

~ Brigadeiro colombiano Carlos Eduardo Bueno, comandante da base da Força Aérea CACOM 1

dezas para encurralar os mineiros em fuga. Durante a operação, um Cessna 208 Caravan da Força Aérea, equipado com uma plataforma de inteligência, circulava na área, filmando os acontecimentos para obter provas.

Os aviadores prenderam nove líderes dos mineiros criminosos, enquanto investigadores da polícia os informava de seus direitos e geólogos do Ministério das Minas e Energia colhiam amostras de solo e água. Toda a operação, incluindo a transferência dos detentos de volta para o CACOM 1, foi concluída em menos de três horas. A Operação Alquimia foi um verdadeiro sucesso. Cada aspecto foi cuidadosamente planejado para minimizar o risco e capturar os mineiros no ato.

O Brigadeiro Carlos Eduardo Bueno, comandante da Base da Força Aérea CACOM 1, disse a Diálogo que missões bem-sucedidas como a Operação Alquimia são o resultado de um detalhado ataque frontal, que inclui a coleta de informações e a estreita cooperação entre agências. “Esses criminosos já perceberam que há uma resposta conjunta e coordenada do Estado para detê-los”, disse ele. O Brigadeiro Bueno enfatizou a experiência adquirida no fortalecimento de cada elemento judicial e de investigação da operação para garantir adequada coleta de evidências que vão resultar em um processo no tribunal.

O Segundo-Tenente da Força Aérea Colombiana Ricardo Martínez fez parte de uma missão de vigilância em fevereiro 2012, que detectou pela primeira vez o campo de mineração ilegal. Em uma área tipicamente conhecida pelo cultivo ilegal de coca, Martínez ficou surpreso com o que viu: “Desta vez, não encontramos cultivos ilícitos, encontramos mineração”. A mineração ilegal está tendo uma incidência crescente na

para regular mais atentamente a questão das licenças de mineração. Ele deu permissão às forças de segurança para destruir equipamentos ilegais de mineração e regulamentou o transporte de produtos químicos ambientalmente nocivos, como o mercúrio e o cianeto, através da nova Agência Nacional de Mineração. O presidente Santos também exigiu que todos os equipamentos de mineração carregassem um chip para que pudessem ser localizados, assegurando assim que estivessem operando em uma área de mineração aprovada. E, pressionou o Congresso Nacional a aprovar uma lei que tornaria a mineração ilegal um crime, similar à lavagem de dinheiro.

O ministro da defesa colombiano Juan Carlos Pinzón quantificou o impacto da mineração ilegal em todo o país, em um discurso em novembro de 2012. Ele disse que dos 1.100 municípios da Colômbia, 340, ou seja, 31 por cento, tinham mineração ilegal, com mais da metade sendo de mineração de ouro. A maioria dos mineiros ilegais não eram os tradicionais pequenos mineradores, mas sim organizações de guerrilhas e criminosos. As Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC) exploravam minas em 87 dos municípios, o Exército de Libertação Nacional, em 30, e outras organizações criminosas em 118. O Capitão Mauricio Chácon, que trabalha no setor de inteligência no CACOM 1 e que colaborou na análise e operações para a Operação Alquimia, disse que a mineração ilegal surgiu nas mesmas áreas onde as FARC têm presença. Ele disse que, nos últimos três a quatro anos a mineração ilegal começou a superar o tráfico de drogas como principal fonte de renda do grupo terrorista.

O impacto social também foi sentido. A mineração ilegal

On a steamy August morning on the banks of the Samara River in Tolima department in central Colombia, an illegal gold mining crew was hard at work. While the women prepared lunch and the children played, the men used earthmovers to shift mounds of orange dirt to cloudy pools of water where mercury bonded to gold particles.

In this mining site, just an eight-minute flight from the Colombian Air Force's largest base, CACOM 1, the miners tore apart the pristine landscape and polluted the local community's water source in flagrant violation of the law — until a Colombian Air Force Black Hawk helicopter descended.

The Black Hawk and a Huey helicopter that accompanied it carried 18 troops, 10 geologists and five police investigators. The Black Hawk landed in the center of the mining site, and Air Force Airmen leaped out and dispersed in a star formation, surrounded by miners, pools of orange mud and tractor paths winding in every direction. Meanwhile, the Huey looped around to corral fleeing miners. All the while, an Air Force Caravan, a Cessna 208 equipped with an intelligence platform, circled the area, filming all that took place for evidence.

The Airmen detained nine leaders of the criminal miners while the police investigators read them their rights and geologists from the Mining Ministry took ground and water samples. The entire operation, including transferring the detainees back to CACOM 1, was completed in less than three hours. Operation Alchemy was a complete success. Every aspect had been carefully planned to minimize danger and capture the miners in the act.

Brigadier General Carlos Eduardo Bueno, CACOM 1 Air Force Base commander, told *Diálogo* that successful missions like

Operation Alchemy are the result of a full frontal assault that includes intelligence gathering and close interagency cooperation. "These criminals have realized that there is a coordinated joint response by the state to stop them," he said. Brig. Gen. Bueno emphasized the experience gained in strengthening each operation's judicial and investigative elements to ensure proper gathering of evidence that will lead to prosecution in court.

Colombian Air Force 2nd Lieutenant Ricardo Martínez was part of a February 2012 surveillance mission that first detected the illegal mining camp. In an area typically known for illegal coca cultivation, 2nd Lt. Martínez was surprised by what he saw: "This time, we didn't find illicit crops, we found mining." Illegal mining is increasingly prevalent in Colombia, where it is believed to generate up to \$1 million a month in financing for terrorism groups, according to a story in the Colombian daily *El Tiempo*.

Second Lt. Martínez explained that illegal mines often operate right under the noses of security forces and the general population. "It is very different if you pass by and [see] they're working in a mine than if you walk by a cocaine laboratory. It is less perceptible and it produces more money."

Confronting a New Crime

Colombian President Juan Manuel Santos declared growth and enforcement of legal mining as one aspect of his 2010 National Development Plan. By 2012, he was directing the nation's attention to illegal gold mining in a forceful crackdown that relies on the Armed Forces' cooperation with numerous government entities. President Santos created the National Environmental Licensing Authority in the Ministry of the Environment and Sustainable Development to more carefully regulate the issuing



O Capitão Maurício Chacón, da seção de inteligência da Base da Força Aérea do CACOM 1 da Colômbia, mostra a ampla faixa de território nacional da qual a base é responsável pelo monitoramento dos esforços para rastrear a mineração ilegal.

Colombian Air Force Capt. Mauricio Chacón, of the CACOM 1 Air Force Base intelligence section, shows the broad swath of national territory the base is responsible for monitoring in efforts to track down illegal mining.

ABRAHAM MAHSHIE/DIÁLOGO

atrai grupos criminosos para comunidades próximas aos locais de mineração, resultando em exploração, intimidação e extorsão. Onde a água potável e de banho poluída também põe em risco a saúde pública.

“Para combater a mineração ilegal, a ajuda das forças públicas são necessárias como pré-requisito”, disse Marcela Bonilla, diretora das questões ambientais e do setor urbano do Ministério do Meio Ambiente da Colômbia. A Polícia Nacional e as Forças Armadas fornecem a inteligência e segurança necessárias para investigar e interromper as atividades da mineração ilegal. Bonilla disse que o Ministério de Minas e Energia, Ministério do Meio Ambiente, Polícia Nacional e Ministério Público trabalham “em sinergia” para aumentar a eficácia das ações contra a mineração ilegal.

“É um desígnio muito difícil, porque é atípico”, explicou



Um mineiro aponta para o ouro que encontrou no rio Dagua em Zaragoza, na Colômbia, em 2009. Famílias que ganham a vida na mineração de pequena escala são muitas vezes intimidadas ou cooptadas para trabalhar nas organizações criminosas e terroristas. Também são vítimas de extorsão.

A miner points to gold he found in the Dagua River in Zaragoza, Colombia, in 2009. Families who make a living in small-scale mining are often victims of extortion, intimidation or co-opted to work for criminal and terrorist organizations.

o Tenente-Coronel Juan Manuel Grisales, que supervisiona missões aéreas no CACOM 1. “Uma vez que [a mineração ilegal] auxilia grupos narcoterroristas - as FARC, o ELN [Exército de Libertação Nacional] e Bacrim - é uma prioridade nossa combatê-la”. O Ten Cel Grisales acredita que suas forças estão virando o jogo contra os mineiros criminosos através de inteligência adequada e estreita coordenação com a Polícia Nacional.

O Ministério da Defesa disse que 321 minas foram fechadas e 615 peças de equipamento de mineração apreendidas em 2012. O Ministério do Meio Ambiente relatou que a degradação ambiental da mineração ilegal está caindo desde 2011.

O Major Luis Carlos Botero, diretor do centro de instrução militar do CACOM 1, foi responsável pela concepção da

Operação Alquimia. Ao descrever as lições aprendidas a partir de uma operação anterior no estado de Bolívar, ele disse: “Um dos objetivos principais no momento da chegada é ocupar posições mais altas e observar os caminhos de aproximação com as pessoas”. Ele acrescentou que os três fatores que influenciam o êxito operacional são rapidez, surpresa e comunicação. Na Operação Alquimia, os mineiros não tinham ideia de que estavam sendo monitorados, os criminosos foram rapidamente apartados dos civis, e os dois helicópteros estavam em comunicação um com o outro e com a plataforma de inteligência o tempo todo. A operação foi tão bem planejada que as tropas tinham em mãos doces para entregar às crianças, assustadas com o desembarque agressivo.

A região reage

A mineração ilegal assume formas semelhantes em toda a região, afetando todos os países amazônicos e andinos com descontrolada destruição ambiental e poluição que afeta comunidades locais. Embora grupos terroristas ainda não tenham sido apontados em países vizinhos, entidades criminosas estão se fortalecendo como resultado da atividade ilegal e do alto preço dos minerais no mercado global.

Em março de 2012, oito ministros do meio ambiente dos países membros da Organização do Tratado de Cooperação Amazônica assinaram um acordo em Lima comprometendo-se com a cooperação no combate à mineração ilegal. A iniciativa, tomada pela Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Guiana, Peru, Suriname e Venezuela demonstra o crescente caráter transregional do problema. De dentro da Comunidade Andina, Bolívia, Colômbia, Equador e Peru assinaram um decreto semelhante em outubro de 2012, que define a cooperação binacional e permite que cada país use suas forças policiais para destruir o equipamento usado para a mineração ilegal.

“Atualmente, o problema da mineração ilegal se apresenta tanto na Colômbia como em países vizinhos”, disse Bonilla, que destacou uma operação conjunta entre o Peru e a Colômbia, em agosto de 2011, que fechou duas minas ilegais. A mineração ilegal também foi uma das questões de cooperação transfronteiriça discutidas pelo presidente Santos e o presidente equatoriano Rafael Correa em uma reunião bilateral em Tulcán, no Equador, em dezembro de 2012.

“O trabalho do Estado tem sido bastante agressivo e tem tido grande êxito por meio de várias operações de erradicação”, disse Santiago Yepes, gerente da Monterra no Equador, uma empresa de mineração canadense. Em 2011, 70 máquinas no valor de mais de 15 milhões de dólares foram destruídas de acordo com o site www.mingaservice.com. No entanto, Yepes ressaltou a importância de uma abordagem regional: “Mesmo sob intensos esforços por parte do Estado, minha percepção é que esta atividade está crescendo com muita força”.

O sucesso da Operação Alquimia na Colômbia foi apresentado como um modelo para as operações em todo o país, disse o Brigadeiro Bueno, comandante do CACOM 1. Ao passo que ele admite que conduzir leis criminais de mineração mais claras através do Congresso vai fortalecer ainda mais os esforços do governo. Ele também insiste em que a estratégia de segurança pública está funcionando e deve ser mantida. “É uma questão de persistência, de vigilância, de fiscalização, de pressão e de erradicar isso como um negócio.”

of mining permits. He gave security forces permission to destroy illegal mining equipment and regulated transportation of the environmentally dangerous chemicals cyanide and mercury through the new National Minerals Agency. Pres. Santos also called for all mining equipment to carry a chip that could track its location and assure it was operating in an approved mining area. And, he pressed the National Congress to pass a law that would make illegal mining a crime similar to money laundering.

Colombian Minister of Defense Juan Carlos Pinzón quantified the impact of illegal mining across the country in a November 2012 speech. He said that of Colombia's 1,100 municipalities, 340, or 31 percent, had illegal mining, with more than half mining for gold. The bulk of illegal miners were not small-scale traditional miners but guerrilla and criminal organizations. The Revolutionary Armed Forces of Colombia (FARC) mined in 87 of the municipalities, the National Liberation Army in 30, and criminal bands in 118.

“It is a matter of persistence, of vigilance, of supervision, of pressure and of breaking it as a business.”

- Colombian Brigadier General Carlos Eduardo Bueno, CACOM 1 Air Force Base commander

Captain Mauricio Chacón, who works in the intelligence section at CACOM 1 and was involved in the analysis and operations for Operation Alchemy, said that illegal mining has sprung up in the same areas where FARC has a presence. He said that for the past three to four years illegal mining has begun to surpass drug trafficking as the terrorist group's major source of income.

The social impact has also been felt. Illegal mining draws criminal groups to communities near mining sites, resulting in exploitation, intimidation and extortion. Polluted drinking and bathing water also endangers public health.

“To fight illegal mining, the help of the public forces are required as a prerequisite,” said Marcela Bonilla, director of the environmental issues and urban sector of Colombia's Ministry of the Environment. The National Police and Armed Forces provide the intelligence and security necessary to investigate and halt illegal mining. Bonilla said that the Ministry of Mining, Ministry of the Environment, National Police and Public Prosecutors Office work “in synergy” to increase the effectiveness of actions against illegal mining.

“It is a very difficult objective because it is atypical,” explained Lieutenant Colonel Juan Manuel Grisales, who oversees aerial missions at CACOM 1. “Since [illegal mining] aids narcoterrorist groups – the FARC, ELN [National Liberation Army] and Bacrim — it is a priority for us to fight them.” Lt. Col. Grisales believes his forces are turning the tables on the criminal miners through good intelligence and close coordination with the National Police.

The Ministry of Defense said 321 mines were closed and 615 pieces of mining equipment were seized in 2012. The Ministry of Environment reports that environmental degradation from illegal mining is down since 2011.

Major Luis Carlos Botero, director of the center for military instruction at CACOM 1, was responsible for designing Operation Alchemy. In describing the lessons learned from a previous operation in Bolívar department, he said, “One of the principle

objectives at the moment of arrival is to take higher positions and view the avenues of approach to the people.” He added that the three factors that influence operational success are surprise, quickness and communication. In Operation Alchemy, the miners had no idea they were being monitored, the criminals were quickly filtered from the civilians, and the two helicopters were in communication with each other and the intelligence platform throughout. Planning went as far as the troops having candy ready to hand out to the children frightened by the aggressive landing.

The Region Reacts


Illegal mining takes similar forms across the region, affecting all Amazonian and Andean countries with senseless environmental destruction and pollution that impacts local communities. While terrorist groups have not yet been implicated in surrounding countries, criminal entities are growing stronger as a result of the illegal

activity and high price of minerals on the global market.

In March 2012, eight environmental ministers of the member countries of the Amazon Cooperation Treaty Organization signed an accord in Lima committing to cooperation in the fight against illegal mining. The move by Bolivia, Brazil, Colombia, Ecuador, Guyana, Peru, Suriname and Venezuela demonstrates the growing regional nature of the problem. Within the Andean community, Bolivia, Colombia, Ecuador and Peru signed a similar decree in October 2012 that outlines binational cooperation and allows each country to use their police forces to destroy equipment used for illegal mining.

“Currently, the problem of illegal mining presents itself as much in Colombia as in neighboring countries,” said Bonilla, who highlighted a joint operation between Peru and Colombia in August 2011 that closed two illegal mines. Illegal mining was also one of the border cooperation issues discussed by President Santos and Ecuadorean President Rafael Correa at a bilateral meeting in Tulcán, Ecuador, in December 2012.

“The work of the state has been very aggressive and has generated great success through various eradication operations,” said Santiago Yepes, country manager for Monterra in Ecuador, a Canadian mining firm. In 2011, 70 machines worth more than \$15 million were destroyed, according to www.mingaservice.com. Nonetheless, Yepes underscored the importance of taking a regional approach: “Even under the weight of intense efforts by the state, my personal perception is that this activity is growing with great force.”

The success of Operation Alchemy in Colombia was heralded as a model for operations across the country, said CACOM 1 Commander Brig. Gen. Bueno. While he admits that shepherding clearer criminal mining laws through Congress will further strengthen government efforts, he also insists that the public security strategy is working and must be maintained. “It is a matter of persistence, of vigilance, of supervision, of pressure and of breaking it as a business.” 

Sem



ISTOCK



DAYS CAROLINA DANKER/DIÁLOGO

saída

DAYS CAROLINA DANKER/DIÁLOGO



CORPO DE FUZILEIROS NAVAIOS DOS EUA



SEGUNDO SARGENTO IAN W. ANDERSON/MARINHA DOS EUA

Guatemala cria barreira no ar, terra e mar para acabar com o tráfico de substâncias ilegais através da Operação Martillo

Oficiais da Guatemala e dos EUA compartilham conhecimento sobre helicópteros no Comando Aéreo do Sul em Retalhuleu, na Guatemala.

Officials from Guatemala and the U.S. share knowledge about helicopters at the Southern Air Command in Retalhuleu, Guatemala.

Como parte da Operação Martillo, Fuzileiros Navais dos EUA configuraram equipamentos de comunicação em barcos das Forças Especiais da Marinha da Guatemala, em Puerto Quetzal.

As part of Operation Martillo, U.S. Marines set up communications equipment on Guatemalan Navy Special Forces boats in Puerto Quetzal.

Recipientes de combustível que foram modificados para transportar cerca de US\$ 70 mil de cocaína cada foram apreendidos ao largo das costas da América Central durante a Operação Martillo.

Fuel containers that were modified to carry an estimated \$70,000 of cocaine each were seized off the coast of Central America during Operation Martillo.

A

pesar do calor escaldante, as tropas da Guatemala e dos EUA mantiveram-se em posição de sentido para saudar os ilustres oficiais militares e

diplomatas que visitaram o Comando Aéreo do Sul no departamento de Retalhuleu, na Guatemala, em setembro de 2012. Atrás deles, uma banda local tocava marchas militares e não muito longe dali, um avião pertencente a traficantes de drogas e que havia sido apreendido aguardava seu destino.

A presença de um contingente de Fuzileiros Navais dos EUA sob os auspícios do Comando Sul dos EUA na Guatemala foi parte de uma iniciativa para apoiar a Operação Martillo, um esforço multinacional para combater o tráfico ilegal nas costas da América Central. Demonstrando evidente compromisso do Hemisfério Ocidental e países europeus em trabalhar como parceiros para combater a propagação de organizações criminosas transnacionais, a Operação Martillo complementa atividades estratégicas, como a Iniciativa de Segurança Regional da América Central e do Sistema de Integração Centro-Americana, que visam a melhorar a segurança do cidadão.

“Eles são nossos convidados e juntos estamos realizando operações no Pacífico como parte da Operação Martillo”, disse a *Diálogo* o Coronel da Aeronáutica Mário Adolfo Castañeda Serrano, comandante do Comando Aéreo do Sul da Guatemala.

Sob a direção da Força Tarefa Conjunta Interagentes Sul, um componente do Comando Sul dos EUA, os fuzileiros navais utilizaram quatro helicópteros UH-1N Huey para realizar mais de 250 missões de monitoramento, detecção e repressão às drogas.

Águas seguras

Vice-Almirante Tyrone Hidalgo Cáceres, vice-ministro da Marinha Guatemala, disse que as unidades da Guarda Costeira do Comando Naval do Pacífico forneceram apoio aos navios da Força Especial da Marinha, cujas unidades são treinadas para realizar interdições marítimas de alta velocidade. Além disso, os helicópteros dos Fuzileiros Navais dos EUA proveram vigilância aérea nas águas costeiras e alertaram as unidades nacionais para que pudessem realizar interceptações de navios suspeitos.

“Temos um papel muito importante a desempenhar, e com as operações marítimas nos unimos ao objetivo do presidente, que é evitar que o nosso país seja usado pelo

Continua na página 25

No



DAYSY CAROLINA DANKER/DIÁLOGO

Route

DAYSY CAROLINA DANKER/DIÁLOGO STAFF



DAYSY CAROLINA DANKER/DIÁLOGO

Escape



EPA

Guatemala forms an air, land and sea barricade to stop the trafficking of illegal substances via Operation Martillo

Disregarding the scalding heat, Guatemalan and U.S. troops stood tall in September 2012 to salute distinguished military officials and diplomats who visited the Southern Air Command in the department of Retalhuleu, Guatemala. Behind them, a local band played military marches and not far away, a plane seized from drug traffickers awaited its fate.

The presence of a contingent of U.S. Marines under the auspices of U.S. Southern Command in Guatemala was part of an initiative to support Operation Martillo, a multinational effort to fight illegal trafficking on the Central American coasts. Demonstrating a clear commitment of the Western Hemisphere and European nations to work as partners to counter the spread of transnational criminal organizations, Martillo complements strategic initiatives such as the Central American Regional Security Initiative and Central

American Integration System that aim to improve citizen security.

“They are our guests and together we are carrying out operations in the Pacific as part of Operation Martillo,” Aviation Colonel Mario Adolfo Castañeda Serrano, commander of the Southern Air Command of Guatemala, told *Diálogo*.

Under the direction of the Joint Interagency Task Force-South, a component of U.S. Southern Command, the Marines used four UH-1N Huey helicopters to carry out more than 250 drug enforcement detection and monitoring missions.

Safe Waters

Vice Admiral Tyrone Hidalgo Cáceres, deputy minister of the Guatemalan Navy, said that Coast Guard units from the Pacific Naval Command provided support to the ships of the Navy Special Force, whose units are trained to perform high-speed maritime interdictions. In addition, the U.S. Marine helicopters provided aerial surveillance of the coastal waters and warned the national units so they could carry out interceptions of suspicious vessels.

“We have a very important role to play, and with the maritime operations we are joining in the president’s objective to prevent our country from being used for

drug trafficking, and more so, for the production of drugs,” Vice Adm. Hidalgo said.

The U.S. Military contingent, made up of 171 Marines, had its operational base at the Southern Air Command in Retalhuleu and at the General Felipe Cruz Paratrooper Brigade in Puerto de San José, Escuintla. Here, the helicopters were able to resupply in order to provide coverage for the maritime operations theater in the Pacific Ocean.

The operation, which for Guatemala meant more direct interaction with U.S. units, lasted two months, beginning on August 23, 2012, and ending on October 14, 2012. However, Guatemala continues to participate in Operation Martillo with Belize, Canada, Colombia, Costa Rica, El Salvador, France, Honduras, the Netherlands, Nicaragua, Panama, Spain, the United Kingdom and the United States.

Cornered

Infantry Colonel José Chay Ordóñez, commander of the 4th Infantry Brigade of Guatemala, told *Diálogo* that within the framework of Operation Martillo he was responsible for the jurisdictions of Retalhuleu, Mazatenango and Escuintla, situated in the southwest of the country. He reported that seven checkpoints were set up from which patrols and searches were carried out on different roads to prevent drug trafficking and organized crime.

“Somehow, [the criminals] may try to escape or slip onto the main roads; that’s why we have the checkpoints,” Col. Ordóñez explained. He also reiterated that coordination was taking place with

Quatro helicópteros UH-1N Huey dos EUA proveram vigilância aérea durante a Operação Martillo na Guatemala.

Four UH-1N Huey helicopters from the U.S. provided aerial surveillance during Operation Martillo in Guatemala.

Tropas dos EUA e da Guatemala participam de uma cerimônia de boas vindas para oficiais militares e diplomatas em Retalhuleu, na Guatemala.

Guatemalan and U.S. troops participate in a ceremony welcoming military officials and diplomats to Retalhuleu, Guatemala.

Autoridades guatemaltecas têm atuado incansavelmente em ações contra o tráfico de drogas, como por exemplo, no desmantelamento de laboratórios de drogas clandestinas.

Guatemalan authorities have hit drug trafficking hard, including the dismantling of clandestine drug labs.


the Southern Air Command and the Marines in order to act in the areas with the greatest impact.

In other collateral operations, the 4th Brigade worked with the state security forces when they discovered a clandestine lab for the manufacture of synthetic drugs in the department of Suchitepéquez. Col. Ordóñez said 1,580 tons of chemical precursors were seized in what authorities called the largest and most industrialized drug laboratory in Guatemala.

Mutual Cooperation

Major General Ulises Noé Anzueto Girón, Guatemalan minister of National Defense, and Arnold A. Chacón, the U.S. ambassador to Guatemala, visited the Southern Air Command in September 2012 to see the bilateral efforts of Operation Martillo up close, and learn about the Marines' operation center.

"The measure of success is, first, that the use of our waters for drug trafficking has been considerably reduced and nearly totally eliminated," Maj. Gen. Anzueto said during a welcoming ceremony. He added that because of the mission it was possible to share knowledge, which, in the future, will allow for interoperability against that scourge and further strengthen the ties of friendship and fellowship between the Armed Forces and the countries.

"We are here in a supporting role, we are in a secondary role, but always with the idea of sharing and promoting interoperability between the two countries," Ambassador Chacón told *Diálogo*. "We must fight organized crime together. It is a regional effort because what happens in one country affects the others." 

Continuação da página 23

tráfico de drogas, e mais ainda, para a produção de drogas", disse o V Alte Hidalgo.

O contingente militar dos EUA, composto por 171 fuzileiros navais, teve sua base operacional no Comando Aéreo do Sul em Retalhuleu e na Brigada Paraquedista General Felipe Cruz, em Puerto de San José, Escuintla. Neste lugar, os helicópteros puderam reabastecer para assegurar a cobertura do cenário das operações marítimas no Oceano Pacífico.

A operação, que para a Guatemala significava mais interação direta com as unidades dos EUA, durou dois meses, com início em 23 de agosto e conclusão em 14 de outubro de 2012. No entanto, a Guatemala continua a participar da Operação Martillo juntamente com Belize, Canadá, Colômbia, Costa Rica, El Salvador, França, Honduras, Holanda, Nicarágua, Panamá, Espanha, Reino Unido e os Estados Unidos.

Encurralados

O Coronel de Infantaria José Chay Ordóñez, comandante da 4ª Brigada de Infantaria da Guatemala, disse a *Diálogo* que dentro do escopo da Operação Martillo ele era o responsável pelas jurisdições de Retalhuleu, Mazatenango e Escuintla, situadas no sudeste do país. Ele comentou que sete barreiras de verificação foram estabelecidas quando patrulhas e revistas eram realizadas nas diferentes rodovias para prevenir o tráfico de drogas e o crime organizado.


"De alguma forma, [os criminosos] podem tentar fugir ou escapar pelas estradas principais, é por isso que temos os postos de controle", explicou o Cel Ordóñez. Ele também reiterou que a coordenação foi realizada com o Comando Aéreo do Sul e os fuzileiros navais para que se agisse nas áreas com maior impacto.

Em outras operações de controle, a 4ª Brigada trabalhou com as forças de segurança do Estado, quando descobriram um laboratório clandestino para a fabricação de drogas sintéticas no departamento de Suchitepéquez. O Cel Ordóñez disse que 1.580 toneladas de precursores químicos foram apreendidas, no que as autoridades chamam de o maior e mais industrializado laboratório de drogas da Guatemala.

Cooperação Mútua

O Contra-Almirante Ulises Noé Anzueto Girón, ministro da Defesa da Guatemala, e Arnold A. Chacón, embaixador dos EUA na Guatemala, visitaram o Comando Aéreo do Sul em setembro de 2012 para ver de perto os esforços bilaterais da Operação Martillo, e conhecer o centro de operação dos fuzileiros navais.

"O êxito da medida, primeiramente, está no fato de que o uso de nossas águas pelo tráfico de drogas foi consideravelmente reduzido e quase totalmente eliminado", disse o Contra-Almirante Anzueto durante uma cerimônia de boas vindas. Ele acrescentou que, por causa da missão foi possível compartilhar conhecimento, o que no futuro permitirá a interoperabilidade contra esse flagelo, além de fortalecer ainda mais os laços de amizade e companheirismo entre as forças armadas e os países.

"Somos coadjuvantes, aqui estamos em um papel secundário, mas sempre com o propósito de compartilhar e promover a interoperabilidade entre os dois países", disse o embaixador Chacón a *Diálogo*. "Temos de combater o crime organizado em conjunto. É um esforço regional, porque o que acontece em um país afeta os outros", acrescentou. 



O USS GARY E A OPERAÇÃO MARTILLO

Aliados contra o
tráfico ilícito

ARTIGO E FOTOS POR RAÚL SÁNCHEZ-AZUARA, *DIÁLOGO*

Operação Martillo é um esforço multinacional entre as nações parceiras nas Américas Central e do Sul, Caribe, Europa e Estados Unidos, tendo como alvo as rotas de tráfico ilícito em águas costeiras ao longo do istmo centro-americano.

Em seu primeiro ano de atuação, a Operação Martillo apreendeu 152.762 quilos de cocaína e confiscou 101 embarcações marítimas. Como parte da operação, o USS Gary e outras três fragatas da Quarta Frota dos EUA, um componente naval do Comando Sul dos EUA, cruzam as águas do Oceano Pacífico e do Mar do Caribe em busca de atividade ilegal.

Durante duas semanas em janeiro de 2013, um redator de *Diálogo* embarcou no USS Gary para obter uma perspectiva em primeira mão do esforço para combater o tráfico de drogas.

THE USS GARY AND OPERATION MARTILLO *Allies Against Illicit Trafficking*

Operation Martillo is a multinational effort between partner nations in Central and South America, the Caribbean, Europe and the United States to dismantle illicit trafficking routes in coastal waters along the Central American isthmus.

In its first year of operation, Operation Martillo seized 152,762 kilograms of cocaine and confiscated 101 maritime vessels. As part of the operation, the USS Gary and three other frigates from the U.S. Fourth Fleet, a naval component of U.S. Southern Command, cruise the waters of the Pacific Ocean and Caribbean Sea to disrupt illegal activity.

During two weeks in January 2013, a *Diálogo* writer embarked on the USS Gary to get a firsthand perspective of the effort to counter drug trafficking.



◀ **A fragata USS Gary, da classe Oliver Hazard Perry, também conhecida como Guardiã Principal da Liberdade, navega no Oceano Pacífico.**

The Oliver Hazard Perry-class frigate USS Gary, also known as Freedom's Foremost Guardian, sails on the Pacific Ocean.

Um marinheiro do USS Gary assume seu turno como sentinela para procurar embarcações ou aeronaves suspeitas em 20 de janeiro de 2013.

A USS Gary Sailor takes over his shift to search for suspicious vessels or aircraft on January 20, 2013.





Um helicóptero Sea Hawk prepara-se para decolar para investigar um navio suspeito navegando em águas internacionais ao largo da costa do Equador, em 21 de janeiro de 2013.

A Sea Hawk helicopter prepares to take off to investigate a suspicious vessel sailing in international waters off the coast of Ecuador on January 21, 2013.

Marinheiros do USS Gary e da Guarda-Costeira dos EUA estavam em alerta para atividades suspeitas no Oceano Pacífico.

Sailors from the USS Gary and the U.S. Coast Guard were on the lookout for suspicious activity on the Pacific Ocean.





Marinheiros do USS Gary e da Guarda-Costeira dos EUA preparam-se para uma patrulha de rotina em um bote inflável de casco duro, em 20 de janeiro de 2013.

Sailors from the USS Gary and U.S. Coast Guard get ready for a routine patrol in a rigid hull inflatable boat on January 20, 2013.





O Capitão-de-Fragata James E. Brown, comandante do USS Gary, observa um navio suspeito, no Oceano Pacífico.

USS Gary
Commanding
Officer Cmdr.
James E. Brown
observes a
suspicious vessel
in the Pacific
Ocean.



O USS Gary está munido com um canhão de tiro rápido MK-75 de 76 mm.

The USS Gary is armed with a 76 mm MK-75 rapid firing gun.

O Capitão-de-Fragata James E. Brown, comandante do USS Gary, terceiro da esquerda para a direita, anuncia a ordem do dia para a sua tripulação.

USS Gary Commanding Officer Cmdr. James E. Brown, second from right, announces the order of the day to his crew.

UMA **FRENTE**

COMUM

contra o narcotráfico

Autoridades
de El Salvador
impedem o tráfico
ilegal de drogas
e outros crimes
relacionados
através do
Grupo Conjunto
Cuscatlán

DAYSI CAROLINA DANKER/DIÁLOGO

As águas calmas do Golfo de Fonseca, compartilhadas por El Salvador, Honduras e Nicarágua, ficaram inquietas em uma manhã no início de dezembro de 2011, quando as autoridades de El Salvador interceptaram um navio transportando 500 quilos de cocaína perto de La Unión. A bordo, dois guatemaltecos protegiam a carga, avaliada em US\$ 12,5 milhões.

Para o Comissário Godofredo Miranda Martínez, da Polícia Nacional Civil (PNC), esta bem-sucedida operação e outras mais recentes são exemplos de ações que tiveram êxito contra o tráfico de drogas ao longo das fronteiras de seu país. O Comissário Miranda é o encarregado do Grupo Conjunto Cuscatlán (GCC), uma força tarefa que combate o tráfico de drogas e outras atividades ilegais.

Desde o início de 2012, o GCC adquiriu uma nova dinâmica e está organizado de forma mais eficaz. Ele é composto por civis e oficiais militares das Forças Armadas de El Salvador, da Divisão de Repressão às Drogas da PNC, da Procuradoria Geral da República, do Comitê Executivo Autônomo Portuário, do Ministério da Fazenda e do Gabinete de Imigração e Cidadãos Estrangeiros.

“É realmente um progresso favorável para o nosso país, porque as forças estão consolidadas e prontas para responder em qualquer lugar do país – por terra, mar ou ar – a fim de interromper a ameaça do tráfico de drogas”, disse o Comissário Miranda a *Diálogo*.

“Eu sinto que estamos indo na direção certa no que diz respeito à elaboração de estratégias de combate a este tipo de ameaça.”

Comissário Godofredo Miranda Martínez
Chefe do Grupo Conjunto Cuscatlán



U.S. SPECIAL OPERATIONS COMMAND

Quer seja por ar, terra ou mar, o Grupo Conjunto Cuscatlán de El Salvador está preparado para proteger as fronteiras da nação contra os traficantes de drogas.
By air, land or sea, El Salvador's Cuscatlán Joint Group is ready to keep the nation's borders safe from drug traffickers.

A COMMON FRONT AGAINST drug traffickers

Salvadoran authorities stop illegal drug trafficking and related crimes with the Cuscatlán Joint Group.

DAYSI CAROLINA DANKER/DIÁLOGO

The calm waters of the Gulf of Fonseca, shared by El Salvador, Honduras and Nicaragua, were interrupted one early morning in December 2011, when Salvadoran authorities intercepted a vessel transporting 500 kilos of cocaine near La Unión. On board, two Guatemalans protected the cargo, valued at \$12.5 million.

For National Civil Police (PNC) Commissioner Godofredo Miranda Martínez of El Salvador, this successful operation and other more recent ones are examples of successful hits against drug trafficking along his country's borders. Commissioner Miranda is in charge of the Cuscatlán Joint Group (GCC, for its Spanish acronym), a task force that combats drug trafficking and other illegal activities.

Since the beginning of 2012, the GCC has gained new momentum and is more effectively organized. It is made up of civilian and military officers from the Armed Forces of El Salvador, the PNC's drug enforcement division, the Office of the Attorney General, the Autonomous Port Executive Committee, the Ministry of Finance, and the Office of Immigration and Foreign Nationals.

"It is really a positive development for our country because the forces are consolidated and ready to respond anywhere in the country — land, sea, or air — in order to stop the threat of drug trafficking," Commissioner Miranda told *Diálogo*.

REORGANIZED FORCES

The first half of 2012 saw GCC members receive training from several agencies of the United States and El Salvador to carry out more effective maritime and aerial operations, as well as operations in mountainous areas and on roadways. In September 2012, the task force established an office at the Second Air Brigade (Comalapa Air Base) in the department of La Paz.

The U.S. Cooperative Security Location (CSL) is located near the GCC facility; from there U.S. forces assist in detecting boats and aircraft that transport drugs in the Pacific zone. The use of space by the U.S. is covered in an agreement with the Salvadoran Government.

Lieutenant Colonel Roberto Antonio Castillo Escobar, GCC operations officer, explained to *Diálogo* that the task force was stood up in 1999 because it became necessary to have an agency responsible for carrying out the arrests and seizures after the CSL reported the illegal activity.

"The Cuscatlán Joint Group has supported the operations of the various units, whether police or military," Commissioner Miranda said. He added that the group acts under the direction of the Office of the Attorney General, and in turn, the president renews the Cuscatlán Plan, which mandates that all the state forces be included.



U.S. SPECIAL OPERATIONS COMMAND



U.S. SPECIAL OPERATIONS COMMAND



AFF/GETTY IMAGES

O Grupo de Resposta da Polícia e soldados salvadoreños se preparam para invadir uma casa durante uma operação anticrime.

The Police Response Group and Salvadoran Soldiers prepare to raid a house during an anti-crime operation.

Os membros do Grupo Conjunto Cuscatlán estão em constante treinamento para as operações antinarcóticos.

Members of the Cuscatlán Joint Group are in constant training for anti-narcotics operations.

Um técnico verifica uma aeronave não tripulada em El Salvador, em 2009. Este tipo de tecnologia foi utilizada pela primeira vez na região para operações de combate às drogas.

A technician checks an unmanned aircraft in El Salvador in 2009. This type of technology was used for the first time in the region for drug enforcement operations.



U.S. SPECIAL OPERATIONS COMMAND

As Forças Armadas e a polícia de El Salvador se uniram para lutar contra o crime organizado transnacional.

El Salvador's military and police forces have teamed up to fight transnational criminal organizations.

FORÇAS REORGANIZADAS

No primeiro semestre de 2012, os membros do GCC receberam treinamento de várias agências dos Estados Unidos e de El Salvador para realizar operações marítimas e aéreas mais eficazes, bem como ações em áreas montanhosas e em estradas. Em setembro do mesmo ano, a força tarefa estabeleceu um escritório na Segunda Brigada Aérea (Base Aérea de Comalapa), no estado de La Paz.

O Local de Segurança Cooperativa dos EUA (CSL, por sua sigla em inglês) está situado perto das instalações do GCC; desse local, as Forças dos EUA auxiliam na detecção de barcos e aviões que transportam drogas na zona do Pacífico. O uso do espaço pelos EUA está previsto em um acordo com o governo de El Salvador.

O Tenente-Coronel Roberto Antonio Castillo Escobar, oficial de operações do GCC, explicou a Diálogo que a força tarefa entrou em vigor em 1999, porque se tornou necessário ter um órgão responsável pela execução das prisões e apreensões depois que o CSL fizesse um relatório sobre as atividades ilegais.

“O Grupo Conjunto Cuscatlán tem apoiado as operações de várias unidades, sejam elas da polícia ou do exército”, disse o Comissário Miranda. Ele acrescentou que o grupo atua sob a

direção da Procuradoria Geral da República e, conseqüentemente, o presidente renova o Plano Cuscatlán, que determina que todas as forças do Estado sejam incluídas.

“Temos o mandato para poder consolidar-nos como forças, para sermos capazes de construir uma frente comum contra a atividade do tráfico em nosso país”, afirmou o Comissário Miranda. Há também um decreto legislativo que suporta as ações deles.

Em novembro de 2012, o GCC contribuiu para a apreensão de 118 quilos de cocaína, avaliados em aproximadamente US\$ 3 milhões, na Praia de Metalío, estado de Sonsonate. Nesta ocasião, residentes da área roubaram drogas de um barco abandonado e a polícia realizou buscas e apreensões.

Embora no passado a luta tenha sido apenas contra o tráfico de drogas, ela foi ampliada para incluir o crime organizado. Além disso, duas instituições foram adicionadas à iniciativa: o Ministério das Finanças e o Gabinete de Imigração e Cidadãos Estrangeiros.

MELHORES RECURSOS

O GCC tem seu próprio equipamento e recebeu doações do Governo dos EUA, como por exemplo, seis barcos de patrulha

Zodiaco e veículos todo-terreno para transportá-los. “Já implantamos esses recursos em todo o território para poder responder a qualquer alerta”, afirmou o Comissário Miranda.

Com o apoio do Comando Sul dos EUA e da Divisão de Assuntos Antinarcóticos, que faz parte da Embaixada dos EUA, existe uma verba autorizada de US\$ 2,3 milhões para a compra de equipamentos, o treinamento e a construção de quartéis e um escritório permanente, que será chamado de Centro de Operações Interagências (COIN). O Ten Cel Castillo, que também é um oficial de ligação entre as Forças Armadas e o GCC, atribui a força do grupo aos recursos humanos e equipamentos. Ele acrescentou que sua equipe é composta de soldados dos Comandos de Montana do 4º Destacamento Militar, de tropas do Batalhão de Infantaria da Marinha, como também de oficiais da Divisão Antidrogras e do Grupo de Resposta da Polícia.

A Força Aérea colabora com o uso de helicópteros para as diversas missões, como, por exemplo, o transporte de pessoal ou a transferência de vítimas. O Esquadrão de Bombardeio e de Aviação de Caça fornece suporte com aviões de reconhecimento, tais como o O-2A/B e A-37, para interceptar aviões que atravessam o espaço aéreo de El Salvador.

Da mesma forma, a Marinha envia seus navios especializados para perseguir e interceptar barcos de alta velocidade. “Se elas [as Forças dos EUA] nos dizem que, naquele momento, há vestígios de [uma embarcação suspeita] vinda da América do Sul, eu imediatamente informo meu contato que está na Base Naval de La Unión e ele coordena o destacamento de um barco imediatamente”, disse o Ten Cel Castillo. “O COIN é ativado naquele momento exato”, acrescentou ele.

O Comissário Miranda aprova as várias instituições do Estado que se consolidam para o combate ao tráfico ilegal de drogas. “Sinto que estamos indo na direção certa no que diz respeito à elaboração de estratégias de combate a este tipo de ameaça”, disse ele.

Tanto ele como o Ten Cel Castillo concordam que desde que o país reforçou a luta para impedir a passagem de drogas para a América do Norte, a rota do tráfico de drogas foi alterada e a maior parte da movimentação pelo ar e pelo mar está ocorrendo agora em torno do Oceano Atlântico. Eles esperam que o GCC se torne um modelo para outros países da região.

“Nós trocamos informações com a polícia, temos informações da Imigração e da Alfândega. Portanto, o que essas informações fazem por nós?”, questionou o Ten Cel Castillo. “Estamos nos tornando cada vez melhor e mais fortes”, enfatizou ele. **D**



JUAN QUINTERO/EMBAIXADA DOS EUA EM EL SALVADOR

Em 2012, a secretária de Estado adjunta dos Estados Unidos para a América Latina, Roberta S. Jacobson, entregou um equipamento no valor de US\$ 600 mil, que será utilizado pelo Grupo Conjunto Cuscatlán para combater o tráfico de drogas.

In 2012, U.S. Assistant Secretary of State for Western Hemisphere Affairs Roberta S. Jacobson delivered equipment valued at \$600,000, which will be used by the Cuscatlán Joint Group to fight drug trafficking.



“We have the mandate to be able to consolidate ourselves as forces, to be able to build a common front against drug activity in our country,” Commissioner Miranda said. There is also a legislative decree that supports their actions.

In November 2012, the GCC contributed to the seizure of 118 kilograms of cocaine, valued at almost \$3 million, at Metalío Beach in the department of Sonsonate. On this occasion, residents in the area stole the drugs from an abandoned boat, so the police carried out searches and seizures.

While in past years the fight was only against drug trafficking, it has expanded to include organized crime. Also, two institutions were added to the initiative: the Ministry of Finance and the Office of Immigration and Foreign Nationals.

A polícia e soldados salvadorenhos se preparam para entrar em uma casa durante um treinamento.

Salvadoran police and Soldiers prepare to enter a house during training.



U.S. SPECIAL OPERATIONS COMMAND

BETTER RESOURCES

The GCC has its own equipment and has received donations from the U.S. Government, such as six Zodiac patrol boats and all-terrain vehicles to transport them. “We have already deployed those resources across the territory in order to be able to respond to any alert,” Commissioner Miranda stated.

With the support of the U.S. Southern Command and the U.S. Narcotics Affairs Section, which is part of the U.S. Embassy, there is an allocation of \$2.3 million for the purchase of equipment, training, and for the construction of barracks and a permanent office, which will be called the Interagency Operations Center (COIN).

Lt. Col. Castillo, who is also a liaison officer between the Armed Forces and the GCC, attributes the GCC’s strength to human resources and equipment. He added that his staff consists of Soldiers from the Montana Commandos of Military Detachment No. 4, troops from the Marine Infantry Battalion, and officers from the Drug Enforcement Division and the Police Response Group.


The Air Force cooperates with the use of helicopters for the various missions, for example, transporting personnel or transferring casualties. The Fighter Plane and Bombing Squadron provides support with reconnaissance planes, such as the O-2A/B and the

A-37, to intercept aircraft that pass through Salvadoran airspace.

Likewise, the Navy sends its specialized vessels to pursue and intercept high-speed boats. “If they [the U.S. forces] tell us that at that moment there is a track [a suspicious vessel] coming from South America, then I immediately inform my liaison who is at the La Unión Naval Base and he coordinates getting a boat out right away,” Lt. Col. Castillo said. “COIN is activated at that very moment.”

Commissioner Miranda approves of the various state institutions consolidating to fight illegal drug trafficking. “I feel we are moving in the right direction with regard to drawing up strategies to fight this type of menace,” he said.

Both he and Lt. Col. Castillo agree that since the country has strengthened the fight to prevent the passage of drugs to North America, the drug trafficking route has been altered and most of the air and sea movements are now taking place around the Atlantic Ocean. They hope that the GCC will be a model for other countries in the region.

“We exchange information with the police, we have information from Immigration, we have information from Customs, so what does that information do for us?” Lt. Col. Castillo asked. “We are getting better and making ourselves stronger.” 



NAÇÕES PARCEIRAS

TREINAM JUNTAS PARA SALVAR VIDAS

PARTNER NATIONS SPREAD THE WEALTH TO SAVE LIVES

Lições aprendidas no Iraque e no Afeganistão ao longo de 10 anos permitiram que paramédicos de combate do Exército dos EUA compartilhassem seus amplos conhecimentos com seus colegas peruanos, que mais tarde passaram a instruir os membros do serviço de El Salvador, criando uma rede regional de colaboração através de fronteiras geográficas

CLAUDIA SÁNCHEZ-BUSTAMANTE/DIÁLOGO

Lessons learned in Iraq and Afghanistan during the course of 10 years allowed U.S. Military combat medics to share their extensive knowledge with their Peruvian counterparts, who later went on to teach Salvadoran service members, creating a regional web of collaboration across geographic boundaries.

Soldados de El Salvador e do Peru simulam uma emboscada para a prática de prestação de assistência durante um ataque.

Soldiers from El Salvador and Peru simulate an ambush to practice rendering care while under attack.

MAJ. MIKE COOTE/US ARMY

Em fevereiro de 2012, um novo grupo de 24 soldados salvadorenses foi formado como paramédicos de combate. A graduação é parte de um programa de formação de treinadores lançado no Peru, um ano antes de ser expandido para outras forças armadas na região.

Desde que o curso, que tem o suporte do Comando Sul dos EUA, foi lançado, o Peru já treinou mais de 1.200 membros das três armas, além de policiais do Diretório Nacional de Operações Especiais, muitos dos quais que seriam destacados para os Vales dos Rios Apurímac, Ene e Mantaro, (VRAEM). Um total de 3.000 soldados foi escalado para fazer o curso em 2012-2013.

Tudo teve início em fevereiro de 2011, quando uma avaliação colaborativa entre líderes médicos e operacionais da equipe de cirurgiões gerais do SOUTHCOM e do Exército do Peru destacou a importância de reforçar as capacitações de resposta médica da linha de frente dos membros das Forças Armadas peruanas, que estavam destacadas no VRAEM, uma região de crescimento de coca e foco de atividades do narcotráfico no centro-sul do Peru.

O Coronel do Exército dos EUA Douglas Lougee, cirurgião geral do SOUTHCOM e o seu diretor do Programa de Medicina de Combate, Major do Exército dos EUA Mike Coote reagiu desenvolvendo o curso de Salvamento em Combate Tático, um sistema personalizado de treinamento autossustentável, desenvolvido para fornecer aos estudantes habilidades paramédicas de combate mais avançadas e relevantes para as suas funções específicas em um território remoto e com dificuldades de acesso.

A equipe também proveu os peruanos com aproximadamente 600 a 700 kits de primeiros socorros, como os usados pelas tropas dos EUA no Iraque e Afeganistão.

Os treinadores do Instituto de Treinamento de Pronto Socorro Médico de Defesa em Fort Sam Houston, no Texas, liderado pelo Sargento Técnico da Força Aérea dos EUA Omar Vargas, participaram no desenvolvimento do que se tornou um curso médico adaptado e padronizado para 'treinar o treinador', voltado para soldados de todos os serviços que lutavam nas linhas de frente. O sucesso do programa tornou-o um modelo para parcerias na região.

O primeiro curso de Salvamento em Combate Tático consistiu de 28 soldados peruanos, que foram treinados em medicina de combate, primeiros socorros, avaliação do paciente, e no improvisado de macas e torniquetes, entre outros temas. Para maximizar esse investimento mútuo e com uma visão de um



Entre os participantes do curso de Salvamento em Combate Tático no Peru estão representantes de todas as armas das Forças Armadas, o que destaca a importância da formação e das operações conjuntas.

Participants in the Tactical Combat Lifesaver course in Peru included representatives from all branches of the military, highlighting the importance of joint training and operations.

FORÇA AÉREA PERUANA

programa a longo prazo, eles receberam dois dias extras de competências de ensino para tornarem-se treinadores.

O serviço militar desse país sul-americano adotou o treinamento e fez dele um requisito padrão para todos os membros do serviço daquela região, bem como para aqueles envolvidos nas operações de manutenção da paz. Os peruanos adquiriram 3 mil kits de primeiros socorros após o primeiro curso, que estão sendo distribuídos para os participantes das turmas seguintes. Desde então, eles já realizaram 12 cursos de uma semana em Lima e três edições de duas semanas no VRAEM para treinar futuros treinadores, e estão realizando um novo curso a cada dois meses.

Em agosto de 2011, outras nações parceiras, incluindo El Salvador, manifestaram interesse em receber o mesmo treinamento.

Ao invés dos treinadores originais americanos conduzirem o treinamento, o SOUTHCOM, juntamente com representantes militares dos EUA em El Salvador e os líderes militares peruanos e salvadorenhos, adotaram uma iniciativa de “transmissão de conhecimento”. Os peruanos ensinariam o curso a um grupo de 24 militares salvadorenhos. Durante essa sessão de treinamento, a participação dos americanos foi limitada ao papel de observadores.

A

new group of 24 Salvadoran Soldiers emerged in February 2012 as the most recent combat medic graduates from a train-the-trainer program launched in Peru one year earlier that has branched to other militaries in the region.

In the time since the U.S Southern Command-sponsored course launched, Peru has trained more than 1,200 service members from its three Military branches in addition to police officers of the National

Special Operations Directorate, many of whom were scheduled to deploy to the Apurimac and Ene and Mantaro Rivers Valley (VRAEM, by its Spanish acronym). A total of 3,000 Soldiers were scheduled to take the course in 2012-2013.

It all began in February 2011, when a collaborative assessment between medical and operational leaders from SOUTHCOM's Surgeon General team and Peru's Military brought to light the importance of reinforcing the front-line medical response capabilities of Peruvian Armed Forces members deployed in the VRAEM, a coca-growing region and hub for drug trafficking activities in south central Peru.

SOUTHCOM's surgeon general, U.S. Army Colonel Douglas Lougee, and his combat medicine program director, U.S. Army Major Mike Coote, responded by developing the Tactical Combat Lifesaver course, a customized self-sustaining training system designed to provide students with more advanced and

relevant combat medic skills for their specific duties in a remote terrain with difficult access. The team also supplied Peruvians with 600 to 700 first-aid kits like those used by U.S. troops in Iraq and Afghanistan.

Trainers from the Defense Medical Readiness Training Institute in Fort Sam Houston, Texas, led by U.S. Air Force Technical Sergeant Omar Vargas, participated in developing what became a tailored and standardized train-the-trainer medical course geared to Soldiers who were fighting on the front lines from all services. The success of the program has made it a model for partnering in the region.

The initial Tactical Combat Lifesaver course consisted of 28 Peruvian Soldiers who were trained in combat medicine, first aid, patient evaluation, and improvising stretchers and tourniquets, among other topics. In order to maximize this shared investment and with a vision for a long-term program, they received an additional two days of teaching skills to become trainers themselves.

The South American country's Military has adopted this training as its own by making it a standard requisite for all personnel serving in that region, as well as for those involved in peacekeeping operations. The Peruvians purchased 3,000 first-aid kits following the initial course, which they are distributing to the participants of each subsequent class. They have since held 12 one-week courses in Lima and three two-week iterations in the VRAEM to train future trainers, and they are holding a new course every couple of months.

By August 2011, other partner nations, including El Salvador, had expressed interest in receiving the same training. Instead of the original U.S. trainers conducting the training, SOUTHCOM, together with the U.S. country team in El Salvador and the Salvadoran and Peruvian Military leadership adopted an initiative to "pay it forward." The Peruvians would teach the course to a group of 24 Salvadoran Military members. During this training session, U.S. participation was limited to an observatory role.



Um soldado peruano aplica algumas das técnicas aprendidas no curso de Salvamento em Combate Tático em uma operação real contra o Sendero Luminoso no VRAEM.

A Peruvian Soldier applies some of the techniques learned in the Tactical Combat Lifesaver course to a real-life operation against the Shining Path in the VRAEM.

COMANDANTE GUILLERMO CEDRÓN VERA/FORÇA AÉREA PERUANA

“Foi a primeira vez que membros militares peruanos treinaram militares de uma nação parceira em áreas relacionadas à medicina de combate para que eles possam realizar o mesmo curso em seu país”, disse o Comandante da Força Aérea peruana Guillermo Cedrón Vera, coordenador para o curso no Peru e paramédico militar.

O primeiro grupo salvadorenho treinado seguiu o exemplo de seus homólogos peruanos e continuou a ramificar as lições aprendidas, passando-as para seus irmãos militares. Doze instrutores salvadorenhos viajaram para o Peru para aprimorar suas capacidades de ensino através da prestação de ajuda em um treinamento liderado pelos peruanos para mais 60 membros do serviço que partiram para o VRAEM. De volta a seu país, eles certificaram 250 membros do serviço salvadorenho em dois cursos seguidos, para grupos de soldados encaminhados para o Afeganistão e Líbano.

A Tenente Diana Reyes, salvadorenha e membro do serviço militar, participou no curso inicial em

“It was the first time that certified Peruvian Military personnel trained a partner nation’s military on topics related to combat medicine in order to allow them to replicate the course in their country,” said Peruvian Air Force Commander Guillermo Cedrón Vera, the coordinator for the course in Peru and a military medic.

The first group of trained Salvadorans then followed their Peruvian counterparts’ example and continued branching out by taking the lessons learned to their military brethren. Twelve Salvadoran instructors traveled to Peru to refine their teaching skills by assisting in a Peruvian-led training for 60 more VRAEM-bound service members. Back in their country, they certified 250 Salvadoran service members in two back-to-back courses for groups of Soldiers headed to Afghanistan and Lebanon.

According to Lieutenant Diana Reyes, a Salvadoran service member participating in the inaugural course in February 2012, “Soldiers receive skills [during the training course] that are very useful in any type of mission and peace operation that they are assigned to ... this improves the combat effectiveness of any service member.”

The Salvadoran Military has trained many more service members since the first group became instructors. The initiative has positioned El Salvador as the first Central American country to have a combat medic specialty as part of military training.


“It has been extremely gratifying to see our partners in El Salvador and Peru sharing their experiences,” said Col. Lougee, the SOUTHCOM surgeon general. “What is great about the Tactical Combat Lifesaver program is that we are now seeing further development of a regionwide capacity in these critical battlefield skills,” he added.

For their part, Peru’s Armed Forces Joint Command has gone on to build a medical training center in order to position themselves as combat medic leaders in the region.

Further, SOUTHCOM’s Global Peace Operations Initiative has also brought U.S. Military service members together with Central American forces to develop this training course as a requisite for all United Nations forces in Latin America. They plan on using the course to prepare all peacekeeping operations forces in preparation for their missions.

Additionally, during the last quarter of 2012, on one of his last official trips to the region, former SOUTHCOM Commander General Douglas Fraser met in Panama with representatives from the National Border Service and Ministry of Public Security, who requested assistance for their Forces battling elements of the Revolutionary Armed Forces of Colombia (FARC). After deploying a Joint Planning Assistance Team to the Central American nation to develop the course, training successfully began in Panama in November 2012.

“The medical techniques we learned from our [U.S.] experience at war for more than 10 years has been successful in saving lives but has also allowed us to share that knowledge with our partners. They in turn are using it to train themselves and share the wealth,” said Maj. Coote, from the Surgeon General’s Office at SOUTHCOM. “Taking ownership of these skills is the key to success, and we will continue to support our partner nations for doing it themselves,” he added.

Since the initial results with the Peruvian forces were so well received, the value of lessons learned and partnering has been recognized by militaries the world over, resulting in a significant increase in the countries interested in this capability. 



Tem sido extremamente gratificante ver nossos parceiros em El Salvador e Peru dividindo suas experiências. O que é muito bom sobre o programa de Salvamento em Combate Tático, é que agora vemos maior desenvolvimento de uma capacitação regional nessas habilidades críticas de campo de batalha.”

— **CEL DOUGLAS LOUGEE**
Diretor médico do SOUTHCOM

fevereiro de 2012 e disse: “Soldados desenvolvem habilidades [durante o curso de treinamento] que são muito úteis em qualquer tipo de missão e operação de paz para as quais são designados... o que melhora a eficácia de combate de qualquer membro do serviço militar”.

O Exército de El Salvador tem treinado vários membros do serviço militar desde que o primeiro grupo se tornou instrutor. A iniciativa posicionou El Salvador como o primeiro país da América Central a ter a especialidade de paramédicos de combate como parte de seu treinamento militar.

“Tem sido extremamente gratificante ver nossos parceiros em El Salvador e Peru dividindo suas experiências”, disse o Cel Lougee, cirurgião geral do SOUTHCOM. “O que é muito bom sobre o programa de Salvamento em Combate Tático, é que agora vemos maior desenvolvimento de uma capacitação regional nessas habilidades críticas de campo de batalha”, acrescentou ele.

Por sua vez, o Comando Conjunto das Forças Armadas do Peru passou a construir um centro de treinamento médico, a fim de posicionar-se como líderes em paramédicos de combate na região.

Além disso, a Iniciativa Global de Operações de Paz do SOUTHCOM também reuniu membros do serviço Militar dos Estados Unidos, com as Forças Armadas



Centro-Americanas para desenvolver este curso de treinamento como um requisito para todas as forças das Nações Unidas nas Américas do Sul e Central, e no Caribe. Eles planejam usar o curso para preparar todas as forças de operações de manutenção de paz na elaboração de suas missões.

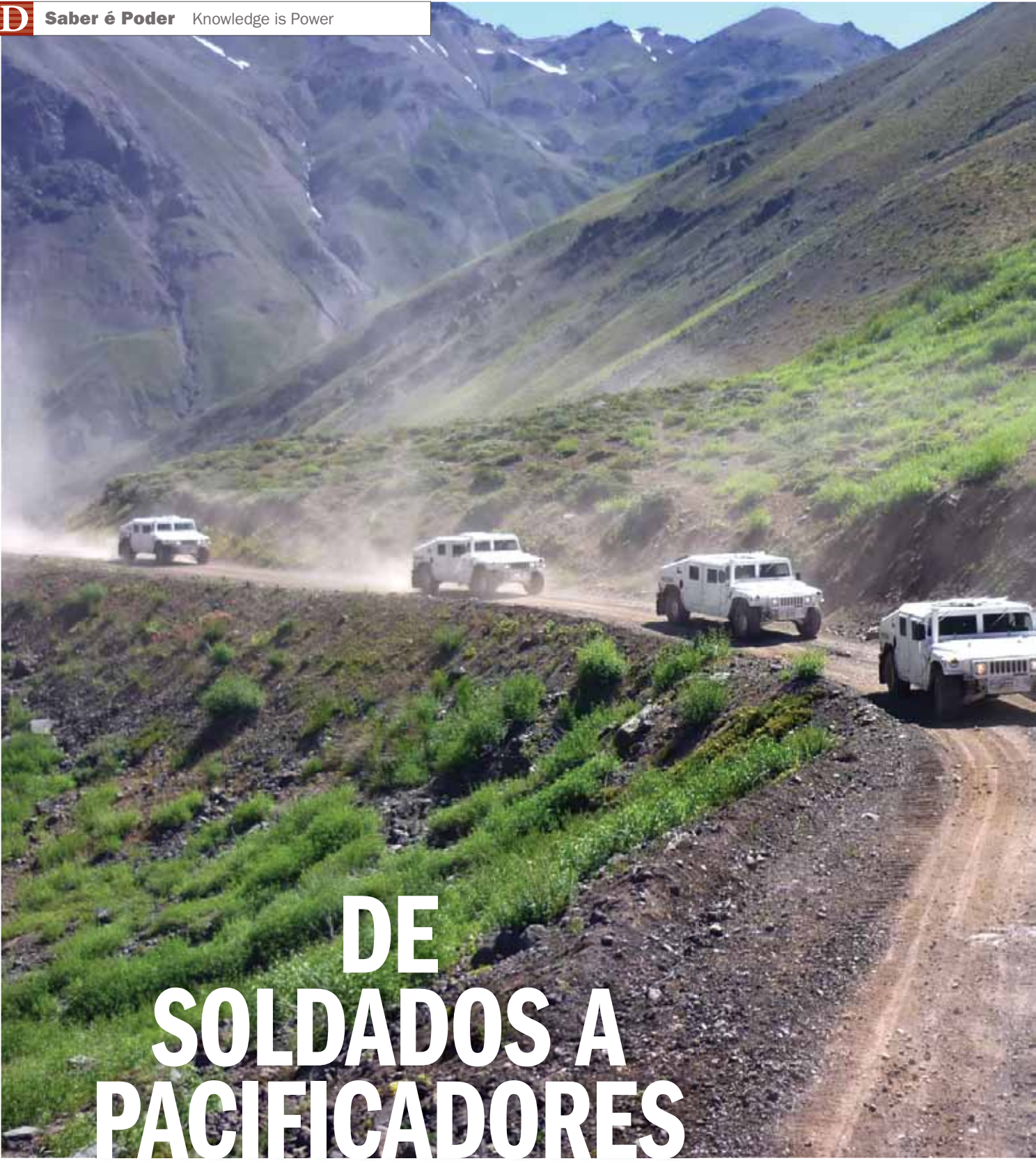
Ademais, durante o último trimestre de 2012, em uma de suas últimas viagens oficiais para a região, o ex-comandante do SOUTHCOM, Tenente-Brigadeiro-do-Ar Douglas Fraser se reuniu no Panamá com representantes do Serviço Nacional de Fronteiras e do Ministério da Segurança Pública, que pediram ajuda na luta contra elementos das Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia (FARC). Depois de destacar uma equipe de assistência conjunta de planejamento no país centro-americano para desenvolver o curso, o treinamento foi iniciado com sucesso no Panamá em novembro de 2012.

“As técnicas médicas que aprendemos com a nossa experiência em guerra [dos EUA] por mais de 10 anos têm sido bem-sucedidas para salvar vidas, mas permitiu-nos também compartilhar o conhecimento com nossos parceiros. Eles, em contrapartida, estão usando-as para treinar o seu próprio pessoal e compartilhar o conhecimento”, afirmou o Major Coote, do Gabinete de Cirurgia Geral do SOUTHCOM. “Dominar essas habilidades é a chave para o sucesso, e vamos continuar a apoiar as nações parceiras para que elas próprias realizem isso”, acrescentou.

Uma vez que os resultados iniciais com as Forças peruanas foram tão bem recebidos, a importância das lições aprendidas e parcerias tem sido reconhecida por militares em todo o mundo, resultando em um aumento significativo nos países interessados por esta capacitação. ①

Soldados peruanos treinam como carregar um paciente sob fogo inimigo.

Peruvian Soldiers practice carrying a patient while under enemy fire.



DE SOLDADOS A PACIFICADORES

CENTROPI



O CHILE TEM RECEBIDO ELOGIOS INTERNACIONAIS PELO TREINO E PROFISSIONALISMO DE SUAS TROPAS DE MANUTENÇÃO DA PAZ. SUAS ESCOLAS DE TREINAMENTO TÊM COMO ESSENCIAL A ASSISTÊNCIA E COMPREENSÃO, QUE SÃO DIFUNDIDAS PELAS FORÇAS DE PAZ CHILENAS NAS MISSÕES EM QUE SERVEM

ABRAHAM MAHSHIE/DIÁLOGO

Ao discutir como ele mede o êxito de uma missão de paz, o Tenente-Coronel chileno Rodrigo Vásquez contou a história de uma de suas três missões no Haiti. O militar estava em patrulha em um veículo blindado das Nações Unidas em uma estrada de terra na zona rural, quando observou um rapaz com uma bicicleta que havia quebrado na beira da estrada. O veículo branco parou e o Ten Cel Vásquez desceu, tirando o capacete azul da ONU e praticamente todo equipamento, com exceção de uma pequena arma. Ele se aproximou do garoto e ajoelhou-se ao lado dele para consertar a corrente da bicicleta.

O Ten Cel Vásquez, diretor assistente do Centro Conjunto para Operações de Paz do Chile (CECOPAC), afirmou que “essas coisas momentâneas são pequenas, mas fazem o nosso trabalho satisfatório e, no final do dia, no final da missão, o que posso dizer é: ‘Eu cumpri com meu dever’”.

O pequeno ato de bondade reflete a formação humanitária e entendimento cultural que as tropas de manutenção da paz recebem no CECOPAC, que está baseado em instalações de última geração em Santiago. O Major do Exército José Carrera, chefe do departamento educacional, disse que a missão do CECOPAC é transmitir a cultura de paz e de operações de estabilidade, que são diferentes do treinamento militar tradicional.

“Para nós, é um grande desafio - o desafio de tirar o capacete verde e colocar o capacete azul”, disse o Major Carrera. O objetivo é alcançado através da ênfase no papel das Nações Unidas em missões de manutenção da paz, disse ele, e não na abordagem de tópicos de treinamento militar, uma vez que todos os estudantes militares são selecionados para a escola com base em um alto grau de proficiência em suas respectivas forças.

O Ten Cel Vásquez disse que o instituto tem instruído soldados chilenos e pacificadores da região nos últimos 10 anos, estabelecendo uma reputação com treinamento em operações de paz de alta qualidade. Ele disse que uma comunicação frequente com as tropas em campo, além de entrevistas para avaliação dos que retornam de missões permite que os instrutores possam constantemente melhorar o currículo. “Podemos dizer que temos reorientado nossas instruções diariamente, e isso nos dá paz de espírito, por saber que, com certeza, o que estamos fazendo é bem feito”.

O compromisso do Chile com a manutenção de paz global inclui missões no Haiti, Bósnia e Herzegovina (foto) e Chipre, além de missões de observação no Oriente Médio e na Índia/Paquistão.

Chile's global peacekeeping commitment includes missions in Haiti, Bosnia and Herzegovina (pictured) and Cyprus, and it has observer missions in the Middle East and India/Pakistan.

Até 2012, o Chile enviou 9.073 soldados para a Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH). A missão evoluiu fundamentalmente da segurança para o apoio nas tarefas de desenvolvimento e humanitárias.

Cultura Capacete Azul

O Ten Cel Vásquez disse que a maior diferença entre um soldado antes de ele entrar no CECOPAC e depois é um profundo entendimento de sua missão de paz. O CECOPAC fornece as ferramentas para que os pacificadores tenham uma compreensão jurídica e humana da missão. “Quando posicionados em campo, os homens sabem perfeitamente que estão lá para ajudar, e que sua condição de membro das forças armadas, como um soldado carregando uma arma, não os impede de ajudar”, disse ele.

O currículo do CECOPAC consiste de módulos básicos, específicos e avançados com vários cursos em cada um deles. O Material de Treinamento Básico para Pré-Destacamento do módulo básico faz parte do treinamento padrão das operações de manutenção da paz da ONU. Ele é proporcionado a policiais, militares e civis, dando-lhes os princípios básicos, as diretrizes e políticas de manutenção da paz das Nações Unidas. O módulo específico fornece o conhecimento geral da área de missão e as tarefas operacionais executadas. O módulo avançado cobre o trabalho prático no campo, que permite que os alunos possam analisar as necessidades e as condições para o desenvolvimento social, político e econômico da área na qual estão instalados.

O CECOPAC reporta diretamente ao ministro da defesa através do chefe do Estado Maior Conjunto do Chile. Esta estrutura de comando simplificada contribui para o sucesso do CECOPAC, permitindo mudanças curriculares imediatas, baseadas nas lições aprendidas no campo. “Para nossa sorte”, disse o Major Carrera. “Se vemos que num curso de operações de paz estão faltando coisas que são fundamentais para quem opera na missão, fazemos alterações para o próximo curso”.

A missão no Haiti, onde 516 dos 552 soldados do Chile estão mobilizados, mudou consideravelmente desde que os pacificadores da ONU chegaram à ilha em 2004. Vásquez, que serviu em três missões no Haiti, explicou que a segurança e a estabilidade criadas pelas forças de paz ao longo dos anos têm ajudado a missão a evoluir a partir da possibilidade de concretizar um “contato real” criando uma nova forma de cooperação entre militares e civis voltada para o envolvimento e desenvolvimento da comunidade.

O Capitão Roberto Ramis, comandante do Centro de Treinamento para Operações Internacionais do Exército em Peldehue, disse que o esforço conjunto das escolas de manutenção da paz do Chile se expandiu além dos aspectos puramente relacionados à segurança. “Não se trata apenas de estabelecer e manter a ordem. O Chile está ajudando a reconstruir o país”, disse ele.

De pé ao final de uma fila de jipes brancos da ONU e veículos blindados usados para o treinamento, o Capitão Ramis disse que os pacificadores são percebidos como muito mais do que os fornecedores de segurança por parte da população local. “Precisamos ajudar, temos que apoiar. As pessoas irão ver um boné azul das Nações Unidas, e dizer: ‘Ajude-me, por favor’”, contou.

Assim ocorreu em 19 de setembro de 2006, quando um médico pacificador chileno foi chamado para ajudar com um parto. Uma vez que médicos em missões de manutenção da paz são treinados para fazerem partos, o Capitão Ramis disse que a força de paz pode ajudar. A menina haitiana recebeu o nome de “Chilienne” em homenagem ao soldado da paz que ajudou sua mãe.

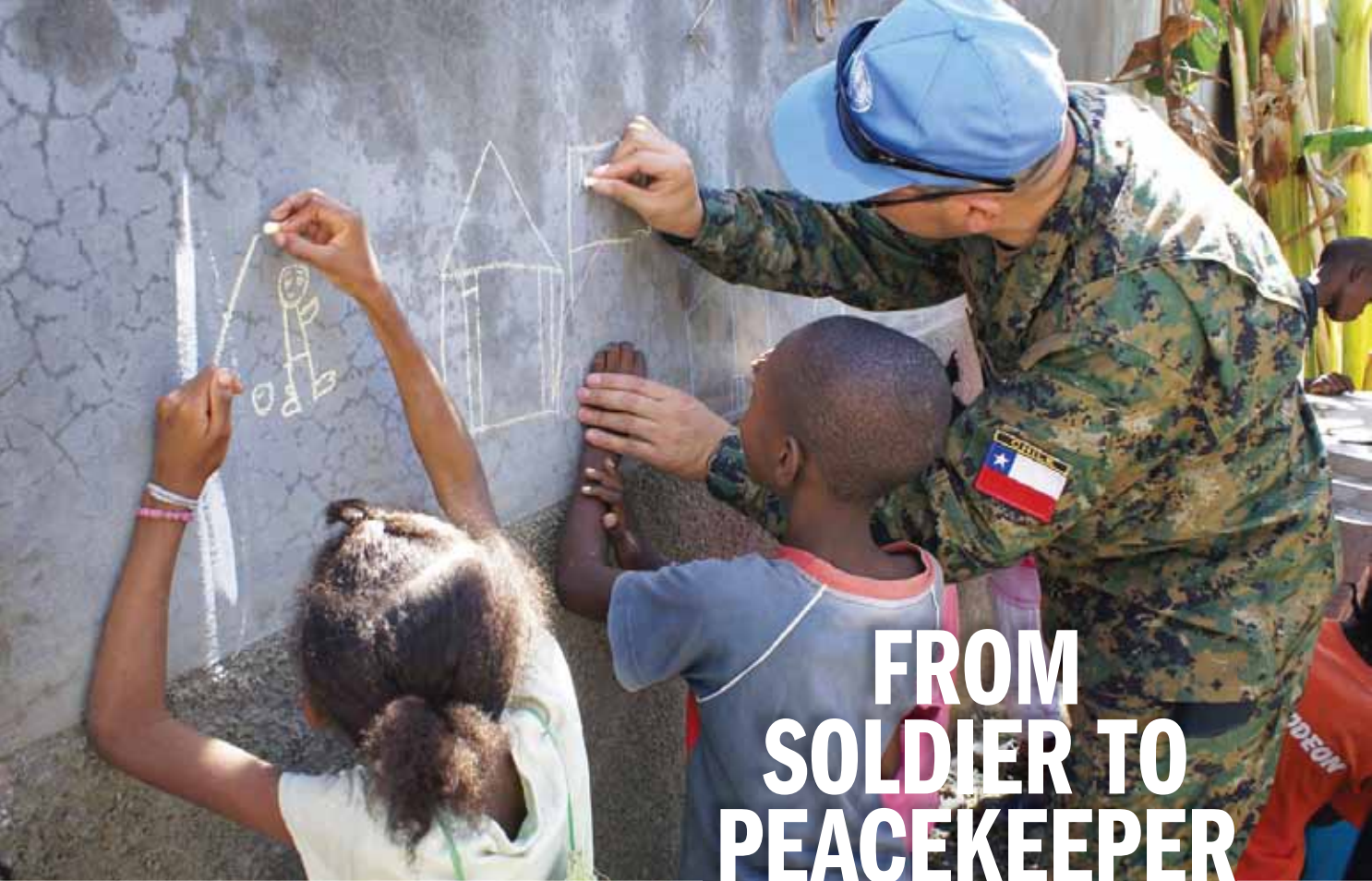
As of 2012, Chile had deployed 9,073 peacekeepers to the United Nations Stabilization Mission in Haiti (MINUSTAH). The mission has evolved from mainly providing security to assisting with development and humanitarian tasks.

Globalmente dependente, regionalmente integrados

Em maio de 2004, o Chile enfrentou uma decisão difícil. O país mantinha um dos assentos rotativos no Conselho de Segurança das Nações Unidas, mas o seu compromisso internacional estava em déficit. No entanto, as Forças Armadas chilenas eram fortes, bem organizadas, e o país era visto como uma democracia estável, com um grande potencial. Poderia servir em missões internacionais, melhorar e integrar ainda mais sua tecnologia e processos com as nações parceiras, além de oferecer oportunidades às suas tropas para ganhar experiência global. Quando a situação no Haiti se deteriorou rapidamente e a ONU convocou uma força internacional para estabilizar o país, o ex-presidente chileno Ricardo Lagos comprometeu suas tropas de manutenção da paz. Em 72 horas, as forças chilenas estavam em campo no Haiti, atraindo elogios mundialmente pelo elevado nível de coordenação que eles demonstraram.

“Quando um país apresenta tal capacidade de posicionamento, demonstra que eles têm forças armadas com um elevado nível de treinamento”, disse o analista de segurança chileno Guillermo Holzmann. O compromisso do Chile com as operações de manutenção de paz das Nações Unidas é visto por muitos como um produto de sua economia robusta, democracia estável e forte presença global. O Chile é um dos países mais engajados globalmente, com 59 acordos comerciais bilaterais ou regionais. “Sendo o Chile um ponto de referência, é importante que o país mantenha a estabilidade, que mantenha um interesse internacional e, conseqüentemente, que tenha uma responsabilidade maior”, disse Holzmann.

O envolvimento do país no progresso do Haiti inclui a Companhia de Engenharia de Manutenção da Paz, uma unidade conjunta equatoriana-chilena que está ajudando a construir estradas e escolas. Da mesma forma, o Chile trabalha lado a lado com as Forças da Argentina no Haiti e no Chipre. Para dois países que estavam no auge do conflito, há 30 anos, a confiança mútua e colaboração na manutenção da paz em todo o mundo levou à formação da Força de Paz Cruz do Sul, uma unidade conjunta composta por oito helicópteros, dois navios e 1.050 soldados de prontidão para auxiliar no caso de uma crise hemisférica. O Chile também está renovando laços históricos com a América Central em um programa que irá incorporar 32 soldados do




FROM SOLDIER TO PEACEKEEPER

ESTADO MAIOR CONJUNTO DO CHILE

Exército salvadorenho e um pacificador de Honduras no Batalhão chileno.

O Tenente-Coronel Vásquez descreveu a experiência de servir em uma missão de manutenção da paz como “transcendental”. Assim como as operações militares tradicionais, existe um elevado risco para o soldado, e ele deve proteger seus companheiros, bem como a si mesmo. Mas, há também o elemento humanitário derivado da convivência, em primeira mão, com uma nova cultura e um novo modo de viver. Vásquez disse que o compartilhamento de experiências que acontece quando uma força de paz retorna para a unidade em seu país de origem também enriquece a instituição profissionalmente.

A assistência fornecida aos estudantes do CECOPAC em sua educação reflete-se nos cuidados que os alunos levam para as missões de manutenção de paz, disse. “Além disso, nós repassamos o fundamento primordial chileno que é o amor em fazer as coisas de forma correta, de desejar fazer as coisas de olho no futuro, não só em relação com o que temos de fazer, mas também com o que podemos fazer.” 

CHILE HAS RECEIVED INTERNATIONAL PRAISE FOR THE TRAINING AND PROFESSIONALISM OF ITS PEACEKEEPING TROOPS. ITS SCHOOLS ARE AT THE HEART OF THE CARE AND UNDERSTANDING CHILEAN PEACEKEEPERS BRING TO THE MISSIONS THEY SERVE.

ABRAHAM MAHSHIE/DIÁLOGO STAFF

In discussing how he measures success on a peacekeeping mission, Chilean Army Lieutenant Colonel Rodrigo Vásquez recounted a story from one of his three missions to Haiti.

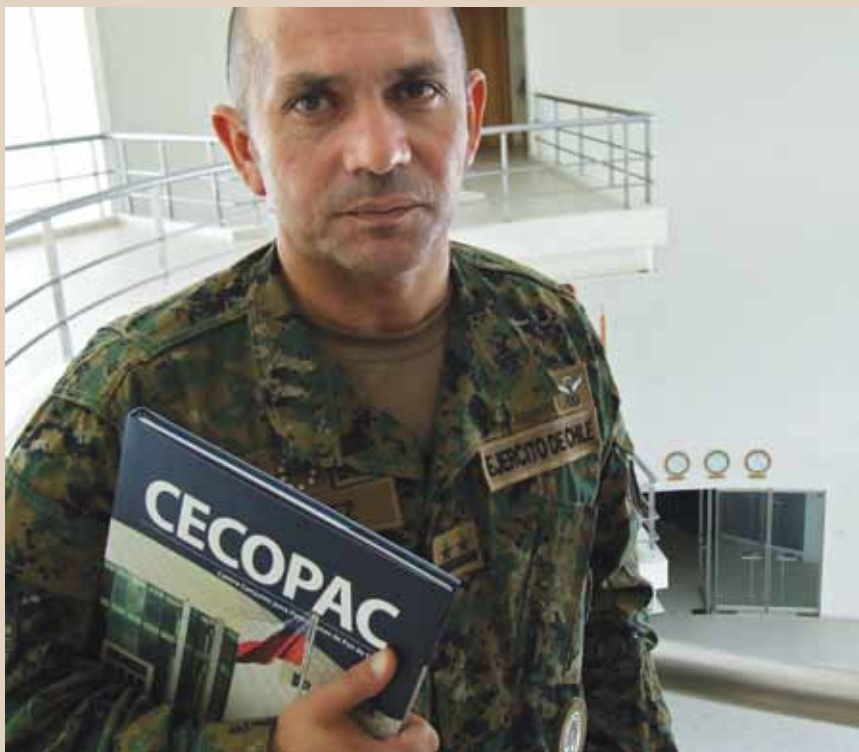
He was on patrol in a United Nations armored vehicle on a dirt road in the countryside when he noticed a boy with a bicycle that had broken down by the roadside. The bulky white vehicle stopped and Lt. Col. Vásquez stepped out, taking off his blue U.N. helmet and practically all of his gear with the exception of a small sidearm. He approached the boy and knelt down beside him to repair the chain on his bicycle.

Lt. Col. Vásquez, now assistant director of the Chilean Joint Peace

Operations Center (CECOPAC), explained, “Those things are momentary things, they are small, but they make our daily work satisfying and at the end of the day, at the end of the mission, I can say, ‘I did my duty.’”

The small act of kindness reflects the humanitarian training and cultural understanding that peacekeeping troops receive at CECOPAC, which is housed in state-of-the-art facilities in Santiago. Army Major José Carrera, chief of the educational department, said the mission of CECOPAC is to impart the culture of peace and stability operations that is distinct from traditional military training.

“For us, it is a tremendous challenge — the challenge of taking off the green helmet and putting on the blue



ABRAHAM MAHSHE/DIÁLOGO

O Ten Cel do Exército Rodrigo Vásquez, diretor assistente do Centro Conjunto para Operações de Paz do Chile (CECOPAC), disse que o centro é o único de seu tipo com instrutores permanentes da Argentina, Brasil e Reino Unido.

Chilean Army Lt. Col. Rodrigo Vásquez, assistant director of the Chilean Joint Peace Operations Center (CECOPAC), said the center is the only one of its kind with permanent instructors from Argentina, Brazil and the United Kingdom.

helmet,” said Maj. Carrera. The objective is achieved by focusing on the role of the United Nations in peacekeeping missions, he said, and not delving into topics of military training, since all military students are selected for the school based on a high degree of proficiency in their respective forces.

Lt. Col. Vásquez said the institute has been instructing Chilean and regional peacekeepers for the past 10 years, establishing an international reputation for high-caliber pre-deployment training. He said regular communications with troops on the ground and debriefings of those returning from missions allow instructors to constantly improve the curriculum. “We can say that we have been reorienting our instruction on a daily basis, and this gives us peace of mind, knowing with certainty that what we are doing is well done.”

Blue Helmet Culture

Lt. Col. Vásquez said the greatest difference between a Soldier before he enters CECOPAC and after is a profound understanding of his peacekeeping mission. CECOPAC provides the tools for peacekeepers to have a legal and human understanding of the mission. “When deployed on the ground, the men know perfectly well that they are there to help, and their condition as a member of the Military, as a Soldier, carrying a weapon does not prevent them from helping,” he said.

The CECOPAC curriculum consists of basic, specific and advanced modules with several courses in each. The Core Pre-Deployment Training Material in the basic module is part of the standard U.N. peacekeeping operations training. It is provided to military, police and civilian personnel to give them the basic principles, guidelines and policies of U.N. peacekeeping. The specific module provides general knowledge of the mission area and operational tasks performed. The advanced module covers practical work in the field that allows students to analyze the needs and conditions for the social, political and economic development of the area to which they are deployed.

CECOPAC reports directly to the minister of defense through the chief of the Joint Staff of Chile. This streamlined command structure contributes to CECOPAC’s success by allowing immediate curriculum changes based on lessons learned in the field. “This is the good fortune we have,” Maj. Carrera said. “If we see that a pre-deployment course is missing things that are fundamental for those operating on the mission, we make changes to the next course.”

The mission in Haiti, where 516 of Chile’s 552 peacekeepers are deployed, has changed considerably since U.N. peacekeepers first arrived on the island nation in 2004. Lt. Col. Vásquez, who served three missions in Haiti, explained that the security and stability established by peacekeepers throughout the years has helped the mission evolve from the possibility of achieving “real contact” in the kinetic, military sense to a new form of cooperation with civilians focused on community engagement and development.

Army Capt. Roberto Ramis, commander of the Army’s Center for International Operations Training in Peldehue, said the combined effort of Chile’s peacekeeping schools has expanded beyond purely security-related aspects. “It’s not just establishing and maintaining order. Chile is helping rebuild the country,” he said.

Standing at the end of a line of white U.N. Humvees and armored vehicles used for training, Capt. Ramis said peacekeepers are seen as much more than providers of security by the local population. “We need to help, we need to support. The people are going to see a blue cap, United Nations, and [say], ‘Help me, please,’” he said.

Such was the case on September 19, 2006, when a Chilean peacekeeper medic was called upon to assist in childbirth. Since medics on peacekeeping missions are trained in childbirth, Capt. Ramis said the peacekeeper was able to help. The Haitian baby girl was named “Chilienne” in honor of the peacekeeper who assisted her mother.

Globally Dependent, Regionally Integrated

In May 2004, Chile was faced with a tough decision. The country held one of the rotating seats at the United Nations Security Council, but its international commitment was in deficit. However, the Chilean Military was strong, well-organized, and the country was seen as a stable democracy with a great deal of potential. It could serve in international missions, further upgrade and integrate its technology and processes with partner nations, and provide


opportunities for its troops to gain global experience. When the situation in Haiti deteriorated rapidly and the U.N. called for an international force to stabilize the country, former Chilean President Ricardo Lagos committed his peacekeeping troops. In 72 hours, Chilean forces were on the ground in Haiti, drawing widespread global praise for the high degree of coordination they demonstrated.

“When a country shows such a deployment capacity, it demonstrates that they have Armed Forces with a high degree of training,” said Chilean security analyst Guillermo Holzmann. Chile’s commitment to United Nations peacekeeping operations is seen by many as a product of its robust economy, stable democracy and strong global presence. Chile is one of the most globally engaged countries in the world, with 59 bilateral or regional trade agreements. “Because Chile is a point of reference, it is important that it maintains stability, that it maintains an international concern and, consequently, that it has a greater responsibility,” Holzmann said.

The country’s involvement in Haiti’s development includes the Peacekeeping Engineering Company, a joint Ecuadorean-Chilean unit that is helping to build roads and schools. Similarly, Chile works hand in hand with Argentine forces in Haiti and Cyprus.

For two countries that were at the cusp of conflict 30 years ago, their mutual confidence and peacekeeping collaboration across the globe has led to the formation of Southern Cross, a joint peacekeeping unit consisting of eight helicopters, two ships and 1,050 troops on standby to assist in case of a hemispheric crisis. Chile is also renewing historical ties to Central America in a program that will incorporate 32 Salvadoran Army Soldiers and a Honduran peacekeeper into the Chilean Battalion.

Lt. Col. Vásquez characterized the experience of serving on a peacekeeping mission as “transcendental.” Like traditional military operations, there is a high risk to the Soldier, and he must protect his comrades as well as himself. But, there is also a humanitarian element derived from experiencing a new culture and way of life firsthand. Lt. Col. Vásquez said the sharing that happens when a peacekeeper returns to a unit in his home country also enriches the institution professionally.

The care provided to CECOPAC students in their education is reflected in the caring that students bring to their peacekeeping missions, said the lieutenant colonel. “In addition, we impart a special essence that is the Chilean love of wanting to do things well, of wanting to do things with a vision of what’s beyond, not only with what we must do, but with what we can do.” 

CURSOS DO CENTRO CONJUNTO PARA OPERAÇÕES DE PAZ DO CHILE

- Curso: Pré-Destacamento CHILFOR (Bósnia-Herzegovina)/ALTHEA Operação da União Europeia
- Curso: Pré-Destacamento da Força da ONU no Chipre
- Curso: Pré-Destacamento para Missão das Nações Unidas para a Estabilização no Haiti (MINUSTAH) “Comandantes e Oficiais”
- Curso: Pré-Destacamento MINUSTAH “Contingente”
- Curso: Pré-Destacamento MINUSTAH “Companhia de Engenharia”
- Curso: Pré-Destacamento MINUSTAH “Grupo de Helicópteros da Força Aérea do Chile (FACH)”
- Curso: Introdução às Operações de Paz
- Curso: Administração Logística e Financeira em Operações de Paz
- Curso: Operações de Paz Cruz do Sul
- Curso: Militares Especialistas em Missão de Paz
- Curso: Polícia das Nações Unidas para MINUSTAH
- Curso: Operações de Ajuda Humanitária
- Diploma de Correspondentes em Operações de Paz Complexas

CHILEAN JOINT PEACE OPERATIONS CENTER COURSES

- European Union Operation ALTHEA: CHILFOR Pre-Deployment Course (Bosnia and Herzegovina)
- U.N. Force in Cyprus Pre-Deployment Course
- U.N. Stabilization Mission in Haiti (MINUSTAH) Command and Staff Pre-Deployment Course
- Pre-Deployment MINUSTAH Contingent Course
- MINUSTAH Engineer Company Pre-Deployment Course
- MINUSTAH Chilean Air Force Helicopter Group Pre-Deployment Course
- Introduction to Peace Operations Course
- Peace Operations Logistic and Financial Administration Course
- Southern Cross Peacekeeping Force Course
- Military Experts on Mission Course
- MINUSTAH U.N. Police Course
- Humanitarian Operations Course
- Correspondents in Complex Peace Operations Diploma



SANDRA MARINA/DIÁLOGO

Sincronização se torna prioridade no Intercâmbio de Informações Chile-EUA

O recém-fundado Comando Conjunto do Exército chileno visitou os Estados Unidos para adquirir mais conhecimento sobre Operações de Informações, tendo em vista que o mesmo tenta sincronizar as capacidades estabelecidas e estruturar uma divisão semelhante

CLAUDIA SÁNCHEZ-BUSTAMANTE/DIÁLOGO

Quase três anos após ter mudado a sua doutrina e adotado uma lei para unir as suas forças sob um comando conjunto, o Chile já está tomando medidas para adaptar-se a esta postura. No intuito de atingir este objetivo, chegou a Miami, Flórida, um comitê de 18 membros das Forças Armadas chilenas — Força Aérea, Marinha, Exército e Fuzileiros Navais —, além dos Comandos Conjuntos do Norte e do Sul, para um Intercâmbio de Especialistas em Assuntos Específicos (SMEE, por sua sigla em inglês) com as divisões de Operações de Informações (IO, por sua sigla em inglês), Comunicações Estratégicas e Relações Públicas do Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM, por sua sigla em inglês), que aconteceu de 3 a 7 de dezembro de 2012.

Durante os seus comentários de abertura, o Brigadeiro da Força

Aérea do Chile, Jorge Robles Mella, ressaltou o fato de o país ter trazido dois representantes de cada serviço e comando, porque eles consideram da mais alta importância intercambiar informações com os Estados Unidos e aprender mutuamente, especialmente depois de já terem sido realizados outros quatro exercícios e eventos conjuntos entre Chile e EUA, no decorrer de 2012.

“Nós percebemos que temos muito que aprender uns com os outros... o nosso interesse em [Operações de Informações] vem do fato de ser este um tópico razoavelmente novo. Se é novo para vocês, para nós ainda está nascendo”, disse o Brig Robles. “As IO têm sido tradicionalmente baseadas nas decisões tomadas pelos nossos comandantes e nós queremos consolidar isso em todos os nossos serviços. Esperamos que o nosso comitê atual tenha a capacidade de transmitir para os seus comandantes o que nós aprendamos nesta semana”, ele acrescentou.

O Coronel do Exército dos EUA James Miller, diretor de Operações do Comando Sul de Operações Especiais, disse que “as Operações de Informações são uma ferramenta mais poderosa e mais cinética do que jogar uma bomba ou uma série de bombas”. O Cel Miller explicou que as IO têm um amplo alcance através de uma série de impactos de prazos muito curtos; “elas têm o potencial de causar uma resposta maior do público, assim como uma reação mais significativa tanto dentro das fronteiras do país, como fora delas”.

Os chilenos reuniram informações detalhadas sobre as experiências dos Estados Unidos em planejamento e sincronização. Representantes do SOUTHCOM e seus componentes de serviço ofereceram explicações pormenorizadas sobre como a rápida coordenação tática, operacional e política dos esforços de um país e, especificamente, de um comando conjunto de um país, assim como o que o Chile está em processo de construir, tem que viabilizar os seus serviços e departamentos a fim de alcançarem um só objetivo.

Depois de três dias completos de discussões intensas, debates e uma grande quantidade de informações, os participantes


Membros das Forças Armadas do Chile visitaram os Estados Unidos, de 3 a 7 de dezembro de 2012, para trocar ideias, experiências e lições aprendidas com os membros das divisões de Operações de Informações (IO) do Comando Sul de Operações Especiais dos EUA.

Members of Chile's Armed Forces visited the United States from December 3-7, 2012, to exchange ideas, experiences and lessons learned with members of the U.S. Southern Command Information Operations and the Special Operations Command-South Operations divisions.

dividiram-se em grupos de trabalho para chegar a conclusões e elaborar as lições aprendidas, bem como traçar um caminho a seguir. Embora houvesse sugestões diferentes de como fazê-lo, o denominador comum foi o de que as Forças Armadas do Chile têm a necessidade evidente de falar um só idioma e ter uma só voz.

“Nós percebemos que o Chile tem em vigor as capacidades básicas de [IO], mas elas não estão coordenadas ou integradas umas com as outras.

Falta-nos uma voz unificada, um órgão central onde todas elas serão sincronizadas, planejadas, avaliadas e coordenadas, a fim de concentrar os esforços existentes e obter um produto que vai dar orientação clara, com o objetivo de otimizar e alcançar processos mais eficientes”, disse o Tenente-Coronel do Exército chileno Rocco Giovanni Lancellotti Vergara.

Em seu discurso de encerramento, o Brig Robles concluiu, “a forma como lidamos com as informações é muito importante. As Operações de Informações constituem um tema que devemos continuar a desenvolver, porque uma decisão mal feita pode ter um efeito marcante. Temos certeza de que as ferramentas estão lá. Só temos de organizá-las bem e saber que, se não formos capazes de demonstrar o trabalho que fazemos, a sociedade não vai entendê-lo”. 

Synchronization Takes Precedence at Chile-U.S. Information Exchange

Representatives from the Chilean Military's newly established joint command visited the United States to gain knowledge on Information Operations

CLAUDIA SÁNCHEZ-BUSTAMANTE/DIÁLOGO STAFF

Close to three years after changing its doctrine and adopting a law to bring together its forces under a joint command, Chile is taking steps in adapting to this approach. For this purpose, a committee of 18 members of the Chilean Armed Forces — from the Air Force, Army, Navy and Marines — and U.S. Northern and Southern Joint Commands met in Miami, Florida, from December 3 to 7, 2012, for a Subject Matter Expert Exchange with U.S. Southern Command (SOUTHCOM) on Information Operations (IO), public affairs and strategic communication.

During his opening remarks, Chilean Air Force Major General Jorge Robles Mella emphasized that Chile brought two representatives of each service and command because they consider it of the utmost importance to exchange information, as well as learn from and teach the United States Military, especially after having already held four Chile-U.S. joint exercises and events during 2012.

“We realized we have a lot to learn from each other ... our interest in [Information Operations] comes from this being a fairly new topic. If it's new for you, for us it is still nascent,” said Maj. Gen. Robles. “IO has been traditionally based on decisions made by our commanders, and we want to consolidate these across our services. So we hope that our present committee has the capacity to convey to their commanders what we learn here this week,” he added.


U.S. Army Colonel James Miller, operations director for Special Operations Command South, said, “Information Operations is a more powerful and more kinetic tool than dropping a bomb or series of bombs.” Col. Miller explained that IO has a broad reach through a series of very short-term impacts, and “it has the potential to cause a bigger response from the public,

a more significant response, both within a country's borders as well as out.”

The Chileans gathered extensive information on U.S. experiences in planning and synchronization. Representatives from SOUTHCOM and its service components offered detailed explanations of the quick tactical, operational and political coordination of efforts that a country and specifically a country's military joint command, like the one that Chile is in the process of building, has to enable across services and departments to reach one goal.

After three full days of active discussions, debates and a flurry of information, the participants broke into working groups to draw conclusions and draft the lessons learned and a way ahead. Though there were differing suggestions, the common denominator was that Chile's Military has a clear need to speak one language and have one voice.

“We realize that Chile has in place the basic [IO] capabilities, but they are not coordinated or integrated with each other. We are missing a unifying voice, a governing body under which they will all be synchronized, planned, assessed and coordinated in order to focus the existing efforts and obtain a product that will give clear guidance with the aim of optimizing and achieving more efficient processes,” said Chilean Army Lieutenant Colonel Rocco Giovanni Lancellotti Vergara.

In his closing remarks, Maj. Gen. Robles concluded, “The way we handle information is very important. Information Operations is a topic that we must continue to develop because a poorly made decision can have a landmark effect. We are sure that the tools are there; we just have to organize them well and understand that if we are unable to demonstrate the job we do, society will not understand it.” 



Fiel ao
DEVER

APF/GETTY IMAGES

MILITARES SALVADORENHOS QUEBRAM BARREIRAS DURANTE O CUMPRIMENTO DA MISSÃO DE PROTEÇÃO E SEGURANÇA DA PAZ NO MUNDO

DAYSY CAROLINA DANKER/DIÁLOGO

Quando os soldados libaneses vêem a bandeira salvadorenha nos uniformes dos militares de El Salvador, eles os reconhecem como amigos e colocam sua mão direita sobre o próprio coração. O gesto simboliza o bom relacionamento que os salvadorenhos desenvolveram em terras distantes como defensores da paz mundial.

“Esse tipo de coisa imediatamente identifica os salvadorenhos, que são queridos pelos membros libaneses”, disse o Coronel Carlos Alfredo Hernández do Exército salvadorenho. Ele comandou o 6º contingente de El Salvador com 52 soldados mobilizados no Líbano, de setembro de 2011 a julho de 2012. Sua missão era servir como um Capacete Azul da Força Interina das Nações Unidas no Líbano (UNIFIL, por sua sigla em inglês) e supervisionar o cessar-fogo entre Israel e Líbano.

Tendo vindo de uma nação que vivenciou uma guerra civil de 12 anos, muitos soldados salvadorenhos sentem que é seu dever ajudar outras nações a alcançar a paz. Além da UNIFIL, El Salvador participa da Missão das Nações Unidas para o Referendo no Saara Ocidental (MINURSO), da Missão das Nações Unidas na Libéria (UNMIL), da Missão da ONU no Sudão (UNMIS) e da Operação das Nações Unidas na Costa do Marfim (UNOCI).

Desde 2011, as tropas de El Salvador também estão no Afeganistão como parte da Força Internacional de Assistência à Segurança (ISAF, por sua sigla em inglês), liderada pela OTAN e estabelecida pelo Conselho de Segurança da ONU. “O objetivo é ajudar o governo afegão a ampliar e exercer a sua autoridade e influência no território, bem como criar as condições necessárias para a reconstrução e estabilização pós-guerra no

O Terceiro Sargento Francisco Miranda participa da cerimônia de apresentação dos 52 soldados salvadorenhos enviados pela primeira vez para participar da UNIFIL, em junho de 2008.

Sergeant Francisco Miranda participates in a ceremony presenting the 52 Salvadoran Soldiers deployed for the first time in UNIFIL in June 2008.

THE SALVADORAN MILITARY BREAKS BARRIERS WHILE FULFILLING THE MISSION OF SAFEGUARDING WORLD PEACE AND SECURITY

DAYSY CAROLINA DANKER/DIÁLOGO STAFF

When Lebanese Soldiers see the Salvadoran flag on the Soldiers' uniforms, they recognize them as friends and place their right hand over their heart. The gesture symbolizes the good relationship Salvadorans have developed in distant lands as defenders of world peace.

“These things immediately identify the Salvadorans, who are well-loved by the Lebanese personnel,” said Colonel Carlos Alfredo Hernández of the Salvadoran Army. He commanded El Salvador's 6th contingent of 52 Soldiers deployed in Lebanon from September 2011 to July 2012. His mission was to serve as a Blue Helmet of the United Nations Interim Force in Lebanon (UNIFIL) and supervise the ceasefire between Israel and Lebanon.

Coming from a nation that lived through a 12-year civil war, many Salvadoran Soldiers feel it is their duty to help other nations achieve peace. In addition to UNIFIL, El Salvador participates in the United Nations Mission for the Referendum in Western Sahara (MINURSO), the U.N. Mission in Liberia (UNMIL), the U.N. Mission in Sudan (UNMIS) and the U.N. Operation in Côte d'Ivoire (UNOCI).

Since 2011, Salvadoran troops also have been in Afghanistan as part of the International Security Assistance Force (ISAF) led by NATO and established by the U.N. Security Council. “The objective is to help the Afghan Government extend and exercise its authority and influence in the territory, as well as to create the conditions necessary for the country's postwar reconstruction and stabilization,” Major General César Adonay Acosta Bonilla, head of the Joint Chiefs of Staff of the Armed Forces of El Salvador told *Diálogo* in September 2012.

IN THE MIDDLE EAST

Salvadoran troops have been part of UNIFIL since June 2008. They are assigned to the infantry unit of the Spanish contingent.

“We are working within this division of UNIFIL so that one day the responsibility may be transferred to the Lebanese Armed Forces, but until that happens, the United Nations must maintain control in order to supervise the cease in hostilities,” Col. Hernández explained.

In September 2012, the eighth rotation of Salvadoran troops that would travel to Lebanon was undergoing training in tasks such as organization, humanitarian aid, humanitarian law and human rights before leaving for Zaragoza, Spain. They train there for three months, forming special teams for humanitarian demining, the medical

país”, disse a Diálogo o General-de-Brigada César Adonay Acosta Bonilla, chefe do Estado Maior Conjunto das Forças Armadas de El Salvador, em Setembro de 2012.

NO ORIENTE MÉDIO

Os soldados salvadorenhos fazem parte da UNIFIL desde junho de 2008. Eles são designados para a unidade de infantaria do contingente espanhol.

“Estamos trabalhando dentro desta divisão da UNIFIL para que, um dia, a responsabilidade possa ser transferida para as Forças Armadas libanesas, mas até que isso aconteça, as Nações Unidas devem manter o controle para supervisionar o fim das hostilidades”, explicou o Cel Hernández.

Em setembro de 2012, a oitava rotação de tropas de El Salvador que viajariam para o Líbano passou por treinamento em tarefas, tais como, organização, ajuda humanitária, direito humanitário e direitos humanos antes de partir para Zaragoza, na Espanha. Lá, eles treinam por três meses, formando equipes especiais para desminagem humanitária, o corpo médico, e a infantaria, que é responsável pelo patrulhamento da fronteira junto com as Forças Armadas libanesas. A missão tem duração de 10 meses.

Continua na página 56

corps, and the infantry, which is responsible for patrolling the border alongside Lebanese Armed Forces. The mission lasts 10 months.

Likewise, personnel from the third rotation to be deployed in Afghanistan were preparing to make up two teams that would advise and train the Afghan Police and Afghan Air Force.

El Salvador is expanding its peacekeeping missions abroad. In February 2013, the country sent its first military contingent to join the United Nations Stabilization Mission in Haiti (MINUSTAH), according to the Salvadoran Ministry of Defense. The 34 Soldiers have been carrying out patrols and security activities for six months. While this is the first Salvadoran Military contingent in Haiti, the country has sent 14 members of the National Civil Police on peacekeeping missions in Haiti in the past.

Continued on page 57

“Agora, El Salvador deve ajudar outras nações.”



DIÁLOGO

O Coronel Carlos Alfredo Hernández, comandante do 6º contingente de 52 soldados de El Salvador no Líbano, disse que o treinamento que os militares receberam antes de ir para o Oriente Médio foi importante para a compreensão dos aspectos culturais e religiosos que devem ser respeitados. Ele acredita que ajudar os libaneses é uma maneira de retribuir o que outras nações fizeram por seu país, quando supervisionaram o processo de paz após o fim da guerra civil de 12 anos. “Temos obrigação de ajudar ou fazer a nossa parte para a manutenção da paz e segurança internacional.”

“Now El Salvador must help other nations.” Col. Carlos Alfredo Hernández, commander of the 6th Salvadoran contingent of 52 Soldiers in Lebanon, said that the training Soldiers received before going to the Middle East was important for understanding the culture and religious aspects that must be respected. He feels that helping the Lebanese is a way to pay back what other nations did for his country, when they supervised the peace process after the 12-year civil war ended. “We are obligated to help or do our part for international peace and international security.”

“Estou orgulhoso de representar as Forças Armadas e o país.”



DIÁLOGO

Em setembro de 2012, o Ten Cel Juan Ricardo Palacios Garay, um piloto da Força Aérea de El Salvador, estava planejando partir para o Afeganistão no início de dezembro. Ele fazia parte do contingente que forneceria o planejamento e segurança aéreos e consultoria sobre manutenção. O plano era enviar 11 soldados, incluindo cinco oficiais de segurança aérea, especialistas e instrutores de voo, além de seis suboficiais e sargentos de diferentes áreas de manutenção da Força Aérea. “Espero fazer um bom trabalho e ajudar a melhorar o Afeganistão”, disse ele.

“I am proud to represent the Armed Forces and the country.” In September 2012, Lt. Col. Juan Ricardo Palacios Garay, a Salvadoran Air Force pilot, was planning to leave for Afghanistan in early December. He was part of the contingent that would provide air planning, air safety and maintenance consulting. The plan was to deploy 11 Soldiers, including five air safety officers, specialists and flight instructors, and six noncommissioned officers in different maintenance areas of the Air Force. “I expect to do a good job and help the nation of Afghanistan improve,” he said.

“A experiência foi muito gratificante e enriquecedora.”



DIÁLOGO

O Ten Cel do Exército de El Salvador Carlos Tejada esteve no Afeganistão de 26 de março a 28 de novembro de 2011. Ele trabalhou como oficial de pessoal e de ligação e disse que sua maior satisfação foi poder coordenar com instituições de vários países o destacamento do primeiro contingente de soldados salvadorenhos para o Afeganistão. Além disso, foi gratificante para ele ter encontrado pessoas no Afeganistão do Exército dos EUA, que eram de origem salvadorenha. “Eu fiz ótimas amizades, especialmente com as pessoas que trabalhavam no escritório CJ35”, disse o Ten Cel Tejada.

“The experience was very gratifying and enriching.” Salvadoran Army Lt. Col. Carlos Tejada was in Afghanistan from March 26 to November 28, 2011. He was a personnel and liaison officer. He said his greatest satisfaction was being able to coordinate the deployment of the first contingent of Salvadoran Soldiers to Afghanistan with institutions from several countries. In addition, it was rewarding for him to have met people in Afghanistan from the U.S. Army who were of Salvadoran descent. “I made very good friends, particularly with the people who worked in the CJ35 office,” Lt. Col. Tejada said.

“Recebemos formação suficientemente abrangente para fornecer conselhos precisos para o Exército afegão.”



DIÁLOGO

À medida que o ano de 2012 chegava ao fim, o Ten Cel David Ernesto Moreno García, do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas de El Salvador se preparava para viajar para o Afeganistão em 2013. “Estou satisfeito e ansioso para poder compartilhar nossa experiência”, disse ele. Ele explicou que seria um instrutor da Polícia Militar, o que incluía tarefas como procedimentos de busca, manejo de prisioneiros de guerra, segurança das instalações e do transporte. “Nossas atividades no Iraque têm sido muito produtivas, por isso, recebemos uma recepção positiva dos membros do Afeganistão”, disse ele.

“We have received sufficiently comprehensive training to provide accurate advice to the Afghan Army.”

As 2012 wound down, Lt. Col. David Ernesto Moreno García of the Joint Chiefs of Staff of the Salvadoran Armed Forces was preparing to deploy to Afghanistan in 2013. “I am pleased [and] eager to be able to share some of our experience,” he said. He explained that he would be a Military Police instructor, which includes teaching search procedures, ways to handle prisoners of war, facility security and transportation safety. “Our activities in Iraq have established a good relationship with the Afghan personnel,” he said.

“É um privilégio e uma grande responsabilidade.”



DIÁLOGO

No final de 2012, a Tenente Diana Jeanette Reyes Guzmán da Brigada Especial de Segurança Militar das Forças Armadas de El Salvador soube que iria viajar para o Afeganistão, mas não exatamente quando. Ela seria uma das duas mulheres em um grupo de 27 soldados. Além de suas habilidades de artilharia, ela é um membro da Polícia Militar. Ela entrou na Escola Militar Capitán General Gerardo Barrios quando tinha 18 anos, em 2000. Era a primeira vez que mulheres eram aceitas no Exército. Quarenta e cinco mulheres foram admitidas e 18 se graduaram em diferentes áreas. Ela foi uma delas.

“It is a privilege and a great responsibility.”

At the end of 2012, Lt. Diana Jeanette Reyes Guzmán of the Special Military Security Brigade of the Salvadoran Armed Forces knew that she would deploy to Afghanistan, but not the date. She would be one of two women in a group of 27 Soldiers. In addition to her artillery skills, she is a member of the Military Police. She entered Capitán General Gerardo Barrios Military School in 2000, the first time women were accepted in the Army. Forty-five women were admitted and 18 graduated in different areas. She was one of them.

“COMO SOLDADOS SALVADORENHOS, EXECUTAMOS DEVOTADAMENTE A MISSÃO QUE NOS FOI DADA.”

GENERAL-DE-BRIGADA CÉSAR ADONAY ACOSTA BONILLA, CHEFE DO ESTADO MAIOR CONJUNTO DAS FORÇAS ARMADAS DE EL SALVADOR

“AS SALVADORAN SOLDIERS, WE DEVOTEDLY EXECUTE THE MISSION GIVEN TO US.”

MAJ. GEN. CÉSAR ADONAY ACOSTA BONILLA, HEAD OF THE JOINT CHIEFS OF STAFF OF THE ARMED FORCES OF EL SALVADOR



DAVIS CAROLINA DANKER/DÁLOGO

General-de-Brigada César Adonay Acosta Bonilla, chefe do Estado Maior Conjunto das Forças Armadas de El Salvador

Maj. Gen. César Adonay Acosta Bonilla, head of the Joint Chiefs of Staff of the Armed Forces of El Salvador

Continuação da página 54

Da mesma forma, os membros da terceira rotação a serem enviados ao Afeganistão estavam se preparando para formar duas equipes, que aconselhariam e treinariam a Polícia afegã e a Força Aérea afegã.

El Salvador está expandindo suas missões de paz no exterior. Em fevereiro de 2013, o país enviou seu primeiro contingente militar para juntar-se à Missão das Nações Unidas para Estabilização no Haiti (MINUSTAH), de acordo com o Ministério da Defesa de El Salvador. Os 34 soldados realizam atividades de patrulha e segurança por seis meses. Embora este seja o primeiro contingente militar salvadoreño no Haiti, o país enviou no passado 14 membros da Polícia Nacional Civil em missões de paz ao país.


MISSÃO CUMPRIDA

De 2003 a 2008, El Salvador foi o único país latino-americano a manter tropas no Iraque. Cerca de 4.000 soldados salvadoreños do Batalhão Cuscatlán participaram da Operação Liberdade para o Iraque, fornecendo ajuda com operação de paz, assistência humanitária, reconstrução e segurança. De acordo com o General-de-Brigada Acosta, os primeiros contingentes contribuíram para a organização e o treinamento da Polícia e do Exército iraquianos.

Cerca de 7 milhões de iraquianos se beneficiaram com mais de 350 projetos, que incluíram iluminação elétrica, saneamento, distribuição de água, construção de postos de saúde, escolas e pontes, além de melhoria nas comunicações. O General Acosta informou que projetos avaliados em mais de 24 milhões de dólares foram implementados, com fundos fornecidos pelos EUA e outros países da coligação. Mais de 190 ações cívicas foram realizadas no Iraque para fomentar os laços com as comunidades locais.

Ele acredita que os soldados salvadoreños embarcam em missões sabendo que eles são importantes para o seu país. Os soldados também estão cientes dos desafios que irão enfrentar, tais como diferenças de cultura, língua, religião e costumes, bem como a distância de suas famílias, condições climáticas adversas e a diferença de fuso horário.

“No entanto, nossos soldados são admiráveis e se adaptam facilmente a estas condições. Eles são muito amigáveis e não têm problemas de adaptação”, disse ele.

A missão no Iraque deixou cinco soldados salvadoreños mortos e 55 feridos. “Pagamos nossas dívidas pela paz no Iraque”, disse General Acosta. “Como soldados salvadoreños, executamos devotadamente a missão que nos foi dada”. 



“Capacetes Azuis” de El Salvador preparam-se para uma missão de paz no Líbano, em 2008.

Salvadoran Blue Helmets prepare to deploy to a peace keeping mission in Lebanon in 2008.

EPA

Continued from page 54

MISSION ACCOMPLISHED

From 2003 to 2008, El Salvador was the only Latin American country to maintain troops in Iraq. Some 4,000 Salvadoran Soldiers from the Cuscatlán Battalion participated in Operation Iraqi Freedom by providing help with peacekeeping, humanitarian assistance, reconstruction and security. According to Maj. Gen. Acosta, the first contingents contributed to the organization and training of the Iraqi Police and Army.

Approximately 7 million Iraqis benefited from more than 350 projects, including electric lighting; sanitation; water distribution; construction of health clinics, schools and bridges; and improvement in communications. Maj. Gen. Acosta said projects valued at more than \$24 million were implemented, with funds provided by the U.S. and other countries of the

coalition. More than 190 civic actions were carried out by Salvadorans in Iraq to foster ties with communities.

He believes Salvadoran Soldiers embark on such missions knowing they are important for their country. The Soldiers also are aware of the challenges they will face, such as differences in culture, language, religion and customs, as well as separation from their families, adverse weather conditions and the time difference. “Nevertheless, our Soldiers are admirable and easily adapt to these conditions. They are very friendly and do not have trouble adapting,” he said.

The mission in Iraq left five Salvadoran Soldiers dead and 55 wounded. “We have paid our dues for peace in Iraq,” Maj. Gen. Acosta said. “As Salvadoran Soldiers, we devotedly execute the mission given to us.”

SEGURANÇA DO CARIBE, UMA RESPONSABILIDADE COMPARTILHADA

Forças de Defesa e Segurança da Comunidade do Caribe, juntamente com o SOUTHCOM, estão trabalhando em estreita coordenação para combater o crime organizado transnacional na vasta região marítima do Caribe.

RAÚL SÁNCHEZ-AZUARA/DIÁLOGO

A temperatura do outono mais parecia a de inverno para muitos dos visitantes do Caribe, durante um encontro na sede do Comando Sul dos Estados Unidos (SOUTHCOM), em Miami, Flórida, no dia 12 de dezembro de 2012. No entanto, a amizade e o companheirismo entre os participantes da Conferência sobre Segurança das Nações do Caribe (CANSEC, por sua sigla em inglês) 2013 tornaram o ambiente do evento mais caloroso para os chefes da Defesa e Segurança, bem como outros representantes de várias nações, que se sentiram em casa durante os dois dias de intenso diálogo.

O tema da conferência foi “Apoio à Força: implemento da capacidade marítima necessária para combater o crime organizado transnacional através da manutenção, logística e treinamento”.

O Almirante-de-Esquadra do Corpo de Fuzileiros Navais dos EUA John F. Kelly abriu a sua primeira conferência regional como comandante do SOUTHCOM, dizendo: “Estou muito preocupado com a vulnerabilidade do Caribe. [Em resposta] a qualquer mudança iminente no tráfico ilícito, estou confiante de que podemos tomar medidas imediatas para garantir a continuidade da segurança regional”.

O Alte Esq Kelly também disse que o SOUTHCOM “vai priorizar programas que demonstrem um retorno evidente em todos os nossos investimentos”. O comandante esclareceu que os Estados Unidos vão permanecer engajados no Caribe, sem perderem o foco no fato de que “os investimentos dos Estados Unidos e da Comunidade do Caribe têm de ser mantidos e continuados pelas nações do Caribe”.

Em um espírito de respeito mútuo e confiança, representantes de Antígua e Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Dominica, Granada, Guiana, Jamaica, República Dominicana, São Cristóvão e Nevis, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas, Suriname e Trinidad e Tobago discutiram propostas e buscaram soluções de cooperação para apoiar as operações da luta contra o crime organizado transnacional e os desafios internacionais, regionais e sub-regionais que seus respectivos países enfrentam no dia a dia.

Esta etapa da CANSEC tornou-se um fórum de discussão focado na busca de





CARIBBEAN SECURITY, A SHARED RESPONSIBILITY

Defense and Security Forces of the Caribbean Community, along with SOUTHCOM, are working in close coordination to counter transnational organized crime in the vast Caribbean maritime region

RAÚL SÁNCHEZ-AZUARA/DIÁLOGO STAFF



Autumn temperatures were almost winter-like for many of the Caribbean visitors meeting at the United States Southern Command (SOUTHCOM) headquarters in Miami, Florida, on December 12, 2012. However, the friendship and camaraderie among those attending the 2013 annual Caribbean Nations Security Conference (CANSEC) made for a warmer atmosphere, and the defense and security chiefs, as well as other representatives of various nations, felt at home during the two days of intense dialogue.

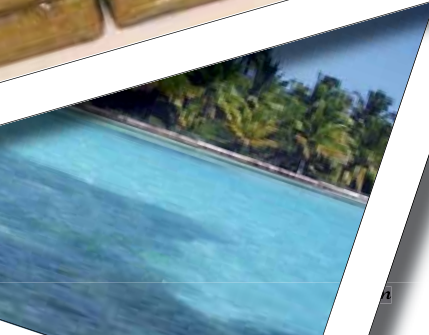
The conference theme was “Sustaining the Force: Ensuring Maritime Capacity to Counter Transnational Organized Crime through Maintenance, Logistics and Training.”

U.S. Marine Corps General John F. Kelly opened his first regional conference as SOUTHCOM commander by saying: “I’m very concerned about the Caribbean vulnerability. [In response] to shifts in any illicit trafficking that could be on the horizon and likely is, I’m confident we can take steps now to ensure continued regional security.”

Gen. Kelly also said SOUTHCOM is “going to prioritize programs that demonstrate a clear return on all of our investments.” The commander specified that the United States will remain engaged in the Caribbean, without losing focus on the fact that “investments by the United States and the Caribbean community have to be sustainable and continued by Caribbean nations.”

In a spirit of mutual respect and trust, representatives from Antigua and Barbuda, Bahamas, Barbados, Belize, Dominica, the Dominican Republic, Grenada, Guyana, Jamaica, St. Kitts and Nevis, St. Lucia, St. Vincent and the Grenadines, Suriname, and Trinidad and Tobago discussed proposals for cooperative solutions to support the operations to counter transnational organized crime, and the international, regional and subregional challenges their countries are exposed to every day.

This iteration of CANSEC became a discussion forum focused on exploring options for a unified strategy to fight illicit trafficking and organized crime. Once again, the conference showed the commitment of shared responsibility among the Caribbean nations and the United States to collaborate and reach



uma estratégia unificada de ação para lutar contra o tráfico ilícito e o crime organizado. Mais uma vez, a conferência mostrou o compromisso de compartilhar responsabilidades entre as nações do Caribe e dos Estados Unidos para colaborar e alcançar acordos regionais e internacionais, com o objetivo de vencer as ameaças comuns.

Junto com organizações regionais, a conferência contou com a presença de observadores convidados, representantes oficiais de várias nações do Hemisfério Ocidental e componentes do SOUTHCOM, como o Contra-Almirante Charles D. Michel, diretor da Força Tarefa Conjunta Interagentes Sul (JIATF-S, por sua sigla em inglês).

Operação Martillo

A geografia estratégica e complexa do Caribe inclui ilhas, ilhotas e baías isoladas, que são habilmente utilizadas pelo crime organizado para ocultar e executar atividades do tráfico de drogas, armas e pessoas. De acordo com estatísticas do SOUTHCOM, 80 por cento das drogas com destino aos EUA são transportadas pelas águas do Caribe.

Para neutralizar este tráfico ilícito, o SOUTHCOM lançou a Operação Martillo através da JIATF-S. Quinze países estão contribuindo para o esforço ou participando diretamente: Belize, Canadá, Chile, Colômbia, Costa Rica,

Mares Seguros

O objetivo da iniciativa Mares Seguros é fortalecer a capacidade das nações do Caribe no combate ao crime organizado transnacional e proporcionar a cada nação uma vantagem nítida no que diz respeito a detecção, monitoramento, rastreamento e perseguição de criminosos, além de facilitar a cooperação entre as nações parceiras.

A assistência marítima Mares Seguros, promovida pelo SOUTHCOM, está ligada à Iniciativa de Segurança da Bacia do Caribe (CBSI, por sua sigla em inglês), um esforço plurianual, multifacetado, do governo dos EUA junto a seus parceiros do Caribe, para desenvolver uma estratégia de segurança regional comum do cidadão, no intuito de enfrentar toda a gama de questões relacionadas à segurança e à criminalidade, que afetam a segurança regional na Bacia do Caribe. A CBSI é composta de todos os membros da Comunidade do Caribe (CARICOM) e da República Dominicana.

Como parte da Mares Seguros, a Guarda-Costeira dos EUA é responsável pela compra de navios e sistemas de comunicação, bem como pela facilitação de treinamento para nove países: Antígua e Barbuda, Barbados, Dominica, Granada, Guiana, São Cristóvão e Nevis, Santa Lúcia, São Vicente e Granadinas e Suriname.

As habilidades ensinadas pela iniciativa Mares Seguros

“Estamos prontos para enfrentar qualquer mudança que o tráfico ilícito possa apresentar no futuro próximo.”

— Alte Esq John F. Kelly, comandante do SOUTHCOM



El Salvador, Espanha, França, Grã-Bretanha, Guatemala, Honduras, Holanda, Nicarágua, Panamá e Estados Unidos.

Planejada como parte de uma estratégia de segurança transregional, a Operação Martillo é o exemplo de um esforço coordenado entre agências regionais e nações parceiras para combater o crime organizado transnacional.

Nas palavras do C Alte Michel: “Mais de dois terços das apreensões realizadas pela Operação Martillo foram feitas com a colaboração dos países parceiros. Este é o número mais alto da história e, francamente, eu gostaria de continuar a fazer parte disto, uma vez que é um verdadeiro esforço de coalizão”.

A CANSEC 2013 também incluiu sessões informativas, debates e reuniões focados na manutenção das capacidades marítimas durante as operações para combater o crime organizado transnacional, em um ambiente de recursos limitados. Além disso, disponibilizou informações atualizadas sobre o sistema de Sensores de Cooperação e Integração da Informação (CSII, por sua sigla em inglês) e o programa de assistência marítima Mares Seguros.

são destinadas a complementar os esforços das nações participantes no patrulhamento de todas as rotas possíveis, fornecendo cooperação regional constante em resposta às preocupações de segurança comuns e melhorando as capacidades de cada nação para reagir a outras ameaças, emergências marítimas e desastres naturais em suas águas territoriais.

Com relação ao pedido do Almirante Kelly para manter e utilizar os recursos de forma eficiente e planejada, o General-de-Brigada Pedro Cáceres Chestaro, vice-ministro das Forças Armadas da República Dominicana, afirmou a Diálogo que “no meu país, consideramos a manutenção de recursos de crucial importância, e nós gerenciamos e preservamos de forma eficiente as capacidades de defesa e segurança”.

No final de seu discurso, o Alte Esq Kelly disse que: “a CARICOM tem feito um excelente trabalho ao aumentar a cooperação regional e promover o aumento da interdição marítima entre os seus membros. Agora é o momento de concentrar-se em como podemos consolidar e manter este progresso”. A CANSEC é fundamental para este propósito, acrescentou.

regional and international agreements with the goal of defeating common threats.

Along with regional organizations, the conference was attended by guest observers, official representatives from several nations of the Western Hemisphere and SOUTHCOM components, such as U.S. Coast Guard Rear Admiral Charles D. Michel, director of Joint Interagency Task Force-South (JIATF-S).

Operation Martillo

The strategic and complex geography of the Caribbean includes islands, islets and isolated bays that are cleverly used by organized criminals to hide and carry out the trafficking of drugs, weapons and people. According to SOUTHCOM statistics, 80 percent of the drugs destined to the U.S. are transported through Caribbean waters.

To offset this illicit trafficking, SOUTHCOM launched Operation Martillo through JIATF-S. Fifteen countries are contributing to the effort or participating directly: Belize, Canada, Chile, Colombia, Costa Rica, El Salvador, France, Great Britain, Guatemala, Honduras, the Netherlands, Nicaragua, Panama, Spain and the United States.

Secure Seas

The goal of Secure Seas is to strengthen the Caribbean nations' capabilities to fight transnational organized crime and provide each nation with a clear advantage in detecting, monitoring, tracking and pursuing criminals, and facilitating the cooperation between partner nations.

Secure Seas, sponsored by SOUTHCOM, is linked to the Caribbean Basin Security Initiative (CBSI), a multiyear, multifaceted effort by the U.S. Government and Caribbean partners to develop a joint regional citizen safety strategy to tackle the full range of security and criminal issues affecting regional security in the Caribbean Basin. CBSI is made up of all the members of the Caribbean Community (CARICOM) and the Dominican Republic.

As part of Secure Seas, the U.S. Coast Guard is in charge of purchasing vessels and communications systems, as well as facilitating training for nine countries: Antigua and Barbuda, Barbados, Dominica, Grenada, Guyana, St. Kitts and Nevis, St. Lucia, St. Vincent and the Grenadines, and Suriname.

The skills taught by Secure Seas are aimed at complementing the efforts of participating nations



SANDRA MARINHA/DIÁLOGO

“Mais de dois terços das apreensões realizadas pela Operação Martillo foram feitas com a colaboração dos países parceiros. Este é o número mais alto da história.”

— C Alte Charles Michel, diretor da JIATF-S


Designed as part of a transregional security strategy, Operation Martillo is an example of a coordinated effort by regional agencies and partner nations to fight transnational organized crime.

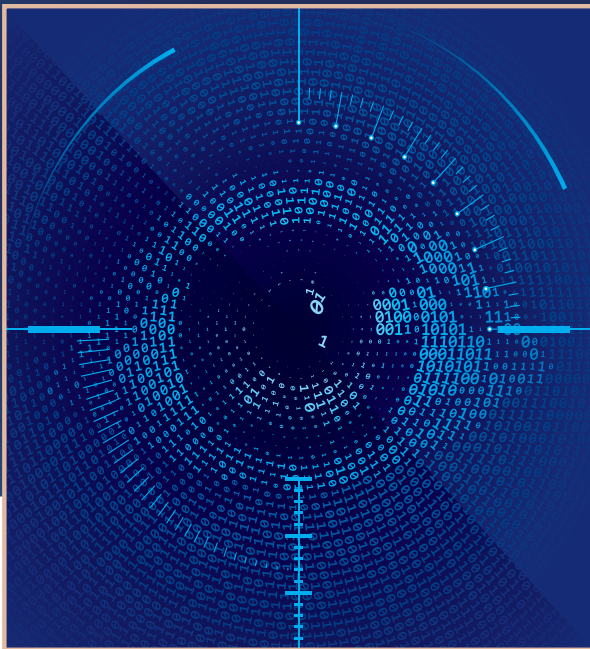
In the words of Rear Adm. Michel: “Over two-thirds of seizures performed by Operation Martillo have been made with the collaboration of the partner nations. This is the highest number in history, and, frankly, I would like to continue being a part of this, since it is a true coalition effort.”

CANSEC 2013 also included informative sessions, debates and meetings focused on maintaining maritime capabilities during operations to counter transnational organized crime in an environment of limited resources. Furthermore, it provided updated information about the Cooperative Situational Information Integration system (CSII) and the Secure Seas maritime assistance program.

to patrol all possible routes, providing constant regional cooperation to address common security concerns and improve each nation's capabilities to respond to other threats, maritime emergencies and natural disasters in their territorial waters.

With regard to Gen. Kelly's request to maintain and use resources in an efficient and planned way, Major General Pedro Cáceres Chestaro, vice minister of the Dominican Republic Armed Forces, told *Diálogo* that “in my country, we consider resource maintenance to be crucially important, and we efficiently manage and maintain defense and security capabilities.”

At the end of his speech, Gen. Kelly said: “CARICOM has done an outstanding job in increasing regional cooperation and promoting increased maritime interdiction among its members. Now it is time to focus on how we can consolidate and sustain this progress.” CANSEC is critical for this purpose, he added. 



CSII

OS OLHOS E OUVIDOS DO CARIBE

O Comando Sul dos EUA usa um sistema de última geração para enfrentar o tráfico de drogas por mar, terra e ar

SANDRA MARINA/DIÁLOGO

Em Key West, onde a península da Flórida tem vista para algumas das ilhas do Caribe, o Sistema de Intercâmbio de Inteligência entre Nações Aliadas (CNIES, por sua sigla em inglês) vem desde 1998 executando uma função nos bastidores da batalha regional contra o tráfico de drogas e o crime organizado transnacional.

Mas agora, uma nova plataforma revolucionária de troca de informação – o Sistema Cooperativo Situacional de Integração de Informações (CSII, por sua sigla em inglês) – está utilizando tecnologia de ponta para tornar a cooperação internacional mais rápida, mais fácil e mais eficiente para as nações participantes.

Financiado por uma parceria entre o Departamento de Defesa dos EUA e o Departamento de Estado dos EUA, e coordenado pelo Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM), o projeto CSII responde à necessidade de reforçar o intercâmbio multilateral de informações antidrogas entre as nações parceiras e melhorar o aproveitamento dos recursos de cada país para combater o tráfico ilícito de drogas e o crime organizado transnacional. “Acordos como o CSII são a base na qual estão alicerçados o desenvolvimento do conhecimento de domínio regional e a segurança do Caribe”, disse o Contra-Almirante Charles Michel, diretor da Força Tarefa Conjunta Interagentes Sul (JIATF-S) durante sua apresentação na Conferência de Segurança das Nações do

Caribe (CANSEC). A conferência, organizada pelo SOUTHCOM, foi realizada entre os dias 11 e 12 de dezembro de 2012.

Um salto rumo ao futuro

Por mais de uma década, no centro de operação da JIATF-S em Key West, e em centros similares de 20 países do Hemisfério Ocidental, os operadores do CNIES acompanharam de perto o movimento de navios e aviões que, na tela do sistema, são representados por pontos e linhas.

Para o olho treinado, esses pontos e linhas simbolizam sinais de radares e sensores, que são fundamentais para a rápida detecção da presença de barcos e aviões do tráfico de drogas, e também para iniciar a coordenação de esforços internacionais para persegui-los, capturando os operadores das embarcações e apreendendo sua carga ilegal.

“A qualquer momento – e você pode observar isso no noticiário – que há uma nação parceira interditando uma ação do tráfico ilícito no mar ou uma aeronave que voa de forma ilegal em um país, realizando alguma atividade ilícita, ocorre uma coordenação entre os centros de operações dos EUA e das nações parceiras, permitindo que essas interdições aconteçam”, afirmou Cal Demier, chefe do centro de operação da JIATF-S e coordenador dos centros de cada país no Hemisfério Ocidental.

“O aspecto mais positivo sobre este sistema é que não se trata apenas de uma

O CSII em resumo

O Sistema Cooperativo Situacional de Integração de Informações (CSII) é um projeto ambicioso, que integra informações de radares e sensores para mostrar o movimento de navios e aviões. Esta ferramenta tecnológica desenvolvida pelo Comando Sul dos EUA é um sistema padrão aberto de cooperação, com os seguintes recursos:

- Alerta de atividades suspeitas, marcando-as no mapa com dados de geolocalização.
- Conversa entre usuários e mensagens traduzidas do inglês para o espanhol e vice-versa. No futuro, outras línguas do Hemisfério Ocidental, incluindo o português, francês e alemão serão adicionadas.
- Acesso através de autenticação de fator duplo (nome de usuário e senha), bem como o uso de um smart card com certificação da Infraestrutura de Chaves Públicas ou um código VeriSign RSA.
- Escolha de quem terá acesso aos sinais de determinados radares ou sensores.
- Atribuição de privilégios de visualização de acordo com as funções designadas a cada operador.

CSII - THE EYES AND EARS OF THE CARIBBEAN

The U.S. Southern Command uses a state-of-the-art system to confront drug trafficking by sea, land and air

SANDRA MARINA/DIÁLOGO STAFF



In Key West, where the Florida Peninsula overlooks some of the islands of the Caribbean, the Cooperating Nations Information Exchange System (CNIES) has been carrying out a backstage role since 1998 in the regional battle against drug trafficking and transnational organized crime.

But now a revolutionary new information exchange platform – the Cooperative Situational Information Integration system (CSII) – is using state-of-the-art technology to make multinational cooperation faster, easier and more seamless for participating nations.

Financed by a partnership between the U.S. Department of Defense and U.S. Department of State, and coordinated by the U.S. Southern Command (SOUTHCOM), the CSII project responds to the need to reinforce the multilateral exchange of counternarcotics information among partner nations, and to take better advantage of each country's resources to fight illicit trafficking and transnational organized crime.

"Agreements like the CSII one are the developmental foundation that regional domain awareness and Caribbean security are built upon," said Rear Admiral Charles Michel, Joint Interagency Task Force-South (JIATF-S) director, during his presentation at the Caribbean Nations Security Conference (CANSEC). The conference, organized by SOUTHCOM, was held December 11-12, 2012.

A Leap into the Future

For more than a decade, in the JIATF-S operation center in Key West, and in similar centers in 20 nations of the Western Hemisphere, CNIES operators have closely followed the movement of vessels and planes that, in the system display, are represented by dots and lines.

To the trained eye, these dots and lines symbolize radar and sensor signals that are fundamental for quickly detecting the presence of drug trafficking boats and planes, as well as prompting coordination of international efforts to go after them, arresting the operators and seizing their illegal cargo.

"Any time you see in the news there is a partner nation either interdicting an illicit trafficking movement at sea or an aircraft that illegally flies into a country carrying out an illicit movement, coordination takes place between U.S. and partner nations' operation centers allowing those interdictions to happen," said Cal Demier, SOUTHCOM's JIATF-S operation center's chief and coordinator of the individual country centers in the Western Hemisphere.

"The great thing about this system is that it is not just one person in the U.S. operation center looking at that information, but also partner nations' operation centers looking at the same information. They are experts on activities that should be moving in their countries, so when they look at those dots and see a surface vessel or an aircraft and realize that they should not be moving this way, they can take coordinated action with us and among themselves," he said.

Thanks to that information exchange, air, maritime and land forces from nations taking part in the system can coordinate interdictions that start in international waters, continue along the maritime borders of a certain nation, and end up on the coast of another one.

CSII, the new system created by SOUTHCOM, integrates live feeds from sensors, radars and identification systems into a platform using Internet-based software and social media tools available worldwide. "In 1998, when we started, the users of CNIES

had never seen the Internet, [they] had no idea of what a chat was," Demier said. "But by now, all of them are used to Facebook, Google, Twitter ... and they are looking at new capabilities to do more."

Several technologies have been tried over the years, but CSII really showed the promise

CSII in Brief

The Cooperative Situational Information Integration system (CSII) is an ambitious project that integrates radar and sensor feeds to show the movement of vessels and airplanes. This technological tool developed by the U.S. Southern Command is a nonproprietary, open-standard system, with the following capabilities:

- Alerting of suspicious activities by marking them on the map with geolocation data.
- Chatting between users and translating messages from English into Spanish and vice versa. In the future, other languages of the Western Hemisphere, including Portuguese, French and German, will be added.
- Secured access through double-factor authentication (user name and password), as well as using a smart card with public key infrastructure certification or a VeriSign RSA token.
- Choosing who will have access to the signals from certain radars or sensors.
- Assigning visualization privileges in accordance with roles assigned to each operator.

peessoa no centro de operação dos EUA analisando a informação, mas também de centros de operações das nações parceiras, que examinam a mesma informação. Eles são especialistas em atividades que implicam deslocamentos em seus países, por isso, quando observam os pontos e vêem um navio de superfície ou aeronave, e percebem que eles não deveriam estar se movimentando de tal forma, eles podem tomar medidas coordenadas juntamente conosco e outras nações parceiras”, enfatizou ele.

Graças a essa troca de informações, as forças aérea, marítima e terrestre dos países que participam no sistema podem coordenar interdições, que têm origem em águas internacionais, prosseguindo ao longo das fronteiras marítimas de uma determinada nação, e acabando na costa de outro país.

O novo sistema criado pelo SOUTHCOM integra informações em tempo real recebidas através de sensores, radares e sistemas de identificação em uma plataforma, utilizando um software baseado na internet e ferramentas de mídia social disponíveis em todo o mundo. “Em 1998, quando começamos, os usuários da tecnologia nunca tinham visto a internet, eles não tinham ideia do que era um bate-papo online”, disse Demier. “Também não tinham um conhecimento tecnológico. Mas atualmente, todos eles estão acostumados com o Facebook, Google, Twitter... e estão buscando novas habilidades para ir além”.

Várias tecnologias têm sido usadas ao longo dos anos, mas o CSII realmente mostrou a promessa de consolidar o que a comunidade havia desenvolvido, de acordo com Demier.

Com o surgimento recente do CSII, essa comunidade de especialistas possui agora um sistema que leva em consideração as necessidades identificadas na prática e incorpora os avanços tecnológicos da última década. Como por exemplo, a integração com o Google Maps que proporciona o geomapeamento para visualização de rastreamento aéreo e marítimo. Além de ser um sistema de alerta de fácil utilização, que permite ao usuário saber o que um operador identifica como atividade suspeita.

Mais flexível, mais seguro

Até agora, o CSII gerava uma imagem operacional exclusiva a partir de sinais de radares, que chegam à JIATF-S através de uma rede não revelada. Entre esses sinais estão aqueles do sistema de radar Aerostat

Tethered em Cudjoe Key, na Flórida, e do Sistema de Segurança Marítima e Sistema de Informações de Segurança, um acervo de dados e rede de distribuição do Departamento de Transportes dos EUA. Nações participantes trocam informações através de transponders marítimos instalados em cargueiros e navios de passageiros. A República Dominicana disponibilizou os sinais de três radares aéreos para o grupo.

O Tenente-Coronel Gregory Harmon, que foi encarregado de coordenar o projeto CSII do SOUTHCOM, disse que o comando espera adicionar dados do Radar ROTH (Relocatable Over-the-Horizon Radar, ou Radar Relocalizável sobre o

“Esta coordenação, que acontece entre os centros de operações dos EUA e nações parceiras, permite que essas interdições possam acontecer.”

— Cal Demier, Força Tarefa Conjunta Interagentes Sul dos EUA



Tripulantes da embarcação Northland da Guarda-Costeira dos EUA interdita 1,6 tonelada de cocaína de uma lancha de alta velocidade, de 35 pés, no mar do Caribe, em 3 de março de 2012.

Crew members from the U.S. Coast Guard Cutter Northland interdict 3,532 pounds of cocaine from a 35-foot go-fast vessel in the Caribbean Sea, on March 3, 2012.

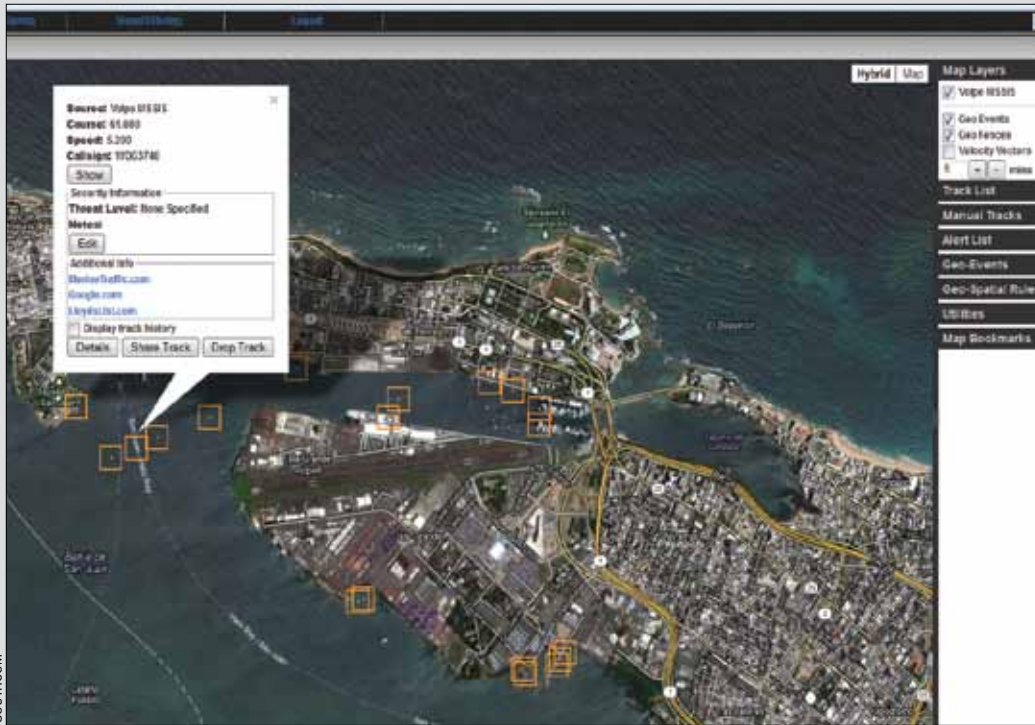
Horizonte), da Marinha dos EUA usado principalmente para combater o tráfico de drogas e localizar aviões, recebido pelos radares da Administração Federal de Aviação no Caribe. Informações adicionais do radar nacional e de outros sensores dos participantes do CSII também serão integradas.

O Ten Cel Harmon explicou que o sistema atual é baseado no SOUTHCOM e protegido por rígidas medidas de segurança físicas e virtuais. Ele acrescentou que em termos de eficácia, uma das principais vantagens da transição do CNIES para o CSII, é que este último não necessita de nenhum software especializado ou computador exclusivo, apenas uma conexão à internet. No futuro próximo, isso vai permitir que a Guarda Costeira dos EUA e navios de nações parceiras com acesso à web possam obter informações do CSII.

Para Demier, que conhece muito bem as expectativas e necessidades da comunidade de operadores, a capacidade de conceder privilégios de uso em conformidade com o papel de cada operador é uma das mais significativas particularidades da nova ferramenta tecnológica. “O administrador atribui funções a cada usuário e determina que informações cada um pode ter acesso. As nações participantes podem definir com que países querem compartilhar os dados de seus radares”, disse ele.

No momento, Antígua e Barbuda, Belize, Dominica, Guiana, Santa Lúcia e São Vicente e Granadinas já assinaram memorandos de entendimento e acordos de cooperação para interceptação aérea. Estes documentos bilaterais vinculativos em termos legais proíbem o uso de informações dos EUA para desativar, prejudicar, destruir ou ameaçar aeronaves civis em serviço, o que violaria a lei americana e as convenções internacionais de aviação civil. Esses países começaram a transição para o CSII, e é só uma questão de tempo até que o resto das nações que já utilizam o CNIES dêem um passo à frente em busca da nova tecnologia, afirmou Harmon.

Assim como Demier, ele concordou que além da importância para capturar criminosos, o CSII tem um potencial muito mais amplo. “O principal objetivo do CSII é apoiar os esforços do governo dos EUA e de nações parceiras no combate ao tráfico ilícito, mas também suportar outras missões, como busca e salvamento, monitoramento das áreas de pesca em alto mar, exercícios de apoio e assistência humanitária/ajuda em catástrofes”, concluiu. **D**



Ao contrário do CNIES, o novo CSII usa o Google Maps e suas funções de geomapeamento para produzir uma imagem mais precisa das áreas de interesse. Ao clicar em cada quadrado laranja, os operadores podem obter detalhes, tais como a velocidade do barco e sua rota, bem como links para sites comerciais que fornecem mais detalhes sobre a embarcação.

Unlike CNIES, the new CSII uses Google Maps and its geomapping features to create a more accurate picture of the areas of interest. By clicking on each orange square, operators can get details such as the speed of the boat and its course, as well as links to commercial websites that provide further details on the vessel.

to build on what the community had developed through CNIES, according to Demier.


With the recent emergence of the CSII, that community of operators now has a

Dominican Republic has made the signals of three air radars available to the group.

Lieutenant Colonel Gregory Harmon, who was in charge of coordinating the

community, the capacity to grant usage privileges in accordance with the role of each operator is one of the most significant characteristics of the new technological tool. “The administrator assigns roles to each user and determines what information each one can see. The participating nations can determine with which countries they want to share the feeds from their radars,” he said.

At the moment, Antigua and Barbuda, Belize, Dominica, Guyana, St. Lucia, and St. Vincent and the Grenadines have already signed Memorandums of Understanding and Aerial Intercept Assistance Agreements. These legally binding bilateral documents prohibit the use of U.S. information to disable, damage, destroy or threaten civil aircraft in service, which would violate U.S. law and international civil aviation conventions. These countries have started the transition toward CSII, and it is only a matter of time until the rest of the nations already using CNIES take the leap into the new technology, Harmon said.

Like Demier, he agreed that beyond its value to capture criminals, CSII has broader potential. “The primary purpose of CSII is to support U.S. government and partner nation efforts to counter illicit trafficking, but it will also support other missions, such as search and rescue, monitoring of fishing waters, exercise support and humanitarian assistance/disaster relief,” he concluded. 

“This coordination that happens between U.S. and partner nations’ operation centers allows those interdictions to happen.”

— Cal Demier, U.S. Joint Interagency Task Force-South

system that considers the needs they have identified in practice and incorporates the technological advances from the past decade. For instance, integration with Google Maps provides geomapping to visualize air and maritime tracks. And an easy-to-use alert system allows the community to know what an operator recognizes as a suspicious activity.

More Flexible, More Secure

So far, CSII creates a unique operational image from radar signals that reach JIATF-S through an unclassified network. Among these signals are those from the Tethered Aerostat Radar System at Cudjoe Key, Florida, and the Maritime Safety & Security Information System, a U.S. Department of Transportation data collection and distribution network. Participating nations exchange feeds from maritime transponders installed on cargo and passenger boats, and the

CSII project from SOUTHCOM, said the command expects to add feeds from the Relocatable Over-the-Horizon Radar (ROTHR), a U.S. Navy radar mainly used to combat drug trafficking, and plane tracks received from Federal Aviation Administration radars in the Caribbean. Additional national radar feeds and other sensors from CSII participants will also be integrated.

Harmon explained that the current system is based at SOUTHCOM and protected by strict physical and cyber security measures. In terms of effectiveness, he added, one of the main advantages of the transition from CNIES to CSII is that the latter does not require either specialized software or a dedicated computer, just an Internet connection. In the near future, this will make it possible for the U.S. Coast Guard and partner nations’ ships with Internet connections to access CSII information.

For Demier, who knows perfectly well the expectations and needs of the operators’

COLÔMBIA ACEITA O DESAFIO CIBERNÉTICO



ILUSTRAÇÃO DIÁLOGO

O EXÉRCITO COLOMBIANO ESTÁ TRABALHANDO COM PARCEIROS REGIONAIS EM UM ESFORÇO CONJUNTO PARA ENFRENTAR A AMEAÇA DOS ADVERSÁRIOS VIRTUAIS EM UM NOVO CAMPO DE CONFLITO

CLAUDIA SÁNCHEZ-BUSTAMANTE/DIÁLOGO

Na verdade, “12 dos 15 maiores exércitos mundiais estão criando programas de combate cibernético”, declarou James A. Lewis, especialista em segurança cibernética do Centro de Estudos Estratégicos e Internacionais em Washington, D.C., ao *The New York Times*, em setembro de 2012. Muitos países da União Europeia, como também os Estados Unidos, Coreia do Sul, Japão e Brasil estão entre eles.

Para se manter no controle da situação, a Colômbia está adotando medidas importantes para o combate aos crimes cibernéticos, um flagelo relativamente novo que vem crescendo de maneira exponencial e que representa uma ameaça poderosa no século XXI.

No verão de 2012, o governo colombiano se comprometeu a abordar a segurança e a defesa cibernéticas a fim de fazer cumprir a segurança nacional das informações, especialmente através de organizações oficiais que desenvolveriam as bases e gerariam os mecanismos para garantir a segurança nacional. O documento, denominado CONPES 3701, estabeleceu diretrizes nacionais com orientações para a defesa e a segurança cibernéticas na Colômbia.

Com essa medida, a nação sul-americana instituiu oficialmente uma abordagem de todo o governo para combater as ameaças cibernéticas e as atividades criminosas. A Colômbia criou sua unidade cibernética ao interligar três organizações paralelas elaboradas para executar responsabilidades específicas no domínio do espaço cibernético: o Comando Cibernético Conjunto (CCOC), o Centro Cibernético da Polícia Nacional (CCP) e a Equipe de Resposta de Emergência Informática do Ministério da Defesa (colCERT).

O CCOC foi criado com uma força inicial de 20 especialistas com experiência em comunicações, engenharia, aviação e inteligência dos três ramos militares

COLOMBIA RISES TO THE CYBER CHALLENGE

THE COLOMBIAN MILITARY IS WORKING WITH REGIONAL PARTNERS IN A JOINT EFFORT TO FACE THE MENACE OF VIRTUAL ADVERSARIES IN A NEW DOMAIN OF CONFLICT

CLAUDIA SÁNCHEZ-BUSTAMANTE/DIÁLOGO

Botnets, ethical hackers, malware, rootkits... all terms that sound like something from a Star Trek episode, but which are now becoming household words in the face of an incipient domain of conflict.

In fact, “12 of the world’s 15 largest militaries are building cyber warfare programs,” James A. Lewis, a cyber security expert at the Center for Strategic and International Studies in Washington, D.C., told *The New York Times* in September 2012. Many European Union countries, the United States, South Korea, Japan, and Brazil are among them.

To stay on top of its game, Colombia is taking important steps toward tackling cyber threats, a relatively new scourge that is growing exponentially and which defines a potentially new and contested realm for conflict in the 21st century.

In the summer of 2012, the Colombian government made a commitment to broach cyber security and cyber defense to enforce national information security, specifically through official organizations that would develop the bases and generate mechanisms to guarantee national security. The document, called CONPES 3701, established national guidelines for cyber defense and cyber security for Colombia.

With this step, the South American nation officially instituted a whole-of-government approach to counter cyber threats and criminal activities. Colombia built its cyber unit by linking three parallel organizations designed to execute specific responsibilities in cyberspace: the Joint Cyber Command (CCOC, for its Spanish acronym), the National Police Cyber Center (CCP) and the Ministry of Defense’s Computer Emergency Response Team (colCERT).

The CCOC was created with an initial force of 20 experts with backgrounds in communications, engineering, aviation and intelligence from all three Colombian Military branches. Its aim is to tackle cyber defense of the state, respond to cyber attacks, ensure critical infrastructure protection and defend military computer networks. On the other hand, the operating staff at the CCP, which depends on the National Police’s Criminal Investigation Directorate

Esquerda: Durante o Intercâmbio em Assuntos Específicos, com a participação de especialistas cibernéticos da Colômbia e dos EUA, o Cel Erich Seigert, à direita, enfatizou que a sua organização ainda está na fase inicial, mas a sua meta é expandi-la e fazer com que ela se torne operacional 24 horas por dia/7 dias por semana.

Left: During the Subject Matter Expert Exchange between cyber specialists from Colombia and the U.S., Colombian Col. Erich Seigert emphasized that his unit is nascent, but its goal is to become a 24/7 operation.

Direita: O Major da Força Aérea dos EUA Michael Donahue, especialista cibernético do SOUTHCOM, apresenta um slide sobre a importância da defesa no espaço cibernético em território nacional. Ele falou durante um Intercâmbio em Assuntos Específicos entre especialistas cibernéticos da Colômbia e dos Estados Unidos, em Bogotá, na Colômbia, em dezembro de 2012.

Right: U.S. Air Force Maj. Michael Donahue, cyber expert for SOUTHCOM, presents a slide on the importance of cyber defense of national territory. He spoke during a Subject Matter Expert Exchange between Colombian and United States cyber experts in Bogotá, Colombia, in December 2012.



CLAUDIA SÁNCHEZ-BUSTAMANTE/DIÁLOGO



colombianos. O objetivo é lidar com a defesa cibernética do estado, responder aos ataques cibernéticos, garantir a proteção da infraestrutura crucial e defender as redes militares de computadores. Por outro lado, a equipe operacional do CCP, subordinada à Direção de Investigações Criminais da Polícia Nacional e à Interpol, assume a segurança cibernética através do cumprimento da lei, de investigações e instaurações de processos contra crimes cibernéticos. A colCERT é sobretudo responsável por atenuar, prevenir e combater incidentes cibernéticos, bem como prover a perícia técnica e a conscientização da vulnerabilidade da segurança cibernética.

Em dezembro de 2012, representantes do Centro Cibernético Conjunto do Comando Sul dos EUA (SOUTHCOM) e do Gabinete da Chefia de Informações (CIO, por sua sigla em inglês) do Departamento de Defesa dos EUA visitaram a Colômbia para um Intercâmbio em Assuntos Específicos (SMEE, por sua sigla em inglês) com representantes militares do CCOC e da colCERT. O CIO é a primeira autoridade do Departamento de Defesa para a política e supervisão da administração dos recursos de informação, incluindo questões relacionadas à tecnologia da informação, defesa de rede e operações de rede.

“Como vocês já percorreram o longo caminho [do desenvolvimento], esperamos ter uma visão perspicaz dos passos para tornar nosso comando cibernético conjunto operacional”, disse o Capitão-de-Mar-e-Guerra colombiano William Hernandez, um dos

participantes do CCOC no SMEE.

Nos três dias de discussões, as nações parceiras definiram o cenário necessário para a construção de uma força operacional no espaço cibernético. Eles trocaram ideias sobre tópicos abrangendo as funções militares no ciberespaço, a importância das perspectivas civis, econômicas e militares, os desafios que esse novo domínio apresenta, bem como a importância de se ter uma estratégia nacional para ditar os procedimentos e ações. Outras importantes discussões incluíam as responsabilidades cibernéticas de defender uma nação, a importância da colaboração multinacional e do compartilhamento de informações como fatores críticos, além da importância da proteção da infraestrutura, entre outros temas.

O Coronel do Exército colombiano Erich Siegert, diretor do CCOC, e sua equipe de especialistas em informática obtiveram dos especialistas neste setor, do SOUTHCOM, uma melhor percepção sobre a estruturação do seu próprio comando cibernético conjunto, bem como informações sobre como os EUA estabeleceram inicialmente o seu Comando Cibernético, além de dados sobre a criação de oportunidades para futura colaboração e recomendações.

O Cel Siegert explicou à *Diálogo* que 30 membros militares, 10 de cada serviço, foram selecionados para passar por um programa de treinamento cibernético específico e personalizado. “A metade desse grupo foi designada ao CCOC, enquanto a outra metade voltou às suas respectivas unidades para trabalhar nas operações cibernéticas




CLAUDIA SÁNCHEZ-BUSTAMANTE/DIÁLOGO

internamente”, disse ele. “Nossa intenção é expandir a organização que criamos no dia 12 de novembro”. Para enfatizar o significado do CCOC, o objetivo do Estado-Maior é promover o cargo de diretor para um de oficial general ainda em 2013.

A Capitão do Exército colombiano Milena Realpe, que também compareceu ao SMEE, esclareceu que uma ordem presidencial delegou poderes ao Ministério da Defesa e ao Estado-Maior para exercer autoridade de trabalho sobre as atividades cibernéticas. “O CCOC foi nomeado a liderança conjunta e estratégica de defesa da Colômbia para a cibernética”, disse ela.

Finalmente, o CCOC espera manter sua capacidade operacional 24 horas por dia/7 dias por semana, com a coordenação direta de cada arma. “Cada serviço terá forças cibernéticas dedicadas para trabalhar em questões específicas e na coordenação para o CCOC”, disse o Cel Siegert.

A tríade entre o CCOC, a colCERT e o CCP representa os primeiros passos importantes da Colômbia contra as ameaças que surgem no ciberespaço. “O compromisso do país em criar essas organizações faz da nação sul-americana um defensor regional da cooperação cibernética e o posiciona como um participante proativo do movimento global para a ação nas operações cibernéticas”, disse o Major da Força Aérea dos EUA Michael Donahue, especialista em informática do SOUTHCOM. 

and Interpol, undertakes cyber security through law enforcement, investigation and prosecution of cyber-related crimes. The colCERT is mainly responsible for mitigating, preventing and addressing cyber incidents, as well as providing technical expertise and cyber security vulnerability awareness.

In December 2012, representatives of the Joint Cyber Center at the United States Southern Command’s (SOUTHCOM) and the U.S. Department of Defense’s Chief Information Officer (CIO), visited Colombia for a Subject Matter Expert Exchange (SMEE) with Military representatives of CCOC and colCERT. The CIO is the Department of Defense’s primary authority for policy and oversight of information resources management, including matters related to information technology, network defense and network operations.

“Since you’ve already gone through the long road [of development], we hope to gain keen insight on the steps toward making our joint cyber command operational,” said Colombian Navy Captain William Hernandez, one of the CCOC participants at the SMEE.


In three days of discussions, the partner nations set the landscape for the capabilities needed to build a cyberspace operation force. They shared ideas on topics such as military roles in cyberspace; the civil, economic and military perspectives on its importance; the challenges of the new domain; and the importance of having a national strategy to dictate procedures and actions. Other important discussions included cyber responsibilities to defend the homeland, the importance of multinational collaboration and information-sharing as critical enablers, and critical infrastructure protection, among others.

Colombian Army Colonel Erich Siegert, the CCOC director, and his staff of cyber experts gained insight from SOUTHCOM cyber experts on creating a joint cyber command of their own, on how the U.S. initially stood up its Cyber Command, and on creating opportunities for future collaboration and recommendations.

Col. Siegert explained to *Diálogo* that 30 enlisted military personnel, 10 from each service, were selected to go through a customized cyber specific training program. “Half of these were assigned to the CCOC, while the other half went back to their respective service to work cyber operations from within,” he said. “Our intention is to expand from the organization we set up on November 12.” So much so, that in order to emphasize the significance of the CCOC, the General Staff’s goal is to upgrade the director position to a general officer in 2013.

Colombian Army Captain Milena Realpe, who also attended the SMEE, clarified that a presidential directive empowered the Ministry of Defense and the General Staff to exercise tasking authority over cyber activities. “The CCOC was designated Colombia’s defense joint and strategic lead for cyber,” she said.

Ultimately, the CCOC hopes to sustain a 24/7 operation with direct coordination from each of the Military services. “Each service will have dedicated cyber forces to work service-specific issues and coordination for the CCOC,” said Col. Siegert.

The triad of CCOC, colCERT and CCP represents Colombia’s first critical step against emerging threats in cyberspace. “The country’s commitment to creating these organizations makes the South American nation a regional advocate for cyber cooperation and positions it as a proactive participant in the global movement for action in cyber operations,” said U.S. Air Force Major Michael Donahue, SOUTHCOM cyber expert. 

SUCESSO **DOS MEGA**

NO BRASIL DEPENDE DA INTEROPERABILIDADE *entre todas as forças envolvidas*



A segurança dos estádios, como o Nacional de Brasília, ainda em fase de remodelação para a Copa do Mundo 2014, é uma das maiores preocupações dos órgãos responsáveis pela segurança durante os mega eventos.

Brasília's National Stadium undergoes reconstruction to accommodate the World Cup 2014. The security of sports venues is a major concern during mega events.

EVENTOS



MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

Recentemente, o Brasil foi anfitrião de dois eventos de porte: os V Jogos Mundiais Militares e a conferência Rio+20. O êxito no quesito segurança foi total e a participação das Forças Armadas brasileiras foi decisiva para isto. No entanto, o país será a sede de pelo menos outros quatro importantes eventos entre 2013 e 2016: a Copa das Confederações, a Jornada Mundial da Juventude, a Copa do Mundo FIFA 2014 e as Olimpíadas de Verão de 2016. Novamente, as FF. AA. entrarão em campo (em alguns casos, literalmente) para garantir a lei e a ordem.

MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

Um navio da Marinha do Brasil faz patrulha no entorno da praia do Arpoador em frente ao fórum Rio+20, no Rio de Janeiro, em 14 de junho de 2012. A Marinha irá novamente desempenhar um papel fundamental na segurança nos próximos eventos.

A Brazilian Navy ship patrols off Arpoador beach ahead of the Rio+20 forum in Rio de Janeiro on June 14, 2012. The Navy will again play a key role in security for upcoming events.



REUTERS

As atribuições dos militares brasileiros para os chamados mega eventos estão previstas em portaria assinada pelo Ministério da Defesa. O documento diz que as Forças Armadas atuarão na defesa e no controle do espaço aéreo; na defesa de portos, rios e áreas marítimas; na segurança cibernética; no preparo e emprego de equipes antiterrorismo; na fiscalização de explosivos e na atuação de forças de contingência contra agentes químicos, biológicos, radiológicos ou nucleares em todas as cidades-sede ou outros locais onde os eventos ocorram.

De acordo com o chefe do Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas do Brasil, General-de-Exército José Carlos de Nardi, que concedeu uma entrevista a *Diálogo* em Brasília, no final de janeiro de 2013, quem trabalha com segurança sabe a importância de aprender com as lições de eventos anteriores. “A experiência acumulada durante os V Jogos Mundiais Militares, a Rio+20 e, antes deles, os Jogos Pan-Americanos de 2007, nos permitirá aprimorar procedimentos operacionais e o planejamento, a formulação e a execução das ações destinadas às Forças Armadas”, declarou o Gen Ex De Nardi.

Espaço aéreo

O general cita o plano de segurança executado durante os V Jogos Mundiais Militares e a Conferência Rio+20 como exemplos do quanto as Forças Armadas do Brasil se preocupam com a questão da segurança do espaço aéreo, uma vez que artilharia antiaérea é pré-requisito dos comitês internacionais que organizam a Copa do Mundo e a Olimpíada. Segundo ele, a artilharia antiaérea é parte da equação, mas não representa, sozinha, a solução para tudo. O Gen Ex De Nardi assegura que cada uma das cidades envolvidas nesses eventos esportivos terá uma capacidade de defesa aérea adequada às suas necessidades (ver quadro).

Ainda de acordo com o general, as Forças Armadas brasileiras já adquiriram todo o material principal necessário para dar um bom suporte para as forças públicas durante os mega eventos e estão trabalhando para complementar suas capacidades naquilo que ainda é possível ser melhorado, sem entrar em detalhes devido a questões de segurança. Ele informou, ainda, que serão usados pelo menos 1,5 mil militares em cada uma das 12 sedes da Copa do Mundo, com

um total de 18 mil uniformizados, “mas isso não impede que novas análises sejam feitas pelas Coordenações de Defesa de Áreas e levem, até mesmo, a um aumento desses efetivos”, completou.

Comandos integrados

Haverá, também, a montagem de centros de comando e controle em cada uma das sedes do Mundial 2014. Esses centros funcionarão interligados aos centros de comando e controle mantidos pelos órgãos de segurança pública e àqueles mantidos pelo Estado-Maior Conjunto das Forças Armadas, que coordena, de forma mais ampla, a atuação dos militares. “Vale dizer que a integração será o ponto-chave da segurança desses eventos, cada qual atuando em sua respectiva esfera”, disse o General Carlos de Nardi.

Outro fator primordial para o sucesso nestes eventos, de acordo com o ministro da Defesa do Brasil Celso Amorim, é a cooperação internacional, uma vez que grandes eventos exigem uma preparação especial e esta cooperação internacional, quando bem arquitetada, desempenha um papel importante nesse processo. “Por isso, temos recebido delegações de diferentes países e ampliado nossos laços de interação e confiança com todos eles”, disse Celso Amorim a *Diálogo*.

Interoperabilidade

Para o deslocamento das equipes dentro das cidades, haverá sempre uma coordenação combinada envolvendo, inclusive, o aparato de segurança das organizações esportivas internacionais. No caso da Copa do Mundo, por exemplo, as equipes serão escoltadas por agentes de segurança da FIFA, com o apoio da Polícia Federal do Brasil. Esses deslocamentos serão monitorados pelos centros de comando e controle dos órgãos de segurança pública disponíveis em cada cidade.

Para que tudo ocorra sem transtornos, é fundamental a questão da interoperabilidade entre todas as forças envolvidas porque “fazer a segurança do evento é uma coisa, e criar condições de segurança pública para que o evento aconteça é outra coisa”, disse a *Diálogo* o Coronel Alberto Pinheiro Neto, chefe do Estado-Maior Geral Operacional da Polícia Militar do Rio de Janeiro (PMERJ). Ele explicou que os investimentos da PMERJ são para que a pessoa “venha ao Rio de Janeiro, vá assistir a um jogo no Maracanã, mas se for participar de um evento paralelo em Copacabana, que ela esteja

Military Interoperability at the Helm of Brazil's

MEGA EVENTS

MARCOS OMMATI/DIÁLOGO STAFF

Brazil recently hosted two large events: the 5th Military World Games and the Rio+20 Security Conference. Both were successful because of the high level of security provided and the joint participation by the Brazilian Armed Forces. The country will host at least four more important events in the next three years: the Confederations Cup and the World Youth Day in 2013, the 2014 FIFA World Cup, and the 2016 Summer Olympics. Once again, the Armed Forces will join the games to guarantee law and order.

O Coronel Pinheiro Neto disse que a Polícia Militar do Rio de Janeiro criou um escritório especificamente para assuntos ligados à Copa do Mundo e outro para as Olimpíadas.

Colonel Alberto Pinheiro Neto explained that Rio de Janeiro's Military Police created specific offices to handle issues linked to the World Cup and the Olympic Games.

The responsibilities of the Brazilian Military during mega events are determined by a Defense Ministry decree. The document states that the Armed Forces will defend and control the airspace; defend the ports, rivers, and maritime areas; maintain cyberspace security; prepare and use anti-terrorism teams; detect and dispose of explosives and also assist in the activities of the contingency forces against chemical, biological, radiological or nuclear agents in all host cities and other locations where the events will occur.

According to the chief of the Brazilian Armed Forces Joint Staff, Army General José Carlos de Nardi, who was interviewed by *Diálogo* in Brasília in late January 2013, those who work with security know the

importance of the lessons learned from prior events. "The experience accumulated during the 5th Military World Games, Rio+20 and, prior to those, the 2007 Pan American Games, will help to improve the operational procedures and planning, formulation and execution of responsibilities assigned to the Armed Forces," declared Gen. De Nardi.

Airspace

The general pointed to the security plans implemented during the Military World Games and Rio+20 as examples of the Brazilian Armed Forces' concern with airspace security, since anti-aircraft artillery is a prerequisite for international committees that organize the World Cup and the Olympic Games. He said anti-aircraft artillery is part of the equation, but it does not represent a solution by itself. Gen. De Nardi said each of the host cities will have an air defense adjusted to its needs (see sidebar).

The Brazilian Armed Forces have acquired the necessary materials to support public forces during mega events, according to the general, and they are



RENZO GOSTOLI

Caças da Força Aérea brasileira, como este F-5E, vão patrulhar os céus durante os próximos eventos esportivos mundiais sediados no Brasil.

Brazilian Air Force fighter jets such as this F-5E will patrol the skies during the upcoming global sporting events being hosted by Brazil.

segura; se ela quiser conhecer uma cidade do interior, que esteja segura, e não esteja segura somente no Maracanã”.


O Ministério da Defesa do Brasil informou que o plano de segurança concebido por eles foi arquitetado para influenciar o mínimo possível na rotina da população. A preocupação maior foi reforçar a segurança contra ameaças potenciais reais, como investidas terroristas e ataques virtuais, entre outras, e por isso não há previsão da ocupação pelas Forças Armadas de favelas antes e durante os mega eventos.

Ações antiterror

O General Carlos de Nardi preferiu, por questões estratégicas e de segurança, não elaborar a respeito da possível criação de uma força-tarefa conjunta de operações especiais antiterrorismo. “O que posso dizer é que nossos militares receberam treinamento adequado para lidar com os desafios a elas inerentes. Dispomos, também, de forças especiais muito bem preparadas, o que me deixa confiante em nossa capacidade de prevenção, no

caso do antiterrorismo, e de resposta, nas situações de contra-terrorismo.”

No entanto, o General De Nardi comentou sobre quais ações estão sendo implementadas para desenvolver a interoperabilidade das FF. AA. durante os mega eventos que terão o Brasil como anfitrião. De acordo com ele, as Forças Armadas brasileiras atuarão em comandos conjuntos compostos por efetivos das três forças, o que permitirá integração permanente.

A divisão desses comandos, no caso da Copa do Mundo, será feita de acordo com cada cidade-sede. O Exército indicará os coordenadores de defesa de Rio, Belo Horizonte, São Paulo, Brasília, Fortaleza, Cuiabá, Manaus, Porto Alegre e Recife. A Marinha indicará os coordenadores de Salvador e Natal, enquanto a Aeronáutica apontará o responsável por Curitiba. “Em todo caso, o foco de atuação está em criar sinergia face a um objetivo comum, já que nenhum ramo das Forças Armadas consegue, por si só, dar conta de todos os desafios inerentes à segurança desses eventos”, finalizou. 



Base Aérea do Brasil

JURASSA PECCINI/REVISTA DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA

Brasília será uma grande base aérea, com aeronaves das mais diversas aviações distribuídas pelo país, mobilizadas para a segurança das competições esportivas internacionais, como a Copa das Confederações, a Copa do Mundo e as Olimpíadas. O novo modelo de comando e controle foi testado no ano passado, em operações militares que reuniram as três Forças Armadas, e prevê a criação de um comando central, no caso em Brasília, para a articulação de todos os meios aéreos disponíveis no país. Antes disso, todos os aviões envolvidos eram deslocados e concentrados, acompanhados do comando, em cada região do país.

“Isso representa economia de recursos materiais, humanos e financeiros”, afirma o Chefe do Estado-Maior do Comando-Geral de Operações Aéreas (EMGAR), Major-Brigadeiro-Ar Antonio Carlos Egito do Amaral. A Copa do Mundo, por exemplo, será realizada em 12 cidades-sedes espalhadas pelo país, o que implicaria, pelo modelo anterior, a concentração de recursos e efetivos em cada uma dessas regiões. Pelo novo modelo, haverá um comando central, capaz de articular todos os recursos disponíveis para a segurança aérea dos eventos.

Com o planejamento centralizado, vamos colocar a aeronave certa no momento oportuno para atender as necessidades de cada área”, destaca o oficial-general.



Um soldado do Exército brasileiro monitora as atividades no Centro de Coordenação de Operações de Segurança antes da Conferência Rio+20, no Rio de Janeiro, em 28 de maio de 2012.

A Brazilian Army Soldier monitors activities in the Center for Coordination of Security Operations prior to the Rio+20 Conference in Rio de Janeiro on May 28, 2012.

REUTERS



Brazilian Air Base

REUTERS

JURASSA PECCINI/BRAZILIAN AIR FORCE MAGAZINE

Brasília will serve as a major airbase, with aircraft from different bases throughout the country mobilized for the security of international sports competitions, such as the Confederations Cup, the World Cup and the Olympic Games. The new command and control models were tested last year in military operations that brought the three services together. They anticipate creation of a central command in Brasília to articulate all aerial transportation in the country. Before then, all aircraft involved were moved and accompanied by the command in each region of the country.

“It represents the conservation of material, human and financial resources,” said Lieutenant General Antonio Carlos Egito do Amaral, chief of the Aerial Operations General Command Joint Staff (EMGAR). The World Cup, for instance, will take place in 12 host cities throughout the country, which indicates, by the previous model, that the concentration of resources and Soldiers will be in each of these regions. According to the new model, a central command will coordinate resources for aviation security in the areas of the events.

“With centralized planning, we will place the right aircraft at the right time to meet the needs of each area,” the general said.

working on capabilities that can still be improved. For security reasons, he didn't go into details. He also said that at least 1,500 Soldiers will be used in each of the 12 venues at the World Cup headquarters, up to a total of 18,000 Soldiers, “but this does not prevent the Aerial Defense Coordination team from further analyzing the need, and possibly increasing this head count,” he added.

In addition, Gen. De Nardi said military airports may be used during the 2014 World Cup, but a decision is still pending regarding this matter.

Integrated Commands

The military will build command and control centers in each of the headquarters for the 2014 World Cup. They, in turn, will coordinate with the command and control centers maintained by public security organizations and by the Armed Forces Joint Staff, which is responsible for coordinating the troops. “Integration will be the key point of security in these events, and each action has a respective scope,” said Gen. De Nardi.

According to Brazilian Minister of Defense Celso Amorim, well-coordinated international cooperation plays an important role in the success of these events. “This is why we have been receiving delegations from different countries and increasing our bonds of trust and interaction with all of them,” Minister Amorim told *Diálogo*.

Interoperability

Transferring teams to sites within the cities will be coordinated jointly by all authorities, including the security staffs from the international sports organizations. In the case of the World Cup, for example, FIFA security agents will escort the teams with support from the Brazilian Federal Police. These transfers will be monitored by the command and control centers of the public security agencies in each city.

The interoperability between all forces involved is crucial to avoid disruption. “Providing security for the event is one thing, but creating conditions for public safety so that the event takes place is another thing,” Colonel Alberto Pinheiro Neto, chief of the General Operational Joint Staff of the Military Police of Rio de Janeiro (PMERJ), told *Diálogo*. He explained that the investments on the PMERJ will ensure that people who “come to Rio de Janeiro to attend a game in Maracanã stadium, but also plan on attending another event in Copacabana, for example, will be safe; and if they want to visit another town, they will also be safe, because safety is not limited to the inside of Maracanã stadium only.”

The Brazilian Defense Ministry said the security plan it created was designed to interfere as little as possible in the population's daily routine. The main concern was to increase security against potential threats, such as terrorist and virtual attacks. Because of that, they have not scheduled a specific time for the Armed Forces to occupy the slums before and during the mega events.

Anti-terror Actions

For strategic and security reasons, Gen. De Nardi preferred not to elaborate on the possible creation of a joint task force for anti-terrorism operation. “I can say that our troops have been properly trained to deal with such challenges. We also have very well-trained special forces, which makes me confident in our prevention competency in case of terrorism and response system in situations of counterterrorism.”

The general stressed interoperability. He said the Brazilian Armed Forces will act in joint commands composed of participants from the three forces, allowing for a permanent integration.

For instance, during the World Cup, these commands will be divided according to the host city. The Army will appoint defense coordinators for Rio de Janeiro, Belo Horizonte, São Paulo, Brasília, Fortaleza, Cuiabá, Manaus, Porto Alegre and Recife. The Navy will assign the coordinators for Salvador and Natal, while the Air Force will assign coordinators responsible for Curitiba. “In any event, the focus of the actions is to create synergy in the face of a common goal, since none of the branches of the Armed Forces can, on their own, handle all the challenges that come with the security of these events,” he concluded. **D**

Exército brasileiro agracia Diálogo com

a Medalha Mérito

Granadeiro do Imperador


CLAUDIA SÁNCHEZ-BUSTAMANTE/DIÁLOGO | PHOTOS BY WAGNER ZIEGELMEYER

A Medalha Mérito Granadeiro do Imperador é um dos mais prestigiosos prêmios do Exército brasileiro. Ela é concedida periodicamente a civis ou militares que se destacaram por suas realizações durante as atividades conjuntas com o Exército do Brasil. No dia 31 de janeiro, esta prestigiosa medalha foi concedida a três indivíduos. Um deles foi o próprio editor sênior de *Diálogo*, Marcos Ommati. Ele foi reconhecido por seus excelentes esforços para reforçar os vínculos entre o Comando Sul dos Estados Unidos e as Forças Armadas brasileiras. Como editor sênior da revista *Diálogo* e do website (www.dialogo-americas.com), a cobertura de Ommati sobre a resposta militar humanitária no Haiti após o terremoto de 2010 e os Jogos Mundiais Militares 2011 no Rio de Janeiro mostraram um foco positivo nas contribuições dos militares brasileiros e promoveram uma maior compreensão mútua entre os vizinhos do hemisfério.

Os dois outros condecorados naquele dia foram Alexandre Muller e o Tenente-Coronel Leonel Junqueira. Muller foi uma das pessoas responsáveis por introduzir o Krav Maga – um misto de arte marcial e técnica de defesa pessoal originário de Israel e adotado pelas Forças de Operações Especiais em todo o mundo – no Brasil. Ele foi agraciado com a medalha por ter adaptado um curso de Krav Maga para treinamento de segurança e defesa pessoal para os membros do Exército brasileiro.

Junqueira, veterano da Força Expedicionária Brasileira durante a II Guerra Mundial na Itália, teve reconhecidas suas ações durante os confrontos com os rebeldes que tentaram um golpe comunista em 1935. Em seu discurso de agradecimento, o veterano de 98 anos lembrou os companheiros mortos na Batalha da Praia Vermelha e aqueles que lutaram bravamente junto com ele contra o nazi-fascismo, especialmente o Sargento Max Wolf Filho, um dos nomes mais importantes da história militar brasileira.

A cerimônia de premiação foi presidida pelo Coronel Alfredo de Andrade Bottino, comandante do 1º Batalhão de Guardas, no quartel-general do 1º Batalhão de Guardas do Exército brasileiro, no Rio de Janeiro. “É um prazer e também uma honra homenagear tão distintos senhores que, através dos anos, ajudaram a elevar o nome do Exército brasileiro não apenas nacionalmente, mas também em vários outros países”, disse ele.

A base da medalha é um círculo com raios de ouro brilhantes irradiando em todas as direções, que significa o valor dos objetivos alcançados pelo 1º Batalhão de Guardas, aplicado sobre uma cruz dourada, simbolizando as caravelas portuguesas. A cabeça da cruz mostra um ramo verde de café no lado direito e um ramo de tabaco no esquerdo, em uma alusão às riquezas do Brasil Império, unidos no centro por uma letra “G” maiúscula, referência à Ordem Maçônica à qual Dom Pedro I, fundador e primeiro imperador do Brasil, pertencia e que foi de real importância na independência do Brasil. Em cada um dos braços laterais aparece a figura de um dragão, simbolizando a proteção dos soldados de infantaria e cavalaria e, no braço inferior, um listel ondulado em alto relevo em ouro brilhante com as palavras “Para o Povo, Pela Nação”, de Dom Pedro I. 

Publicação do Comando Sul dos EUA é reconhecida no Brasil como importante ferramenta para o fomento de parcerias entre nações amigas



Brazilian Army Honors *Diálogo*
with *Emperor's Grenadier*

Medal Of Merit

CLAUDIA SÁNCHEZ-BUSTAMANTE/DIÁLOGO | PHOTOS BY WAGNER ZIEGELMEYER

A Medalha Mérito Granadeiro do Imperador é concedida a civis ou militares pelos seus relevantes serviços prestados ao Exército brasileiro.

The Emperor's Grenadier Medal of Merit is awarded to civilian or military personnel for their distinguished service to the Brazilian Army.



O Tenente-Coronel Leonel Junqueira (sentado), veterano da II Guerra Mundial, e Marcos Ommati (dir.), editor sênior da revista *Diálogo*, receberam a Medalha Mérito Granadeiro do Imperador na sede do 1º Batalhão de Guardas do Exército brasileiro, no Rio de Janeiro.

Veteran Lt. Col. Leonel Junqueira, sitting, and Marcos Ommati, senior editor of *Diálogo* magazine, right, are awarded the Brazilian Army's Emperor's Grenadier Medal of Merit in the 1st Guard Battalion headquarters in Rio de Janeiro.


The Emperor's Grenadier Medal of Merit is one of the Brazilian Army's most prestigious awards. It is periodically bestowed on civilian or military personnel who have stood out for their accomplishments during joint activities with the Brazilian Army. On January 31, 2013, this esteemed medal was awarded to three individuals, one of whom is *Diálogo's* own senior editor, Marcos Ommati. Ommati was recognized for his superior contributions in promoting a closer relationship between the United States Southern Command and the Brazilian Armed Forces. As senior editor of *Diálogo* magazine and website (www.dialogo-americas.com), Ommati's coverage of the military humanitarian response in Haiti following the 2010 earthquake and of the 2011 Military World Games in Rio de Janeiro shed a positive light on the contributions of the Brazilian Military and fostered greater mutual understanding between hemispheric neighbors.

The two other awardees that day were Alexandre Muller and Lieutenant Colonel Leonel Junqueira. Muller was one of the people responsible for introducing Krav Maga – a mixed martial arts self-defense technique originated in Israel and adopted by Special Operations Forces around the world. He was recognized for customizing a Krav Maga security and self-defense training course for members of the Brazilian Army.

Junqueira, a veteran of the Brazilian Expeditionary Force during World War II in Italy, was honored for his actions during confrontations with rebels who attempted a communist coup in 1935. In his acceptance speech, the 98-year-old veteran remembered his fallen comrades at the Battle of Praia Vermelha and those who fought bravely alongside him against Nazi fascism, especially Sergeant Max Wolf Filho, one of the most important names in Brazilian Military history.

The award ceremony was presided over by Colonel Alfredo de Andrade Bottino, commander of the 1st Guard Battalion, at the Brazilian Army's 1st Guard Battalion headquarters in Rio de Janeiro.

"It's not only a pleasure, but an honor to recognize such distinguished gentlemen who, throughout the years, helped to elevate the name of the Brazilian Army not only nationwide, but also in foreign countries," he said.

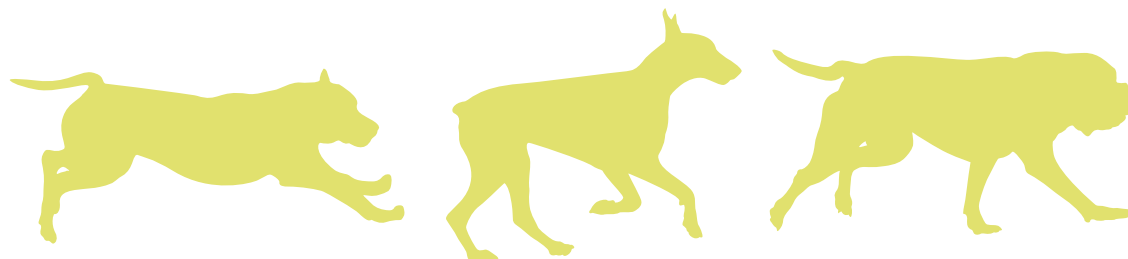
The medal is a circle of bright rays radiating the heroism of the 1st Guard Battalion in all directions, imposed on a golden cross pattée, symbolizing the Portuguese caravels. The top arm displays a green coffee branch on the right side and a tobacco branch on the left, reminders of the Brazilian Empire's riches, both joined at the center by a capital letter "G," reminder of the Masonic Order to which Dom Pedro I, founder and first ruler of the Empire of Brazil, belonged. Each side arm displays the figure of a dragon, symbolizing the protection of infantry Soldiers, and on the bottom arm, a ribbon displaying the words "Para o Povo, Pela Nação" – For the people, by the nation. 

*SOUTHCOM
publication
recognized in
Brazil as a
partnership
builder tool*



O EMPREGO DE CÃES MILITARES NA Operação ARCAINJO

CORONEL ALFREDO DE ANDRADE BOTTINO/EXÉRCITO DO BRASIL
EX-COMANDANTE DO 1º BATALHÃO DE GUARDAS



1.

1. O Dogo Argentino é uma das raças utilizadas pelos militares do 1º BG.

An Argentine Dogo is one of the breeds used by the Soldiers of the Brazilian Army's 1st Guard Battalion.

2. Demonstração de adestramento de um cão nas instalações do 1º BG, no Rio de Janeiro.

A dog demonstrates training at a Rio de Janeiro installation of the Brazilian Army's 1st Guard Battalion.

3. O "voo solo" de um Dogo Argentino durante demonstração de adestramento no 1º BG.

An Argentine dogo is in "solo flight" during a training demonstration of the Brazilian Army's 1st Guard Battalion.

MARCOS OMMATI/DIÁLOGO



2.



3.



s áreas do complexo de favelas da Penha e do Alemão, na Zona Norte do Rio de Janeiro, foram dominadas, durante anos, pelo crime organizado até dezembro de 2010, quando

as Forças de Segurança iniciaram a pacificação desta região, sob o comando do Exército Brasileiro. A Força de Pacificação foi criada por uma diretriz ministerial em 2010 e visava a promover a garantia da lei e da ordem naquela área de operações praticamente interdita às forças policiais pelo narcotráfico. A competência e o profissionalismo dos militares brasileiros foram demonstrados durante as ações realizadas pelas diversas tropas que se sucederam ao longo de 20 meses de ocupação. A atuação do Exército se deu em um conflito de 4ª geração e teve como missão a manutenção da ordem pública no Estado do Rio de Janeiro.

O CÃO MILITAR NO EXÉRCITO BRASILEIRO

O Exército brasileiro sistematizou a utilização de cães em 1967. O emprego destes animais foi autorizado nas Organizações Militares de Polícia do Exército, no Curso de Operações na Selva e Ações de Comandos e na Brigada de Infantaria Paraquedista.

Hoje, as unidades militares que utilizam cães são: as da Polícia do Exército, as de Guarda e as de Operações Especiais. Estes animais são empregados nas seguintes atividades: guarda pessoal, guarda de instalações, segurança de pontos sensíveis, desfiles cívico-militares, escolta de presos e na Garantia da Lei e da Ordem, particularmente nas Operações de Controle de Distúrbios, revista de instalações, patrulhamento, demonstração e para guarnecer postos e perímetros, aumentando a segurança dos aquartelamentos.

O cão militar é o animal dotado de características zootécnicas adequadas e possuidor de boas condições de saúde, resistência, força, capacidade de treinamento e vivacidade. O cão de guerra é o cachorro militar adestrado (obediência, faro ou proteção) para o emprego na paz ou na guerra, mas sempre com fins militares.

O cão é uma opção vantajosa para emprego nas operações porque poupa a vida do militar, proporciona um impacto psicológico na força adversa, sua silhueta é pequena, seu deslocamento é rápido (10m em 2 segundos), o gás lacrimogêneo não o afeta, e é preciso na localização de materiais ilícitos e pessoas. Como uma arma não letal, o cão de guerra, se empregado corretamente, proporciona um aumento do poder de combate. O efeito psicológico que o animal oferece é muito importante para o sucesso de uma missão, principalmente se as ações se desenvolvem em áreas urbanas, onde o efeito colateral de uma operação mal sucedida pode trazer consequências danosas à força.

OS CÃES NA OPERAÇÃO ARCANJO

Durante a pacificação das comunidades dos complexos da Penha e do Alemão, o Exército empregou diversas tropas, de diversos estados brasileiros. Em apoio a todas estas tropas, atuaram os cães de guerra do 1º Batalhão de Guardas. Ao longo dos 20 meses de ocupação, diversas operações foram realizadas e, nas de maior vulto, as grandes unidades solicitaram o apoio do canil do Batalhão (ver quadro).

Dependendo das características de cada operação, foram empregados animais específicos. Assim, nas operações de busca e apreensão, foram utilizados os cães da subseção de faro. Mas, dependendo do material a ser procurado (drogas, armamento e munição, ou explosivos), cães especialistas eram acionados.

Os cães de ataque, da subseção de cães de polícia, foram

empregados juntamente às tropas de choque do Batalhão, que, em muitas ocasiões, atuaram como reserva da grande unidade apoiada. Até mesmo os cães de demonstração realizaram apresentações para a população, no contexto das missões de comunicação social.

Como instrumento de persuasão, os animais mais ferozes foram empregados, principalmente, nas ocasiões em que houve a possibilidade de perturbação da ordem, como por exemplo, na entrada dos bailes funk nos finais de semana. A presença do cão na área de operações potencializou a demonstração de força por parte da tropa empregada, devido ao alto poder de intimidação que o animal causava, na medida em que o possível transgressor temia ser mordido.

Durante a pacificação, os patrulhamentos a pé nos becos e vielas foram intensificados. Nestas missões, o emprego dos cães se fez muito necessário, pois, devido à compactação do cenário, a presença do animal protegia a patrulha, já que o cão iniciava a varredura das edificações, bem como antecipava a presença de algum agressor.

A Serra da Misericórdia é um conjunto topotático que divide os complexos da Penha e do Alemão, sendo coberto por vegetação da Mata Atlântica, e possuindo uma pedreira. Esta região foi ocupada por tempo limitado por uma subunidade do 1º BG. Durante esta ocupação, que durou cerca de 15 dias, os cães do Batalhão foram empregados na guarda das instalações montadas em sua crista topográfica e nos checkpoints nas principais vias de acesso que conduziam de um complexo a outro.

Os cães do 1º BG também foram empregados na varredura de automóveis e bolsas. Em algumas ocasiões, a tropa de choque, formada por um pelotão do 1º BG, foi empregada como reserva das grandes unidades. Nestas oportunidades, atuou para o controle de distúrbios durante manifestações de moradores realizadas por ordem dos traficantes. Os moradores das comunidades eram manipulados pelos criminosos para estressar e humilhar as tropas, para que estas tivessem uma reação desproporcional e atingissem a população (inocentes ou não). Nestas operações, os cães foram empregados e demonstraram ser importante ferramenta para ser dispensado o uso da arma de fogo, além de aumentar o poder de combate, pelo seu alto poder de intimidação.

O Exército foi sabotado durante todos os meses de ocupação porque dificultou o acesso de narcotraficantes a pontos importantes

**TODA OPERAÇÃO
PROPORCIONA
OPORTUNIDADES PARA
ADQUIRIR ENSINAMENTOS
QUE PODEM APERFEIÇOAR
E DESENVOLVER
NOSSAS DOCTRINAS.
ESTE ARTIGO TEM POR
OBJETIVO APRESENTAR A
APRENDIZAGEM RECEBIDA
DURANTE O EMPREGO
DOS CÃES DO 1º
BATALHÃO DE GUARDAS
NA OPERAÇÃO ARCANJO**



das comunidades, antes dominados pelo crime organizado. Essas “zonas de exclusão” representaram uma eficaz estratégia para a manutenção do controle da área pacificada. Com o auxílio de cães em algumas dessas operações, as tropas atuaram nas entradas das comunidades, evitando a circulação de armas e drogas na região.

O efetivo de cães do Exército brasileiro ainda é pequeno, mas deve aumentar por causa do sucesso e da necessidade dos animais em ações que exigem controle e segurança e por ser uma ferramenta para se dispensar o uso da arma de fogo, principalmente nos grandes eventos que acontecerão no Brasil nos próximos anos, como a Copa do Mundo de 2014 e as Olimpíadas de 2016. **D**



MARCOS OMMATI/DIÁLOGO

Na formação clássica do 1º BG, mostrada na foto, a presença de cães é fundamental.

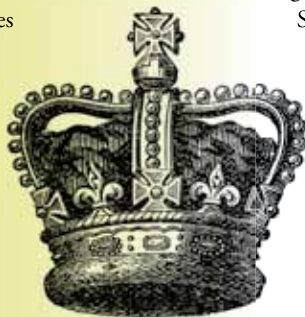
The presence of canines is fundamental in the classical training of the Brazilian Army's 1st Guard Battalion.

O Real Canil do Imperador

O canil do 1º Batalhão de Guardas foi inaugurado em 11 de fevereiro de 1999 para apoiar as diversas atividades da unidade, particularmente as Operações de Garantia da Lei e da Ordem que o Batalhão realiza como uma de suas missões doutrinárias. O plantel do Batalhão, atualmente, é constituído por 18 cães, cujas raças são: Rottweiler, Pastor Belga de Malinois, Retriever do Labrador, American Staffordshire Terrier, Dogo Argentino e Golden Retriever.

O cão de guerra do 1º BG é empregado nas operações de acordo com sua especialização. Desta forma, ele executará desde as tarefas mais simples, como guarda de instalações, até o faro de explosivos.

O 1º BG ministra o Estágio de Adestrador de Cães de Guerra (EACG), que tem por objetivo habilitar oficiais e praças do Exército brasileiro e de outras instituições para o manejo de cães no emprego militar. Os candidatos, com seus cães, passam por um processo seletivo que enfoca, entre outros atributos, os da área afetiva que os qualifica de forma a compor em um binômio de trabalho. O EACG tem duração de seis semanas e apresenta a seguinte grade curricular: noções de veterinária, cinofilia, cinotecnia, psicologia canina, treinamento físico militar com cães, adestramento prático e teórico de cães, operações com cães, legislações caninas, e manejo e administração de canil.



The Emperor's Royal Kennel

The kennel belonging to the Brazilian Army's 1st Guard Battalion was inaugurated February 11, 1999, to support the unit's activities, especially operations to guarantee law and order – one of the battalion's doctrinal missions.

The battalion squad has 18 dogs, including Rottweilers, Belgian shepherds, Labrador retrievers, American Staffordshire terriers, Argentine dogos and golden retrievers. The war dogs of the 1st Guard Battalion are used in operations according to their specialization, from the simplest tasks, such as facility guard, to detecting explosives.

The 1st Guard Battalion trains war dog handlers in the Brazilian Army and other military institutions where dogs are used. The candidates undergo a training process with their dogs, focused, among other attributes, on their emotional bond, which will qualify them as working partners. The course lasts six weeks and includes classes such as: veterinary overview, keen interest for dogs, dog handling techniques, canine psychology, physical-military training with dogs, practical and theoretical dog training, operations with dogs, canine legislation, and handling and administration of kennels.

MILITARY DOGS PLAY KEY ROLE IN Operation ARCANJO

COLONEL ALFREDO DE ANDRADE BOTTINO/FORMER BRAZILIAN ARMY COMMANDER, 1ST GUARD BATTALION

The areas surrounding the favelas of Penha and Alemão in northern Rio de Janeiro were dominated by organized crime for many years. In December 2010, security forces started a pacification process in this region, under the command of the Brazilian Army.

The Pacification Force was created in 2010 by an official decree aimed at promoting law and order in an area where police access had been blocked by drug traffickers. During 20 months of operations in the area, troops displayed the skills and professionalism of the Brazilian Military. The Army's performance was put to the test in a fourth-generation conflict with the mission of maintaining public order in the state of Rio de Janeiro.

MILITARY DOGS IN THE BRAZILIAN ARMY

The Brazilian Army systematized the use of dogs in 1967, authorizing them within the Military Police organizations of the Army during jungle operations and commando activities, and the Airborne Infantry Brigade.

Today, the Military units that use dogs include the Military Police, the 1st Battalion Guard and Special Operations. The animals are used as bodyguards, facility guards, security for sensitive locations, at civic and military parades, and to escort inmates. They also guarantee law and order, especially during conflict-control operations, facilities search, patrolling, demonstrations, and to guard stations and perimeters, increasing the security of barracks.

Military dogs have characteristics ideal for military use, and they have good health, endurance, strength, trainability and vivacity. The war dog is trained in obedience, protection or scent for military employment during peace or war.

Dogs are a good option during operations because they spare the Soldiers' lives, provide a psychological impact on the enemy, have a small frame, can move rapidly (10 meters in 2 seconds) and are immune to tear gas. Dogs are also precise during searches for illicit material and people. As a nonlethal weapon, war dogs can increase combat power. The psychological effect offered by these animals is very important for the success of a mission, especially if the activities take place in urban areas, where the collateral effect of a failed operation may bring disastrous consequences to a force.

DOGS IN OPERATION ARCANJO

During the Operation Arcanjo pacification process in the favelas of Penha and Alemão, the Brazilian Army was supported by war dogs from the 1st Guard Battalion. A variety of missions were executed, including ones that requested support from the K-9 battalion.

Specialized canines were deployed, depending on the mission. For example, sniffing dogs were used during search and arrest operations. However, depending on what they were searching for (drugs, weapons, ammunition, explosives), more specialized dogs were chosen.


Attack dogs joined the riot troops from the battalion, many of which occasionally acted as reserve for the larger unit being supported. Performance dogs made public presentations in social communication missions.

The fiercest animals were used for persuasion during disturbances. Their ability to intimidate possible perpetrators enhanced the strength of the troops. During the pacification, foot patrols in alleys and streets intensified. The use of dogs protected officers by helping them screen their surroundings in narrow spaces and anticipating the presence of a possible aggressor.

Canines helped a subunit of the 1st Guard Battalion during a 15-day occupation of the Misericórdia Mountain Range, a transitional area that divides the Penha and Alemão complexes. It is covered by Atlantic jungle vegetation and has a quarry. The dogs guarded the facilities built on top of the hills and the checkpoints along the main entrances that connect one community to the other.

The dogs from the 1st Guard Battalion also were used to screen cars and purses. During certain occasions, riot troops consisting of a platoon from the 1st Guard Battalion were used as reserve for the larger units. The unit maintained control of local protests led by drug dealers, who tried to manipulate residents by causing distress and humiliating the troops. The criminals' objective was to incite a disproportionate reaction by the troops against the population (innocent or not). In these instances, canines, with their great power of intimidation, proved to be an important tool that discouraged the use of firearms and increased combat capability.

The Brazilian Army's presence in key locations throughout the community obstructed drug dealers throughout the operation, resulting in persistent attempts by once-dominant organized crime elements to sabotage the operation. These "exclusion zones" represented an efficient strategy to maintain the control of pacified areas. With the help of canines, the troops guarded the entrance to communities, halting the circulation of weapons and drugs.

The number of dogs in the Brazilian Army is still small, but it will increase, thanks to the success of these animals in activities that require control and security. The dogs are also tools that can replace the need for firearms, especially during large events, such as those scheduled to take place in Brazil in the coming years, such as the 2014 World Cup and the 2016 Summer Olympics. 

EVERY OPERATION IS A LEARNING OPPORTUNITY THAT CAN LEAD TO IMPROVEMENT AND DEVELOPMENT OF OUR DOCTRINE. THIS ARTICLE'S GOAL IS TO PRESENT THE LESSONS LEARNED FROM THE USE OF DOGS BY THE BRAZILIAN ARMY'S 1ST GUARD BATTALION DURING OPERATION ARCANJO.

Training and Technology Mark Air Force's 93rd Anniversary

The power and prowess of Colombia's Air Force was on display at the institution's 93rd anniversary in November 2012. Fighter jets, Super Tucanos and Black Hawk helicopters conducted flyovers of the Military Transport Air Command (CATAM) base in Bogotá as the institution celebrated its achievements in training, technology and war fighting.

"The Colombian Air Force has a human capital that is increasingly better trained, more skilled and has at its disposal the best team in the history of the Air Force," President Juan Manuel Santos said at the event, which was attended by Air Force representatives from the U.S., Brazil and the Dominican Republic. "I do not tire of repeating what I hear from so many demobilized members of the FARC and ELN [guerrilla organizations], the terror that they feel when they know that the Air Force is nearby."

In 2012, Colombia was the only one of 27 participating nations to represent Central America, South America and the Caribbean in the Red Flag international aerial combat competition at Nellis Air Force Base in Las Vegas, Nevada. "In every way we measure, the Colombian Air Force was exceptional," U.S. Air Force Colonel George T. Menker told *Diálogo*, reflecting on the success of the elite group. At the competition, Colombian pilots demonstrated their combat capability and conducted real and simulated operations that helped to hone skills.

Also at the anniversary celebration, Colombian Air Force Commander General Tito Saúl Pinilla lauded Colombia's technological advances and goals, including development of IRIS, an unmanned aerial vehicle that will be used in the fight against guerrilla groups and to protect national infrastructure.

"The project is advancing very quickly," he said. Gen. Pinilla added that he hopes to announce to Colombians by midyear that "these are the unmanned aerial vehicles, made in Colombia, produced by the Colombian Air Force and the state enterprise for all Colombians." *Source: Diálogo*



ABRAHAM MAHSHIE

COLÔMBIA

Treinamento e tecnologia marcam o 93º aniversário da Força Aérea

Opoder e a bravura da Força Aérea da Colômbia estiveram em exposição no aniversário de 93 anos da instituição, em novembro de 2012. Caças, Super Tucanos e helicópteros Black Hawk realizaram sobrevoos na base do Comando Aéreo de Transporte Militar (CATAM) em Bogotá, enquanto a instituição celebrava suas conquistas em tecnologia, treinamento e combate.

"A Força Aérea colombiana tem um capital humano que é cada vez mais bem treinado, mais qualificado, e tem à sua disposição a melhor equipe na história da Força Aérea", disse o presidente Juan Manuel Santos, no evento que teve a participação de representantes da Força Aérea dos EUA, do Brasil e da República Dominicana. "Eu não me canso de repetir o que ouvi de tantos membros desmobilizados das FARC e do ELN [organizações guerrilheiras] sobre o terror que eles sentem quando sabem que a Força Aérea está por perto".

Em 2012, a Colômbia foi o único dos 27 países participantes a representar a América Central, a América do Sul e o Caribe na "Red Flag", uma competição de combate aéreo internacional na Base Aérea de Nellis, em Las Vegas, Nevada. "De todas as maneiras possíveis que podemos analisar, a Força Aérea Colombiana foi excepcional," disse a *Diálogo* o Coronel George T. Menker da Força Aérea dos EUA, refletindo sobre o sucesso do grupo de elite. Na competição, os pilotos colombianos demonstraram a sua capacidade de combate e conduziram operações reais e simuladas que ajudaram a aprimorar suas habilidades.

Também na celebração do aniversário, o Tenente-Brigadeiro-Ar Tito Saúl Pinilla, comandante da Força Aérea Colombiana, elogiou os avanços e objetivos tecnológicos da Colômbia, incluindo o desenvolvimento do "IRIS", um veículo aéreo não tripulado que será usado na luta contra grupos guerrilheiros e na proteção da infra-estrutura nacional.

"O projeto está avançando muito rapidamente", disse ele. O Ten Brig Pinilla acrescentou que espera anunciar aos colombianos até a metade do ano que "estes são os veículos aéreos não tripulados, feitos na Colômbia, produzidos pela Força Aérea Colombiana e pela empresa estatal, para todos os colombianos". *Fonte: Diálogo*



GETTY IMAGES

Os proprietários de terras que infringiam as leis ambientais brasileiras, removendo de suas fazendas a mata nativa, costumavam ter apenas uma forma de acertar as contas com os fiscais do governo: plantar árvores. Agora, eles têm a chance de limpar seus nomes com apenas um clique.

Depois de décadas tentando proteger as florestas que vêm encolhendo rapidamente, o Brasil lançou uma plataforma digital chamada Bolsa Verde do Rio de Janeiro (BVRio). Os produtores que têm mais áreas de floresta virgem do que é legalmente exigido podem vender “cotas” para os agricultores que têm déficit de cobertura florestal, sendo negociado um hectare de cada vez, por um preço determinado através da oferta e da procura. Pela lei, os produtores têm de manter uma quantidade mínima de crescimento nativo em suas propriedades, variando entre 20 e 80 por cento de suas terras, dependendo do tipo de vegetação.

A plataforma de negociação, lançada em dezembro de 2012, permite que os agricultores se encontrem e negociem diretamente uns com os

OUTROS. Fonte: The Associated Press

Forest Protection Goes Digital

Landowners who broke Brazil’s environmental laws by clearing their farms of native forest used to have just one way to make right with government inspectors: plant trees. Now, they can clear their names by just pointing and clicking.

After decades of trying to protect rapidly shrinking forests, Brazil has launched a digital platform called Bolsa Verde do Rio de Janeiro (BVRio), or Rio de Janeiro Green Exchange. Growers who have more untouched forest land than legally required can sell “quotas” to farmers who fall short, one hectare at a time, for a price determined by supply and demand. Under the rule, growers have to keep a minimum amount of native growth on their properties, ranging from 20 to 80 percent of their land depending on the type of vegetation.

The trading platform, launched in December 2012, allows farmers to find and negotiate directly with each other. Source: The Associated Press

ISTOCK

PROTEÇÃO DA FLORESTA ENTRA NA ERA DIGITAL

**Junte-se ao Diálogo!
Nosso Diálogo!**

NOSSO *DIÁLOGO* NÃO TERMINA AQUI. CONTINUA NAS

REDES SOCIAIS

Twitter • *Website* • *Facebook*

@Dialogo_pt • *www.dialogo-americas.com* • *Diálogo - Português*

